

INSTITUTO FEDERAL
Paraíba
Campus Campina Grande

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

JOALES DA SILVA COSTA

EDUCAÇÃO FINANCEIRA CRÍTICA: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA
FORMAÇÃO CIDADÃ

CAMPINA GRANDE - PB

2025

JOALES DA SILVA COSTA

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA CRÍTICA: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA
FORMAÇÃO CIDADÃ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso Superior de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Luís Havelange Soares

Catálogo na fonte:

Ficha catalográfica elaborada por Gustavo César Nogueira da Costa - CRB 15/479

C837e Costa, Joales da Silva. .

Educação financeira crítica: trilhando caminhos para uma formação cidadã / Joales da Silva Costa. - Campina Grande, 2025.

121 f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Matemática) - Instituto Federal da Paraíba, 2025.

Orientadores: Prof. Dr. Luís Havelange Soares.

1. Educação financeira. 2. Formação cidadã. 3. Educação crítica. 4. Ensino médio – Metodologias. I. Soares, Luís Havelange. II. Título.

CDU 336.7

JOALES DA SILVA COSTA

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA CRÍTICA: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA
FORMAÇÃO CIDADÃ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso Superior de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Luís Havelange Soares

Aprovado em: 13/08/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luís Havelange Soares - Instituto Federal da Paraíba

Profa. Me. Adriana Rodrigues Pereira de Souza - Instituto Federal da Paraíba

Profa. Dra. Anna Giovanna Rocha Bezerra - Instituto Federal da Paraíba

Documento assinado eletronicamente por:

- Luís Havelange Soares, COORDENADOR(A) DE CURSO - FUC1 - CCLM-CG em 14/08/2025 05:46:56.
- Anna Giovanna Rocha Bezerra, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 14/08/2025 06:33:45.
- Adriana Rodrigues Pereira de Souza, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 15/08/2025 09:25:49.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 13/08/2025. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.ifpb.edu.br/autenticar_documento/ e forneça os dados abaixo:

Código 748986
Verificador: 3ffc3dbb49
Código de Autenticação:



Dedico este trabalho ao meu pai (In Memoriam), que sempre buscou proporcionar oportunidades para que eu pudesse estudar e me formar. À minha querida amiga Débora (In Memoriam), que partiu precocemente desta vida, seu apoio ia além das trivialidades do cotidiano, estendendo-se aos projetos escolares, sua alegria e perseverança têm sido fontes de inspiração sempre que penso em desistir. Entre as pessoas que estão presentes fisicamente em minha vida, destaco minha mãe, meu pilar de sustentação, e minhas irmãs Joyce e Gisianny, que acreditam no poder transformador da educação e estão sempre em busca de novos conhecimentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus familiares que estiveram ao meu lado nos momentos difíceis, nas adversidades de saúde e nos desafios de escolher um curso tão diferente do que eu estava acostumado, Psicologia. Sem eles, este trabalho não seria possível, pois eles forneceram o suporte, o amor e a dedicação necessários para enfrentar os desafios da vida. Quando falo de família, não me refiro apenas aos laços de sangue, mas também aos amigos e pessoas que me fortalecem diariamente.

Expresso minha gratidão aos amigos Alex Martins e Elaine Oliveira pelas noites de alegria, pelas conversas sobre a essência de ser professor e por tantos outros momentos significativos do dia a dia. Nesse contexto, destaco minha querida amiga Hozana, cujas conversas sobre prática docente enriquecem minha jornada acadêmica.

Agradeço aos meus professores do curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande, cujos ensinamentos enriquecedores me tornaram mais humano e empático, capacitando-me a ouvir e compreender o outro, habilidades essenciais na docência. Em especial, destaco Myrna Maracajá, professora de Psicologia da Infância, cuja frase "toda demanda é de amor" ressoa profundamente em mim.

Expresso minha gratidão aos professores do ensino médio, que dedicaram esforços para introduzir novas metodologias, promover o engajamento da turma e incentivar o protagonismo juvenil. Destaco figuras como Celson Izidoro, Anna Giovana, Adeildo Filho, entre outros. Especial menção a Gladys Veiga, que despertou em mim uma paixão por compreender o mundo por diferentes perspectivas. "Somos heróis do dia a dia", como dona Maria do Beju, seu João da Feira, Rita professora de Arte, todos protagonistas importantes das histórias do Brasil. Graças a Glayds, sinto-me protagonista na busca por uma Matemática mais envolvente, que aborda os dilemas sociais.

Expresso minha gratidão aos professores do Instituto Federal da Paraíba, em particular aos membros da banca examinadora deste trabalho, Anna Giovanna, Adriana Araújo, além do meu estimado orientador, Havelange, exemplo de humanidade em sala de aula, cujas reflexões cotidianas tornam a Matemática mais acessível e cativante.

Expresso minha profunda gratidão aos meus amigos de curso, em particular a Renata Araújo e Iann Tardely, cujo apoio e companheirismo foram fundamentais ao longo desta jornada, no caso do Iann suas contribuições foram inestimáveis para o sucesso deste projeto.

Não posso deixar de mencionar o papel crucial desempenhado pela escola ECIT Professor Bráulio Maia Júnior, que gentilmente abriu suas portas para esta pesquisa. Minha sincera gratidão pelo acolhimento caloroso e pela colaboração de todos os alunos que participaram ativamente, sendo verdadeiros protagonistas e contribuindo significativamente para moldar este trabalho. Um agradecimento especial aos meus colegas residentes Lucas, Ramsés, bem como ao preceptor e professor titular da turma, Arjuna Escarião, pela orientação durante todo o processo.

Que Deus me guarde pois eu sei que ele não é neutro
Vigia os rico, mas ama os que vem do gueto
Eu visto preto por dentro e por fora
Guerreiro, poeta, entre o tempo e a memória

Ora, nessa história vejo dólar e vários quilates
Falo pro mano que não morra e também não mate
O tic-tac não espera, veja o ponteiro
Essa estrada é venenosa e cheia de morteiro

Pesadelo é um elogio
Pra quem vive na guerra, a paz nunca existiu
Num clima quente, a minha gente sua frio
Vi um pretinho, seu caderno era um fuzil
Um fuzil

(Racionais MC's, 2002, Música)

RESUMO

Este trabalho aborda a importância da educação financeira crítica no contexto escolar, destacando seu papel na formação cidadã dos estudantes do ensino médio. O estudo foi realizado na Escola Cidadã Integral Técnica (ECIT) Professor Bráulio Maia Júnior, em Campina Grande, onde uma intervenção educacional foi aplicada para explorar conteúdos da educação financeira. A pesquisa analisa as dificuldades de implementação desse tema nas escolas e sugere novas abordagens pedagógicas que tornam as aulas de Matemática mais envolventes e relevantes para a realidade dos alunos. O trabalho também explora a relevância de aproximar o conteúdo da educação financeira do cotidiano dos estudantes, capacitando-os a tomar decisões financeiras mais informadas e conscientes. Os resultados desta pesquisa mostram a relevância da aplicação da educação financeira nos espaços educacionais e apontam para a urgência de políticas públicas que integrem a educação financeira crítica como um componente essencial no currículo escolar. Ficou evidenciado que a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem, por meio de discussões, projetos e atividades práticas, pode fortalecer a compreensão crítica da realidade econômica da sociedade e a aplicação dos conceitos de educação financeira em suas vidas diárias.

Palavras-chave: Educação financeira crítica, formação cidadã, ensino de Matemática, intervenção educacional, escola pública.

ABSTRACT

This work addresses the importance of critical financial education in the school context, highlighting its role in the citizenship formation of high school students. The study was carried out at Escola Cidadã Integral Técnica (ECIT) Professor Bráulio Maia Júnior, in Campina Grande, where an educational intervention was applied to explore financial education content. The research analyzes the difficulties of implementing this theme in schools and suggests new pedagogical approaches that make Mathematics classes more engaging and relevant to the students' reality. The work also explores the relevance of bringing financial education content closer to students' daily lives, enabling them to make more informed and conscious financial decisions. It was evident that the active participation of students in the learning process, through discussions, projects and practical activities, can strengthen their critical understanding of the economic reality of society and the application of financial education concepts in their daily lives.

Keywords: Critical financial education, citizenship training, Mathematics teaching, educational intervention, public school.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA -1: ABRANGÊNCIA DA AMOSTRA DO SAEB - BRASIL - 1995-2005.....	29
FIGURA-2: BRASIL - PROFICIÊNCIAS DO SAEB 1995 – 2005.....	30
FIGURA-3: ENSAIO NO AUDITÓRIO - AUTO DO ENDIVIDAMENTO.....	51
FIGURA-4: APRESENTAÇÃO- AUTO DO ENDIVIDAMENTO.....	53
FIGURA-5: CENÁRIO - AUTO DO ENDIVIDAMENTO.....	54
FIGURA-6: CONSTRUÇÃO DE MATERIAL CONCRETO I.....	55
FIGURA- 7: CONSTRUÇÃO DE MATERIAL CONCRETO II.....	55
FIGURA-8: CARTAZ 1 – CONSULTE SEU CPF.....	56
FIGURA-9: DE OLHO NA SAÚDE FINANCEIRA - SERASA.....	58
FIGURA-10: CARTAZ 2 – O QUE COMPÕE A PONTUAÇÃO DO SCORE.....	59
FIGURA-11: CARTAZ 3 - AVALIAÇÃO DO SCORE.....	59
FIGURA-12: CARTÕES DE CRÉDITO.....	60
FIGURA-13: CARTAZ 4 - CLASSIFICANDO OS TIPOS DE DÍVIDAS.....	61
FIGURA-14: CARTAZ 5 - CLASSIFICANDO OS GASTOS.....	62
FIGURA-15: CARTAZ 6 - ATENÇÃO.....	62
FIGURA-16: CARTAZ 7 - DESENROLA BRASIL.....	63
FIGURA-17: CARTAZ 8 - ETAPAS DO DESENROLA BRASIL.....	63
FIGURA -18: ITEM 1 - QUESTIONÁRIO FINAL.....	65
FIGURA-19: ITEM III - QUESTIONÁRIO FINAL.....	65
FIGURA-20: ITEM IV - QUESTIONÁRIO FINAL.....	66
FIGURA-21: - ITEM V - QUESTIONÁRIO FINAL.....	66
FIGURA-22: QUESTÃO DISCURSIVA 1 - QUESTIONÁRIO FINAL.....	67
FIGURA-23: QUESTÃO DISCURSIVA II - QUESTIONÁRIO FINAL.....	67
FIGURA-24: QUESTÃO DISCURSIVA III - QUESTIONÁRIO FINAL.....	68
FIGURA-25: QUESTÃO DISCURSIVA IV - QUESTIONÁRIO FINAL.....	68
FIGURA-26: CENÁRIO O AUTO DO ENDIVIDAMENTO.....	81
FIGURA-27: CAPTURA DE TELA DO VÍDEO INTRODUTÓRIO DO AUTO DO ENDIVIDAMENTO....	82
FIGURA-28: CAPTURA DE TELA DO VÍDEO SAMSUNG O FUTURO.....	83
FIGURA-29: ACEITAMOS CARTÕES!.....	83
FIGURA-30: CARTÃO FELICIDADARD.....	84
FIGURA-31: DESCRIÇÃO CARTÃO FELICIDADARD.....	84
FIGURA-32: CARTÃO LAMPIÃO PREMIUM.....	85
FIGURA-33: DESCRIÇÃO CARTÃO LAMPIÃO PREMIUM.....	85
FIGURA-34: CARTÃO VISA DO SERTÃO.....	86
FIGURA-35: DESCRIÇÃO CARTÃO VISA DO SERTÃO.....	86
FIGURA-36: CHAPÉU DE COURO COM ACRÉSCIMO DO CARTÃO DE CRÉDITO.....	87
FIGURA -37: OFERTA BURRO DE RAÇA.....	91
FIGURA-38: HISTÓRICO DE PREÇO DO BURRO DE RAÇA NO SITE ZOOM.....	92

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABP - Aprendizagem Baseada em Problemas

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

ECIT – Escola Cidadã Integral Técnica

EMC -Educação Matemática Crítica

ENEF- Estratégia Nacional de Educação Financeira

IFPB – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

I-SFB - Índice de Saúde Financeira do Brasileiro

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PISA – Programa Internacional de Avaliação de Alunos

RP – Residência Pedagógica

UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1	Introdução.....	14
1.1.	Apresentação do tema e do problema da pesquisa.....	16
1.2	A estrutura da pesquisa.....	19
2.	A educação financeira nas escolas do Brasil.....	21
2.1	Políticas de combate à exclusão: a importância da alfabetização financeira.....	23
2.2	Uma breve análise da educação/matemática financeira nas escolas do Brasil.....	26
3.1	A matemática na escola: as relações e os obstáculos no processo de ensino/aprendizagem da matemática financeira.....	30
3.2	Uma análise da pontuação do score na sociedade: “tenho score, logo existo”	35
3	Procedimentos Metodológicos da Pesquisa.....	43
3.1	O planejamento da pesquisa.....	43
3.2	O campo e os colaboradores da pesquisa.....	44
3.3	A escolha do tema.....	47
3.4	As etapas do projeto.....	48
4.	Uma educação financeira com significados, crítica e social é possível.....	66
	Considerações finais.....	73
	Referências.....	75
	Apêndice A - Questionário de sondagem sobre educação financeira.....	79
	Apêndice b - O auto do endividamento – versão adaptada do auto da compadecida de ariano suassuna.....	83
	Apêndice d – Estrutura de olho na saúde financeira.....	103
	Anexo a – Material de apoio de olho na sua saúde financeira: a serasa.....	107
	Anexo b – Ser especial de danuza leão.....	113
	Anexo c – Uso do cartão de crédito e o endividamento da população.....	116

1 Introdução

A experiência nas escolas públicas durante a formação dos professores oferece oportunidades para confrontar situações e desafios que exigem transformações essenciais, a fim de garantir uma atuação eficaz na formação cidadã dos alunos durante o processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, minha participação nos programas institucionais PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) e RP (Residência Pedagógica) levou-me a um desejo crescente de intervenção na realidade social e educacional em que estou inserido atualmente. Ao participar desses programas, constatei, na prática, os elevados índices de dificuldades enfrentadas pelos estudantes na disciplina de Matemática, frequentemente destacados nos noticiários governamentais. Tais dificuldades não se restringem apenas às operações matemáticas básicas, mas estendem-se também ao campo da educação financeira, um tema que será explorado ao longo dos capítulos desta dissertação, dada a sua relevância no panorama educacional contemporâneo.

Os obstáculos para o desenvolvimento da educação financeira nas escolas são diversos e complexos, indo desde as dificuldades enfrentadas na disciplina de Matemática até questões mais amplas, como a formação dos professores, a prevalência do ensino tradicional centrado no professor e o estigma de que a Matemática é uma disciplina difícil e mecanizada. Esses desafios exigem abordagens inovadoras e estratégias eficazes para promover uma educação financeira efetiva e abrangente nas instituições de ensino.

Durante meu percurso acadêmico no IFPB (Instituto Federal de Educação da Paraíba), ao cursar disciplinas como Laboratório de Matemática I e II, Didática Geral, Didática da Matemática e Práticas de Ensino, tive a oportunidade de dialogar sobre os desafios enfrentados pelas escolas brasileiras e explorar maneiras de aprimorar o ensino de Matemática, buscando reduzir a defasagem por meio da implementação de novas metodologias, jogos, projetos e oficinas. Acredito no forte potencial dessas abordagens para tornar as aulas mais atrativas, dinâmicas e com maior participação dos alunos.

Com base nesses aprendizados, decidi desenvolver uma intervenção em uma turma da Escola Cidadã Integral Tecnológica (ECIT) Prof. Bráulio Maia Júnior, localizada em Campina Grande (adiante serão abordados detalhes desta instituição educacional), por meio de um projeto educacional sobre educação financeira.

Ao navegar pelas redes sociais¹, deparamo-nos frequentemente com anúncios de *coaches* que prometem enriquecimento fácil, incentivando o uso de métodos que supostamente garantem o ganho do primeiro milhão. Jogos como o "Tigrinho", que ganhou popularidade até mesmo em forma de repertório musical, e está sob investigação policial, capturam a atenção facilmente de pessoas sem conhecimentos financeiros sólidos. Ao nos aprofundarmos em materiais de educação financeira para o ensino médio, percebemos um distanciamento desses recursos da realidade da maioria dos brasileiros que vivem em situação de vulnerabilidade social.

Diante dessa realidade, na condição de educadores matemáticos, é pertinente nos perguntarmos: Como abordar temas como poupança, investimento em criptomoedas, preparação para a aposentadoria e uso responsável do cartão de crédito para aqueles que estão constantemente lutando com poucos recursos financeiros para sobreviver?

É essencial aproximar esses temas dos contextos educativos da educação básica, destacando os problemas sociais, suas causas e consequências que influenciam as tomadas de decisão, considerando a realidade de cada estudante. Um caminho relevante para essa aproximação pode ser dado através do apoio da arte e de outras áreas do conhecimento para que os alunos se sintam parte integrante do processo, motivados a buscar compreender criticamente as aplicações da Matemática no seu cotidiano, para a minimização de problemas financeiros, sempre que possível. Por isso, optamos por desenvolver um projeto condizente com a realidade local. O projeto foi desenvolvido com toda a turma, entretanto, escolhemos apenas dois grupos destes para discorrer nessa pesquisa.

Para o desenvolvimento do estudo, foram utilizados como aportes teóricos os estudos de Paulo Freire (1996), D'Ambrósio (2012), Bauman (2008), Murakami (2020), entre outros autores que discutem a educação a partir de uma perspectiva crítica, social e contextualizada. A principal base epistemológica do trabalho se ancora na Educação Matemática Crítica (EMC), campo que entende a Matemática não apenas como um conjunto de técnicas e fórmulas, mas como uma linguagem com potencial para analisar a realidade, fomentar o pensamento reflexivo e contribuir para a formação cidadã. Freire (1996) reforça que a educação verdadeira ocorre quando o aluno se torna sujeito da construção do conhecimento, e D'Ambrosio (2012) destaca que ensinar exige um profundo compromisso com o outro, com o mundo e com a transformação social. Nesse sentido, a Educação Financeira foi tratada não de

1 Redes sociais são plataformas digitais que permitem a conexão e interação entre pessoas, grupos e organizações por meio da internet. Elas facilitam a comunicação, o compartilhamento de informações, ideias, fotos, vídeos e outros conteúdos em tempo real.

maneira tecnicista, mas como prática social, associada à vivência, à cultura e aos conflitos cotidianos.

Os resultados desta pesquisa mostram a relevância da aplicação da educação financeira nos espaços educacionais, evidenciando possibilidades em que os discentes desenvolvem habilidades de gestão financeira e aprendem a analisar criticamente decisões financeiras.

A partir das práticas de intervenção realizadas com turmas do ensino médio da ECIT Prof. Bráulio Maia Júnior, os estudantes participaram ativamente da construção de conhecimento por meio de atividades práticas, jogos, teatro, debates e simulações, como a stand da “Serasa”. Essa abordagem demonstrou que a Educação Financeira, quando aliada à realidade local, à interdisciplinaridade e ao protagonismo estudantil, torna-se uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento de competências socioeconômicas, o combate ao endividamento e a valorização de atitudes conscientes frente ao consumo. Dessa forma, constata-se que inserir práticas de Educação Financeira Crítica na escola pública pode contribuir para a construção de uma geração mais consciente, autônoma e preparada para os desafios financeiros da vida adulta.

1.1. Apresentação do tema e do problema da pesquisa

O estudo de Matemática financeira durante o ensino médio não possibilita aos estudantes uma formação crítica que os capacitem a gerir de modo adequado os gastos pessoais, resultando na ausência de planejamentos financeiros, prejudicando o processo de formação cidadã. Conseqüentemente, isso pode levar a um cenário potencial de endividamento e instabilidade financeira na vida pessoal, tanto no período da vida estudantil quanto após a conclusão da educação básica.

Desse modo, a educação financeira é essencial para preparar os alunos para os desafios econômicos e permitir a busca por uma vida financeira saudável. No entanto, muitos alunos não têm acesso aos aspectos educacionais necessários para poder trilhar esse caminho. Esta pesquisa surgiu a partir do desejo de se desenvolver e utilizar estratégias educativas eficazes utilizando recursos didáticos e interativos para promover a consciência financeira entre alunos do ensino médio. Nos últimos anos, muitos esforços foram realizados para desenvolver a Educação Financeira nos ambientes educacionais. No entanto, ainda encontramos grande dificuldade em ver esses temas presentes nas aulas e em ações educacionais, o que contribui

para a falta de reflexão sobre uma diversidade de temas da socioeconômicos, dentre eles a desigualdade social.

Nas escolas, os conteúdos de Educação Financeira abordados na disciplina de Matemática costumam ser tratados de forma superficial ou insuficiente, criando uma barreira para que possamos, com informações e conhecimentos, refletir sobre a situação delicada em que o país se encontra e sobre as causas e consequências da realidade econômica dos estudantes. Conceitos como juros e porcentagem ainda representam um grande desafio para os estudantes, o que explica por que tantas pessoas acabam comprometendo seu futuro com dívidas, sem compreender o impacto dos juros compostos, especialmente em dívidas de cartões de crédito. Além disso, muitos não entendem como as decisões econômicas, que são impostas por decisões do Banco Central, do Congresso Nacional e de grandes corporações do mercado financeiro, os afetam diretamente, pois estão focados em sobreviver, obter o básico e lidar com boletos e contas acumuladas.

A superficialidade com que os conceitos de Educação Financeira são explorados nas escolas reflete-se, por exemplo, na falta de consciência e de criticidade sobre os elementos geradores das desigualdades econômicas, nos altos índices de inadimplência e na aceitação determinística da realidade sem questioná-la. Segundo dados da Serasa Experian, o número de cidadãos inadimplentes no Brasil atingiu um novo recorde em 2022, com mais de 66 milhões de brasileiros "negativados", o maior número da série histórica iniciada em 2016.

Essa realidade evidencia a necessidade de intervenções nas instituições educacionais brasileiras, utilizando recursos didáticos e interativos para ensinar Educação Financeira, de modo a promover caminhos econômicos mais saudáveis e estáveis. Diante desse contexto, surge a seguinte questão-problema: De que forma uma intervenção pedagógica baseada em práticas críticas e lúdicas pode contribuir para a compreensão da Educação Financeira no Ensino Médio?

Como a falta de conhecimento sobre as próprias finanças é um problema crônico no Brasil, é importante incluir a educação financeira como tema na formação básica dos cidadãos. Controlar gastos, fazer um planejamento antes de ir às compras e evitar consumir por impulso são algumas atitudes simples que deveriam ser assimiladas desde criança. (Vignoli, José, 2022)

A Educação Financeira representa o processo de aprendizagem sobre a "saúde econômica" no contexto das finanças na sociedade, buscando formar cidadãos com uma visão crítica sobre o uso do dinheiro e seus impactos. De acordo com documentos nacionais, a

Constituição brasileira vincula a educação ao pleno desenvolvimento da pessoa e à sua preparação para o exercício da cidadania.

O dinheiro é essencial na vida das pessoas, e temas como pagamento, aposentadoria, parcelamento, endividamento, investimento, oferta e outras atividades cotidianas exigem uma sólida compreensão sobre finanças pessoais, familiares e o funcionamento do mercado.

No ano de 2010 foi criada a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) com o Decreto 7397/2010. Após esse momento a Educação Financeira ganha mais espaço nas escolas. O site oficial da ENEF usa o seguinte conceito para EF:

Educação Financeira é o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação, possam desenvolver os valores e as competências necessários para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos neles envolvidos e, então, poderem fazer escolhas bem-informadas, saber onde procurar ajuda e adotar outras ações que melhorem o seu bem-estar. Assim, podem contribuir de modo mais consistente para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro (OCDE, 2005).

Promulgada em 2017, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – Ensino Fundamental, trouxe em seus textos a exigência de que a Educação Financeira estivesse presente no currículo.

[...] cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, [...] incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. Entre esses temas, destacam-se: [...] educação financeira [...] (BRASIL, 2017, p. 19-20).

Nesse sentido, com relação a Educação Financeira, como será explorado nessa pesquisa, é notado um aumento gradativo dos números de trabalhos de pesquisas no contexto de políticas educacionais. De acordo com Ball e Mainardes (2011, p.11)

No Brasil, a pesquisa sobre políticas educacionais vem se configurando como um campo distinto de investigação e em permanente busca de consolidação. Nos últimos anos, pôde-se observar um aumento significativo de pesquisas, publicações, grupos de pesquisa, linhas de pesquisa em programas de pós-graduação e eventos específicos sobre políticas sociais e educacionais. Apesar desse cenário promissor, diversos pesquisadores do campo das políticas destacam a necessidade de empregar referenciais analíticos mais consistentes, bem como de ampliar a interlocução com a literatura internacional, bastante vasta e com uma variedade de perspectivas teórico-metodológicas.

Diante do exposto, evidencia-se a necessidade de que os educadores busquem alternativas que facilitem o processo de ensino-aprendizagem, promovendo o

desenvolvimento de competências e habilidades essenciais para estimular o pensamento em torno da Educação Financeira.

Esta pesquisa investigou a relevância de uma intervenção pedagógica como uso de recursos didáticos e interativos no ensino de Educação Financeira, culminando em uma exposição sobre o tema na escola. O objetivo da intervenção foi despertar nos alunos o interesse em explorar e compreender as nuances da gestão financeira, capacitando-os a administrar suas finanças de forma eficiente e crítica em às demandas econômicas atuais.

Nessa perspectiva, o presente trabalho buscou investigar o potencial didático e metodológico de um projeto educacional voltado à Educação Financeira para promover o desenvolvimento crítico e social dos alunos. Para alcançar esse objetivo, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- Analisar contribuições para os estudantes de uma mediação de educação financeira que fomente uma relação racional e consciente com o dinheiro;
- Estudar fatores significativos de explorações com educação financeira para o processo de uma formação cidadã com criticidade
- Pesquisar o potencial de atividades com teatro para a exploração de situações problemas com a Matemática Financeira.

Assim, a proposta desenvolvida para esta pesquisa visou não apenas trabalhar conceitos financeiros, mas também estimular o pensamento crítico, a consciência sobre o uso responsável dos recursos pessoais e a compreensão de que a Educação Financeira é uma habilidade essencial e transversal, com impacto direto na formação cidadã dos alunos.

1.2 A estrutura da pesquisa

O trabalho está organizado em quatro capítulos, além deste capítulo introdutório, no qual a apresentamos nossa relação com a temática da pesquisa, o problema da nossa investigação e os objetivos delineados.

O capítulo 2 é dedicado a apresentar os objetivos gerais e específicos deste trabalho, como também expor a necessidade de explorar essa temática na sociedade, e enunciar a questão diretriz, por fim levantar uma breve introdução à Educação Financeira.

No capítulo 3 é exposto toda fundamentação teórica que embasa esse estudo, dando base para a pesquisa e seu desenvolvimento através de fontes bibliográficas e documentos oficiais sobre os conteúdos envolvidos no recorte da Educação Financeira explorado.

No capítulo 4 é abordado o perfil metodológico utilizado no processo da pesquisa, ressaltando suas características e o intuito de escolhê-las para a investigação de campo, a fim de, na sequência, analisar os dados reunidos.

No capítulo 5 é tratado o desfecho deste trabalho, com as considerações finais do autor, os avanços, e as possíveis conclusões das análises do material coletado e da experiência em sala de aula, com reflexões sobre os resultados alcançados com a pesquisa.

2. A educação financeira nas escolas do Brasil

As análises de estudiosos trazem indicativos da necessidade de fortalecer a educação financeira e a conscientização sobre finanças nas relações das famílias em nosso país. É inegável o impacto que a falta de controle nessa esfera pode exercer no cotidiano, afetando não apenas as rotinas diárias, mas também reverberando em diversos aspectos da vida.

Os estudos examinados destacam um fenômeno crescente de endividamento na população, revelando uma crescente adesão ao cartão de crédito e explorando as dualidades típicas a esse instrumento. O rápido crescimento do crédito no Brasil, especialmente por meio do cartão, se entrelaça com o aumento do endividamento nas camadas de renda mais baixa, provocando debates acalorados sobre as implicações para a economia nacional e a vulnerabilidade do consumidor.

Mesmo compreendendo que estamos inseridos numa sociedade marcada por um modelo econômico capitalista no seu estado mais perverso, que tem como marca a acentuação das desigualdades econômicas, que tem sua existência dependente da maior expansão da miséria, da taxa exacerbadada dos pequenos ganhos da maioria pobre da massa salarial, defendemos que se faz necessário o fortalecimento da educação financeira para, além de compreender as tramas que nos têm levado a esse modelo, enfrentar ou driblar as armadilhas financeiras cotidianas impostas por esse sistema.

A análise de SBICCA (2012) sobre essa vulnerabilidade, considerando indicadores de crédito, inadimplência e comprometimento de renda, fornece uma perspectiva crítica e esclarecedora. Suas conclusões não apenas abordam a situação financeira das famílias brasileiras, mas também lançam luz sobre as complexas interconexões entre crédito, inadimplência e o comprometimento da renda. Essa compreensão aprofundada é crucial para orientar estratégias educacionais e políticas públicas que visem reduzir os desafios enfrentados pelas famílias em meio ao panorama financeiro em evolução.

A expansão do crédito no Brasil, notadamente impulsionada pelo papel em destaque do cartão de crédito no cotidiano dos brasileiros – que se configura numa exigência do modelo neoliberal, acentua a natureza multifuncional desse meio de pagamento e recurso de crédito. No entanto, é crucial destacar os riscos associados ao seu uso indiscriminado, potencialmente conduzindo ao endividamento. Tanto as instituições governamentais quanto a indústria financeira – essa com a maior preocupação de manutenção da espoliação sem o risco

de um caos financeiro, manifestam preocupações pertinentes em relação aos níveis de endividamento e inadimplência, evidenciando a importância de uma abordagem cautelosa.

O estudo acadêmico de Flores (2013) investiga os fatores determinantes e as consequências da dívida no cartão de crédito, com o propósito de contribuir para o desenvolvimento de políticas de crédito e educação financeira. Nesse contexto, destaca-se a relevância da alfabetização financeira e dos comportamentos financeiros na administração responsável da dívida. A pesquisa, assim como outras similares, ressalta o aumento do crédito no Brasil nos últimos anos e a crescente preocupação com o endividamento.

Figueira (2014) evidencia, em sua pesquisa, a acelerada expansão do crédito no Brasil, destacando-se a maior procura por crédito por parte das camadas de menor poder aquisitivo. Apesar desse crescimento, observa-se uma estabilidade nos índices de qualidade de crédito e risco de inadimplência, indicando uma gestão relativamente estável nesse aspecto. O autor aborda também as possíveis consequências econômicas desse fenômeno, com ênfase no aumento da demanda por crédito na faixa de renda mais baixa. No entanto, o endividamento é discutido como uma preocupação, especialmente em relação ao uso do cartão de crédito. A falta de educação financeira é apontada como um fator agravante global para o endividamento, evidenciando a dificuldade das famílias brasileiras em lidar com dívidas significativas.

O aumento do otimismo da população e a facilidade de acesso ao crédito são citados como influências no crescimento do endividamento. Olhando por outro lado pode-se intuir que nos objetivos os levantamentos investigados incluem propensão ao endividamento, atitude frente ao dinheiro, atitude com cartão de crédito, compra compulsiva, compra impulsiva e autocontrole, visando avaliar a estrutura econômico-social do endividamento e fornecer insights para sua prevenção.

Kunkel (2015), alinhado aos demais pesquisadores, corrobora a observação da expansão do crédito no Brasil, com especial enfoque no cartão de crédito. Ele ressalta a importância crucial de administrar o uso do crédito como uma medida preventiva contra o endividamento. Ao discutir um estudo acadêmico que investiga os fatores determinantes e as consequências da dívida no cartão de crédito, sua análise visa contribuir para o desenvolvimento de políticas de crédito e a promoção da educação financeira. O texto destaca, igualmente, a relevância da alfabetização financeira e dos comportamentos financeiros na gestão responsável da dívida.

Campara (2016) adiciona ao panorama ao mencionar que a dívida média das famílias brasileiras atinge níveis significativos, citando a facilidade de acesso ao crédito como uma das influências no aumento do endividamento. A discussão aprofundada sobre os determinantes do endividamento, incluindo cultura consumista, atitudes financeiras, compras compulsivas e comportamento financeiro, revela uma análise abrangente. Variáveis socioeconômicas, como gênero, idade e renda, são igualmente exploradas, visando identificar a influência desses fatores na atitude em relação ao endividamento. A pesquisa ressalta a importância de estabelecer limites para as empresas de cartão de crédito e implementar políticas públicas para proteger grupos vulneráveis.

Nesse contexto, a pesquisa proposta por Murakami (2020) busca analisar o impacto do planejamento familiar e da educação financeira na saúde financeira das famílias brasileiras. Essa abordagem é reforçada por Silva (2020), que destaca a relevância do planejamento financeiro diante dos elevados índices de endividamento e inadimplência. Ambos os autores compartilham a visão de compreender o impacto do endividamento pessoal na qualidade de vida e oferecer orientações valiosas para promover um consumo consciente e equilibrado.

2.1 Políticas de combate à exclusão: a importância da alfabetização financeira

Para Da Silva (2020), o planejamento financeiro se configura como uma ferramenta essencial para compreender a situação econômica pessoal e tomar decisões conscientes, levando em consideração fatores cruciais como inflação e taxas de juros. O planejamento financeiro, no contexto brasileiro, evidencia as profundas transformações introduzidas pelo Plano Real em 1994, marco histórico que proporcionou relativa estabilidade econômica após um longo período de instabilidade inflacionária. Com a inflação sob controle, as pessoas passaram a sentir mais confiança ao guardar dinheiro e traçar planos financeiros.

A prática do planejamento financeiro engloba a previsão de receitas e despesas, sendo imperativo contemplar fatores como inflação e juros para uma estratégia eficaz. É uma ferramenta que não apenas possibilita a compreensão da situação econômica pessoal, mas também respalda a tomada de decisões fundamentadas. Os juros, por sua vez, exercem influência direta na rentabilidade de investimentos e nos custos associados à dívida. Portanto, antecipar receitas e despesas torna-se essencial para a efetividade do planejamento.

Embora a inflação seja mencionada como um fator que historicamente impactou negativamente o planejamento, o advento do Plano Real representa um marco positivo nesse contexto. Destacando os juros como agentes determinantes na rentabilidade de investimentos e nos custos de dívida, Da Silva (2020) sublinha a importância de compreender esses elementos para um planejamento financeiro adaptado ao cenário econômico em questão.

O presente trabalho destaca a relevância da Educação Financeira como uma ferramenta preventiva para os consumidores, evidenciando a necessidade urgente de conhecimento financeiro para evitar fraudes e propagandas enganosas. A argumentação sustenta que esse entendimento não apenas contribui para a redução das disparidades sociais, mas também capacita as pessoas a defenderem seus direitos de maneira mais eficaz. A proposta inovadora é a inclusão de conceitos financeiros na educação, visando preparar jovens e crianças para lidar de forma satisfatória com dinheiro, planejar suas vidas e conquistar estabilidade financeira.

Nesse contexto, a Educação Matemática Crítica é apresentada como uma abordagem fundamentada para alcançar esses objetivos ambiciosos. As hipóteses discutidas sugerem que o conhecimento financeiro exerce um impacto positivo tanto no comportamento quanto na atitude financeira, ressaltando a inter-relação intrínseca entre esse conhecimento e a capacidade de tomar decisões financeiramente responsáveis. Este trabalho, portanto, defende que a promoção da Matemática Financeira, ancorada na Educação Matemática Crítica, pode ser um agente transformador na construção de uma sociedade mais financeiramente esclarecida e equitativa.

As hipóteses delineadas indicam que o conhecimento financeiro exerce uma influência positiva sobre o uso responsável do cartão de crédito, ao passo que tem uma repercussão negativa sobre a acumulação de dívidas nesse meio. Adicionalmente, tanto a atitude financeira quanto o comportamento financeiro são fatores que também desempenham um papel significativo tanto no uso responsável quanto na geração de dívidas no cartão de crédito. Observa-se, ainda, uma disposição que sugere que o materialismo tem um impacto adverso no uso responsável do cartão de crédito, uma influência positiva na acumulação de dívidas nesse contexto e uma correlação positiva com compras compulsivas.

A análise prossegue sugerindo que as compras compulsivas, por sua vez, têm um efeito negativo no uso responsável do cartão de crédito, contribuindo, por sua vez, para o aumento das dívidas no cartão de crédito. Ademais, aponta-se que o valor atribuído ao dinheiro impacta tanto as compras compulsivas quanto o materialismo. Destaca-se,

igualmente, que o uso responsável do cartão de crédito exerce uma influência desfavorável na acumulação de dívidas nesse meio.

Outras inferências apontam que a dívida no cartão de crédito possui uma repercussão negativa tanto no bem-estar financeiro quanto nas emoções do indivíduo. Essas considerações revelam as complexas interações entre diversos fatores psicológicos e comportamentais no contexto financeiro, fornecendo insights valiosos para compreender e abordar questões relacionadas ao uso do cartão de crédito e suas implicações no bem-estar financeiro.

É decisivo que os consumidores possuam conhecimentos e habilidades financeiras para evitar transações de alto custo e gerenciar eficientemente suas dívidas, especialmente aquelas relacionadas ao uso do cartão de crédito. O aumento do endividamento da população brasileira, notadamente vinculado ao uso frequente do cartão de crédito, representa uma inquietação em constante crescimento. Diante desse cenário, surgem questões sobre a relevância do conhecimento e da alfabetização financeira dos consumidores.

Pesquisas evidenciam que o Consumismo está correlacionado ao uso irresponsável do cartão de crédito, ao acúmulo de dívidas e às compras compulsivas. Adicionalmente, o valor atribuído ao dinheiro exerce influência significativa sobre esses comportamentos, podendo contribuir para uma cultura consumista. Um elemento crucial na determinação da dívida do cartão de crédito é o comportamento de uso responsável; indivíduos que gerenciam prontamente seus cartões têm menor probabilidade de contrair dívidas.

É importante ressaltar que a dívida no cartão de crédito não apenas afeta adversamente o bem-estar financeiro, mas também incide sobre as emoções dos indivíduos. Aqueles endividados frequentemente enfrentam problemas físicos e sintomas de depressão. Diante dessas complexidades, torna-se vital promover a educação financeira, capacitando os consumidores a tomarem decisões mais informadas e construir uma base sólida para a gestão prudente de suas finanças.

A alfabetização financeira emerge como uma ferramenta crucial na prevenção de transações altos custos e na promoção de uma gestão mais eficaz das dívidas. Em síntese, o aumento do endividamento vinculado ao uso do cartão de crédito tem se tornado uma inquietação cada vez mais relevante no contexto brasileiro. O materialismo, a valoração atribuída ao dinheiro e o comportamento de uso responsável são apontados como fatores determinantes nesse cenário. A dívida no cartão de crédito não apenas impacta adversamente o bem-estar financeiro, mas também as emoções dos indivíduos.

Diante desse quadro, torna-se preciso, investir de maneira substancial na educação financeira, capacitando os consumidores a gerirem suas finanças de forma mais responsável e, assim, evitarem consequências adversas. Essas pesquisas ressaltam a falta de correlação entre a alfabetização financeira e o comportamento financeiro, destacando a urgência de medidas mais precisas e consistentes nesse domínio.

A ausência de conhecimento financeiro pode conduzir a escolhas desvantajosas, incluindo o aparecimento de dívidas que se revelam impagáveis. Indivíduos com baixa alfabetização financeira tendem a envolver-se em acordos desfavoráveis e adotar comportamentos prejudiciais ao seu bem-estar financeiro. Essa deficiência de alfabetização financeira não é uniforme entre os diversos grupos demográficos e acarreta implicações significativas, resultando em tarifas mais elevadas e dificuldades na avaliação do grau de endividamento.

Estudos destacam que a falta de planejamento, o status social, o materialismo e a alfabetização financeira são fatores determinantes que influenciam o endividamento. mulheres, pessoas mais velhas e com menor escolaridade demonstram maior propensão ao endividamento. Adicionalmente, o materialismo amplia a probabilidade de aderência a planos de parcelamento. A falta de alfabetização financeira emerge como um desafio significativo, comprometendo a capacidade das pessoas de tomar decisões financeiras apropriadas.

2.2 Uma breve análise da educação/matemática financeira nas escolas do Brasil

Para Da Silva (2020), o ensino da matemática assume um papel de destaque não apenas devido às suas aplicações práticas na vida cotidiana, mas também por sua capacidade de moldar cidadãos críticos e conscientes de suas responsabilidades. Dentro desse contexto, a matemática financeira desempenha um papel crucial, apresentando aplicações imediatas no dia a dia dos estudantes e exercendo influência nas decisões pessoais e sociais.

Para que os alunos possam exercer plenamente sua cidadania, é indispensável que o ensino da matemática proporcione uma compreensão profunda de sua realidade e instigue habilidades cognitivas para abordar os desafios que possam encontrar. Além disso, deve oferecer conhecimentos científicos que capacitam os estudantes a compreenderem e transformar o mundo ao seu redor.

A matemática financeira engloba conceitos cruciais, como juros, sistemas de amortizações e porcentagens, proporcionando conhecimentos essenciais para que os alunos

enfrentem desafios financeiros em suas vidas. No entanto, é necessário refletir sobre a abordagem desses conteúdos na escola e avaliar se estão efetivamente preparando os estudantes para tomarem decisões conscientes em suas situações financeiras.

O ensino da matemática financeira deve transcender os meros cálculos básicos, buscando desenvolver habilidades como análise crítica, pensamento lógico e tomada de decisão informada. Os alunos precisam adquirir a capacidade de compreender distintos tipos de juros, calcular parcelas de empréstimos, planejar orçamentos pessoais e analisar investimentos. É essencial que os professores empreguem metodologias ativas e recursos didáticos que tornem o ensino da matemática financeira mais atrativo e prático.

A exploração de exemplos reais e situações do cotidiano pode incentivar a participação dos alunos, estimulando um aprendizado significativo. Ademais, é fundamental contextualizar os conteúdos, estabelecendo conexões entre a matemática financeira e o mundo real dos estudantes.

A ausência desta educação entre os jovens está diretamente correlacionada aos problemas associados ao endividamento, conforme reportagem do jornal Folha de São Paulo (Dolci, 2011), que destaca um preocupante cenário de endividamento entre a juventude. A pesquisa da Associação Comercial de São Paulo, citada na reportagem, revela que 67% dos inadimplentes possuem menos de 35 anos, sendo que 24% situam-se na faixa etária entre 24 e 30 anos. Esses números evidenciam a escassez de instrução sobre consumo e educação financeira entre os jovens.

Os itens mais adquiridos por jovens endividados incluem roupas, calçados e empréstimos pessoais, indicando que muitos estão adquirindo bens sem uma devida consideração de sua capacidade financeira, comprometendo, assim, sua estabilidade econômica. O cartão de crédito, frequentemente apontado como um fator contribuinte para o descontrole financeiro dos jovens, embora ofereça agilidade, comodidade, confiabilidade e segurança, pode levar a diversos problemas quando mal utilizado.

Um artigo do PROCON de Santa Catarina destaca que muitos jovens utilizam o crédito disponibilizado no cartão como parte de seus rendimentos, atrasando pagamentos ou pagando apenas o valor mínimo da fatura. Essa prática acarreta consequências adversas, uma vez que os juros cobrados pelos cartões de crédito são geralmente elevados. Ao atrasar pagamentos ou quitar somente o mínimo, os jovens acabam acumulando dívidas significativas, comprometendo assim sua saúde financeira a longo prazo.

Esses problemas de endividamento entre os jovens refletem a carência de uma educação financeira adequada tanto nas escolas quanto no ambiente familiar. Muitos jovens não recebem orientação sobre como lidar com o dinheiro de forma responsável, planejar orçamentos, evitar dívidas desnecessárias e fazer escolhas financeiras conscientes. A educação financeira desempenha um papel crucial na formação de jovens cidadãos conscientes e responsáveis.

É fundamental que as escolas incluam aulas de educação financeira em seu currículo, abordando temas como orçamento pessoal, poupança, investimentos, crédito responsável e planejamento para o futuro. Além disso, os pais e responsáveis também têm um papel importante na educação financeira dos jovens. Eles devem fomentar o diálogo aberto sobre questões financeiras em casa, ensinando sobre a importância de economizar, controlar gastos e tomar decisões financeiras informadas.

A conscientização sobre os riscos do endividamento precoce e o desenvolvimento de habilidades financeiras desde cedo são fundamentais para preparar os jovens para uma vida adulta financeiramente saudável. Com uma educação financeira adequada, os jovens serão capazes de tomar decisões conscientes, evitar armadilhas do consumo descontrolado e construir uma base sólida para seu futuro financeiro.

O endividamento no Brasil é exacerbado pelas elevadas taxas de juros das administradoras de cartão de crédito. Tornar a educação financeira uma prioridade desde a infância é crucial para prevenir problemas futuros. Embora haja um projeto de lei em tramitação para integrar a educação financeira ao currículo escolar, enquanto isso não se concretiza, a responsabilidade recai sobre as escolas e os responsáveis.

A educação financeira nas escolas visa capacitar os estudantes a fazerem escolhas financeiras conscientes, e nesse processo, a matemática financeira desempenha um papel crucial. As aulas devem estabelecer conexões diretas entre os conteúdos e a vida dos alunos, utilizando a resolução de problemas como metodologia principal. A participação ativa dos estudantes é indispensável para maximizar sua compreensão e aprendizado.

O estudo conduzido por Oliveira (2020) tem como objetivo identificar os fatores que exercem influência na saúde financeira dos adultos, levando em consideração a alfabetização financeira e aspectos sociodemográficos. Além disso, propõe-se medir os níveis de saúde e educação financeira dos trabalhadores, compreender como esses fatores impactam a saúde financeira e identificar as dimensões que exercem maior influência nesse contexto. A abordagem da pesquisa é quantitativa, utilizando análise de mínimos quadrados ordinários. O

estudo busca fornecer insights relevantes para a implementação de ações eficazes contra o endividamento no Brasil. Ressalta-se que a alfabetização financeira desempenha um papel crucial na capacidade de tomar decisões de investimento informadas, sendo evidente que indivíduos com baixa alfabetização financeira têm uma menor propensão a investir em ações.

O Índice de Saúde Financeira do Brasileiro (I-SFB) é composto por cinco dimensões: liberdade, segurança, habilidade, comportamento e base financeira. Estas dimensões avaliam a capacidade individual de tomar decisões financeiras acertadas, manter disciplina e controle, sentir-se seguro em relação ao futuro e acessar oportunidades financeiras. O propósito do I-SFB é aprimorar os indicadores de saúde financeira da população através de abordagens personalizadas e educativas.

É inquestionável que a alfabetização financeira é essencial para lidar com as complexidades das decisões financeiras na sociedade contemporânea e para aprimorar o bem-estar financeiro das pessoas. Entretanto, é crucial enfrentar as disparidades no acesso a essa alfabetização financeira. Concordo plenamente que as iniciativas de alfabetização financeira desempenham um papel vital em capacitar os indivíduos a tomarem decisões financeiras informadas, impulsionando, assim, o desenvolvimento econômico.

A educação financeira deve abranger tanto os aspectos teóricos quanto a aplicação prática desses conhecimentos. A Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), uma iniciativa crucial do governo brasileiro, visa promover a educação financeira e previdenciária, equipando os cidadãos com conhecimentos sólidos e ferramentas para tomar decisões conscientes diante do dinamismo do mercado financeiro.

A sugestão de integrar análise crítica de propagandas e produtos financeiros, estimulando os alunos a questionarem e refletirem sobre as mensagens e estratégias de marketing utilizadas, é excelente. Essa abordagem contribui para desenvolver uma visão mais discernente e crítica nos alunos, capacitando-os a navegar de forma informada no cenário financeiro.

Adicionalmente, a inclusão de simulações, visitas e o desenvolvimento de competências socioemocionais na Educação Financeira proporciona uma compreensão mais abrangente e prática sobre as finanças pessoais. Essas atividades permitem aos alunos aplicarem os conhecimentos adquiridos em situações do mundo real, promovendo uma aprendizagem mais significativa e preparando-os eficazmente para os desafios financeiros futuros.

3.1 A matemática na escola: as relações e os obstáculos no processo de ensino/aprendizagem da matemática financeira.

O êxito no processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos da disciplina de matemática básica, é umas das problemáticas enfrentadas no século XXI. Em relação à construção do conhecimento matemático, houve um aumento considerável de possibilidades que surgiram com o avanço da sociedade, e dizem respeito desde a implementação e aperfeiçoamento da tecnologia no mundo ao aprimoramento da didática, buscando resolver questões pedagógicas mostradas nos estudos sobre o déficit de aprendizagem de conteúdos matemáticos. Todavia, os índices são emblemáticos, e há uma extrema necessidade de a educação avançar nesse sentido.

No que tange ao cenário brasileiro, de acordo com dados obtidos pela prova SAEB 2017, os estudantes do ensino médio apresentam dificuldade na resolução de questões que envolvam os pilares da matemática, sejam nas operações com números naturais sejam nas interpretações dos problemas e gráficos fornecidos nas provas, a maioria dos alunos do 9º ano do ensino fundamental ainda está no patamar insuficiente de aprendizado. Eles tiveram média de 258 pontos em português e matemática. Outra prova que avalia a situação do Brasil é a do Pisa – Programa Internacional de Avaliação de Alunos, cujos resultados são preocupantes, porque apontam uma estagnação em um patamar muito baixo. 70% dos alunos do Brasil estão abaixo do nível 2 em matemática. No Pisa, a área de matemática é onde o Brasil tem a pontuação mais baixa nas últimas cinco edições do programa.

Figura -1: Abrangência da amostra do SAEB - Brasil - 1995-2005

Ciclo	Escolas	Alunos			
		4ª série EF	8ª série EF	3ª série EM	Total
1995	2.839	30.749	39.482	26.432	96.663
1997	1.933	70.445	56.490	40.261	167.196
1999	6.798	107.657	89.671	82.436	279.764
2001	6.935	114.512	100.792	72.415	287.719
2003	5.598	92.198	73.917	52.406	218.521
2005	5.940	83.929	66.353	44.540	194.822

Fonte: SANTOS; FRANÇA; SANTOS, 2017, 18.

Figura-2: Brasil - Proficiências do SAEB 1995 – 2005

Série	Disciplinas	1995	1997	1999	2001	2003	2005
4ª Ensino Fundamental ^(a)	Português	188.3	186.5	170.7	165.1	169.4	172.3
	Matemática	190.6	190.8	181.0	176.3	177.1	182.4
8ª Ensino Fundamental ^(b)	Português	256.1	250.0	232.9	235.2	232.0	231.9
	Matemática	253.2	250.0	246.4	243.4	245.0	239.5
3ª Ensino Médio ^(b)	Português	290.0	283.9	266.6	262.3	266.7	257.6
	Matemática	281.9	288.7	280.3	276.7	278.7	271.3

(a) Inclui escolas federais e rurais. As federais nos anos de 1995, 2003 e 2005. As rurais em todos os anos, porém em 1997 não inclui as da Região Norte e em 1999 e 2001 apenas as dos Estados do Nordeste, Minas Gerais e Mato Grosso

(b) Não inclui rurais, inclui federais em 1995, 2003 e 2005

Fonte: SANTOS; FRANÇA; SANTOS, 2017, 18.

De acordo com estudos empreendidos pela ciência da Educação, questões como formação de professores, Base Nacional Comum e a utilização de ferramentas lúdicas podem auxiliar no processo de mudança desses números alarmantes encontrados nessas pesquisas.

Com os avanços tecnológicos e a forte economia do mercado, o conhecimento da Matemática torna-se crucial para o mundo moderno. Vale ressaltar que seu estudo, nos primórdios, surge com um viés prático e concreto, transformando-se, no decorrer do tempo, demasiadamente abstrato, dificultando assim o entendimento dos estudantes. Logo, em meio à situação de déficit de aprendizagem que o Brasil enfrenta, há uma necessidade de possibilitar um ensino relacionado às práticas do cotidiano.

Pensando nisso, para despertar e aguçar o interesse dos alunos pelas ciências, mais precisamente pela matemática, é de extrema relevância que haja uma contextualização da realidade em que os alunos se encontram inseridos, estimulando esses sujeitos a se reconhecerem nessa realidade. Aproximar o conteúdo do sujeito, partindo do pressuposto de que o processo de ensino-aprendizagem com o lúdico e material concreto, voltados para a realidade social, encaminha os alunos a conseguirem abstrair de forma mais satisfatória aquilo que está sendo lecionado - não tomando o professor apenas como o facilitador de conceitos abstratos dos conteúdos. Assim, aponta Ribeiro (apud Carneiro, Rodrigues, Souza, 2004, p. 5):

O professor de Matemática deve se conscientizar de que os conteúdos trabalhados na escola só se transformam em conhecimentos a partir do momento em que há significação para quem aprende. Por isso, é preciso mergulhar em uma concepção construtivista voltada para a ação construtora do aluno, para que ele possa organizar e integrar novos conhecimentos aos já existentes, por meio do raciocínio e iniciativa próprias. Essa construção não pode ocorrer no vazio, mas a partir de informações do objeto de seu conhecimento, possibilitando desafios, reflexões e interação com os outros.

Considerando que a Matemática ensinada em sala de aula no Brasil representa apenas uma gota d'água em um vasto oceano de conhecimentos, torna-se fundamental mostrar aos alunos que essa ciência é também uma manifestação cultural dos povos, presente em diferentes períodos da história. Sua origem está profundamente entrelaçada às culturas da antiguidade, tendo conquistado o patamar de ciência a partir do século XVII. Desde então, a Matemática tem se destacado e sua relevância para compreender e solucionar diversas questões da humanidade permanece como temática essencial no mundo contemporâneo. Seu histórico é fundamental para a sociedade compreender e situar a realidade do ensino-aprendizagem atual. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

A História da Matemática pode oferecer uma importante contribuição ao processo de ensino e aprendizagem dessa área do conhecimento. Ao revelar a Matemática como uma criação humana, ao mostrar necessidades e preocupações de diferentes culturas, em diferentes momentos históricos, ao estabelecer comparações entre os conceitos e processos matemáticos do passado e do presente, o professor cria condições para que o aluno desenvolva atitudes e valores mais favoráveis diante desse conhecimento. (BRASIL, 1998, 42)

Passando por diversas sociedades, povos e suas respectivas culturas, a matemática é um fenômeno que acompanha as transformações sociais e os avanços das ciências naturais. O ser humano alcançou um processo espantoso em relação às outras espécies animais e desde os primórdios da humanidade possui a necessidade de quantificar/contar as coisas. Por estar imerso em um momento histórico em que as características da vida eram simplórias, esses dados eram apenas tomados como fonte de informação do trabalho cotidiano e dos mecanismos da natureza. Nesse sentido, Eves (2004, 25) diz que:

É razoável admitir que a espécie humana, mesmo nas épocas mais primitivas, tinha algum senso numérico, pelo menos ao ponto de reconhecer mais ou menos quando se acrescentavam ou retiravam alguns objetos de uma coleção pequena [...].

Relatos científicos indicam que há mais de 30 mil anos, o ser humano tinha certo domínio da contagem simples, de forma rudimentar, e com relações biunívocas. Os povos viviam em cavernas e sua alimentação era a base de coisas extraídas da natureza. Sentindo a

necessidade de controlar os alimentos adquiridos através da pesca e caça, utilizavam pedaços de ossos e de madeiras para fazer registro de quantidades, indicando com riscos cada animal encontrado/criado.

Com o aumento significativo das criações humanas e formação das civilizações, surgiu a necessidade de sistematizar o processo de contar. Cria-se, então, os primeiros sistemas de contagem em que diferentes povos de toda parte do mundo foram construindo diversificada forma de contagem, com características e significados diferentes, juntamente com algumas regras que possibilitava contar.

Segundo dados históricos, os primeiros sistemas de numeração foram criados pelos Egípcios, Babilônios, Romanos, Gregos e hindu-arábicos, que de acordo com suas necessidades e experiências aperfeiçoaram gradativamente as representações numéricas. Em decorrência de toda evolução, o sistema de numeração hindu-arábico, criado pelos povos hindus, expandiu-se pelo mundo, pelo poder e influência dos povos árabes nas grandes navegações e expansões de domínios europeus. Por ser um dos sistemas mais completos, foi o adotado por toda humanidade a partir do século XVI. Segundo Cunha (apud Oliveira, Alves, Neves, 2008)

A História da Matemática pode ser um instrumento muito eficaz no processo de Ensino-Aprendizagem de Matemática, uma vez que permite entender conceitos a partir de sua origem, considerando todas suas modificações ao longo da história. Com isso, facilita a compreensão para o aluno, como também desperta sua curiosidade para futuras pesquisas.

Os alicerces da matemática conhecidos atualmente são frutos – como foi visto anteriormente - de um longo processo histórico cultural da civilização, com seus grandes pensadores que idealizaram desde a matemática primitiva da contagem, da álgebra aos inúmeros problemas que levaram séculos para serem respondidos – e outros que ainda nem chegaram a ser solucionados. Mesmo com uma longa história, tem-se fortalecido o estereótipo de a matemática, como campo de saber no ensino das escolas, ser considerada extremamente difícil e sem aplicabilidade no dia a dia.

A reflexão presente na formação de professores de Matemática, bem como na elaboração das ementas, muitas vezes não contempla questionamentos fundamentais, tais como: o que é a Matemática? Por que, no estudo de frações, para realizar uma soma, é necessário que os denominadores sejam iguais? E, quando não o são, por que se deve recorrer a frações equivalentes com denominadores comuns para obter o resultado? Por que na adição e subtração de números decimais para calcular, colocamos vírgula abaixo de vírgula na montagem da conta, e na multiplicação de números decimais, por outro lado realizamos a

operação, e ao finalizar contamos o número de casas decimais para poder colocar a vírgula no produto? Por qual motivo o resultado de -3^2 (o oposto da segunda potência de três) é diferente de $(-3)^2$ (quadrado de três negativos)? – Questões que podem parecer simples, mas que geram dúvidas e possuem explicações. Essas razões permitem uma criticidade do aprendiz em detrimento ao famoso “decoreba” da disciplina.

Os professores de matemática, que no seu processo de ensino construírem esses questionamentos, tendem a estarem mais atentos a esses aspectos, conseqüentemente, aplicando-os em sala de aula no trabalho pedagógico, direcionando tais ponderações para a construção do conhecimento matemático, permitindo o educando a aplicar o que aprendeu. Vale salientar a necessidade dessas indagações, opondo-se a mecanização da disciplina, na aplicação apenas de algoritmos, sem a real preocupação de demonstrar os porquês matemáticos, por traz de toda fórmula já finalizada por um notável cientista, sem reduzir a resolução das explicações de perguntas que envolvem diversos conceitos da matemática básica. Segundo Freire (1998, 26-29):

Não temo dizer que inexistente validade no ensino em que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado. (...) Nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado (...). Percebe-se, assim, que faz parte da tarefa docente não apenas ensinar conteúdos, mas também ensinar a pensar certo.

O professor de matemática, em alguns instantes do processo de ensino/aprendizagem, pode crer que seus alunos compreenderam e estão “afiados” em todos os conceitos necessários para a finalização da resolução de situações problemas. No entanto, por pensar dessa forma e sem dar conta da real situação do educando, que diz respeito a uma série de fatores como raciocínio, nível de abstrações, de interpretação do ser, além de todos fatores intrínsecos ao indivíduo, que no mundo pluralizado deve ser analisado, pode dificultar ainda mais o entendimento da matéria, se distanciando daquilo que almeja: o sucesso final do processo de ensino.

No campo da matemática, os objetos matemáticos têm viés de caráter abstrato. Porém, deve-se buscar aproximá-los da realidade, fazendo associações com o mundo concreto das coisas. Esses objetos matemáticos devem ser categorizados de acordo com níveis de abstração do sujeito que, conseqüentemente, dependem da chance de serem representados por objetos concretos. Outro aspecto do ensino de Matemática que merece atenção é a necessidade de romper com antigos paradigmas que pouco contribuem para a construção do conhecimento e

que já não encontram aplicabilidade no cotidiano. Nesse contexto, destacam-se, entre outros, alguns enunciados recorrentes que carregam uma visão reducionista da disciplina, tais como: ‘a Matemática é exata’ ou ‘é preciso decorar as fórmulas para saber resolver o problema’. “só há um caminho para resolver um problema”. Na concepção de D’Ambrósio (1998, 20):

A matemática está passando por profundas transformações, o professor necessariamente deve estar mais preparado para participar dessas transformações e para se aventurar no novo, do que para repetir o velho, muitas vezes inútil e desinteressante. O papel do professor deve ser outro. Aquele professor que vê passar a informação, ensina algo, repete conhecimentos feitos e congelados, e cobra aquilo que ensinou, está com os dias contados. O novo perfil do professor é fundamentalmente o de um facilitador da aprendizagem do aluno e de um companheiro na busca do novo.

O professor deve acompanhar as mudanças na sociedade para não utilizar apenas a forma tradicional de ensino, em que o professor é dominador de todo saber, e o aluno um ser passível, que não participa ativamente no processo de ensino/aprendizagem, usando recursos limitados e destacando o abstrato.

3.2 Uma análise da pontuação do score na sociedade: “tenho score, logo existo”

No século XXI, deparamo-nos com uma problemática iminente: o consumo desenfreado de bens materiais com os impulsos de compras e concomitantemente o endividamento, temas que instigam estudiosos a analisarem os possíveis impactos na sociedade. Essa questão suscita a necessidade de uma reflexão aprofundada sobre o assunto, evidenciando os potenciais desdobramentos caso não sejam implementados os cuidados indispensáveis para a manutenção do bem-estar tanto individual quanto coletivo.

O presente tópico aborda a crucial importância do estudo da Educação Financeira pela população, delineando uma abordagem que visa a formação de cidadãos conscientes acerca de toda a estrutura financeira que os envolve. Essa perspectiva inclui a compreensão dos processos envolvidos no manejo e na gestão do dinheiro, para construção assim de uma base sólida que fomente o pensamento crítico e propiciar mudanças comportamentais significativas.

A passagem do feudalismo ao capitalismo foi marcante em termos de organização econômica e geopolítica, e igualmente pela transformação das relações sociais: as relações do ser humano (consigo, com os outros e com as instituições) passam a ser mediadas pelo capital, sendo deslocadas de sua finalidade "original". O trabalho, por exemplo, passa a ser realizado

não para se obter um produto final, mas para se colher rendimentos que permitam o acesso a qualquer tipo de bem, inclusive os para a subsistência. Nesse sentido, Barros (2007) destaca que quem detém os meios de produção não produz mais apenas para suprir carências, mas para acumular capital.

²Com a mudança nas relações de trabalho e consumo, os objetos deixam de estar ligados a uma função ou necessidade definida, deslocando o significado do ato de consumir. Baudrillard (1995) observa que a circulação, compra, venda e apropriação de bens passaram a constituir o novo "código" pelo qual a sociedade comunica. A pontuação do score, nesse contexto, emerge como um novo signo social, que dita quem tem ou não acesso a crédito. Esse código não apenas organiza as relações econômicas, mas, como aponta Bauman (2008), traduz-se também em um marcador identitário: "sou o que sou porque outros me reconhecem como tal". O score se torna, assim, uma medida do valor social do indivíduo, refletindo uma "linguagem" de pertencimento à sociedade de consumo.

Em um cenário marcado pela produção exacerbada de bens de consumo de curta durabilidade, orientada pelo lucro aparentemente alheia ao bem-estar social, somado ao fenômeno do exibicionismo nas redes sociais, deparamo-nos com um paradoxo social: o julgamento individual baseado no score do Cadastro da Pessoa Física (CPF). Nesse contexto, a quantidade de compras realizadas em determinado período de tempo torna-se o critério pelo qual se avalia a relevância de um indivíduo, criando uma correlação direta entre a pontuação do score e a capacidade de consumir.

Em uma sociedade regida pelo mantra "tenho score, logo existo", a pessoa é, de certa forma, estigmatizada se seu consumo não atende a determinados padrões. Aqueles que adotam uma abordagem mais moderada no mercado, optando por um consumo consciente e menos ostensivo, lamentavelmente se veem marginalizados e, de certa maneira, tornam-se invisíveis dentro da rede de consumo.

Esse sistema de avaliação, baseado predominantemente na atividade de consumo, gera um ciclo vicioso. A pressão social para obter um alto score leva muitos a consumirem de forma excessiva, muitas vezes utilizando crédito como meio para atingir esse objetivo. A

2 A marca, no contexto do consumo contemporâneo, atua como um signo de distinção e identidade, constituindo-se em elemento central de subjetivação (LIPOVETSKY, 1989; GUIMARÃES, 2003). Como destacam Lipovetsky e Roux (2003), o luxo deixou de ser apenas ostentação para se tornar uma experiência simbólica ligada ao pertencimento social. Nesse sentido, "o consumo se apresenta como um processo de construção de sentido e de comunicação social" (WALTON, 2017, p. 266), em que a posse ou acesso a marcas legitima posições no mercado e reforça hierarquias sociais.

obtenção de um bom score, portanto, torna-se uma espécie de selo de aprovação social, conferindo ao indivíduo uma posição de reconhecimento e aceitação.

De fato, vivemos uma época em que o crédito e a possibilidade de endividamento são pilares fundamentais da organização social. Foucault (2010) enfatiza que, atualmente, as pessoas não são mais enquadradas pela miséria, mas pelo consumo. O sistema de crédito, portanto, molda comportamentos e regula a vida cotidiana, onde estar "bem pontuado" no score se traduz em uma forma de "ser aceito" socialmente. Como observa Baudrillard (2006), o crédito já não carrega o estigma moral do passado, mas assume uma dimensão essencial em nossa sociedade: ele é vivido como um objeto "a crédito", constantemente inflacionado e desvalorizado, refletindo a fluidez da própria identidade contemporânea.

Essa fluidez, no entanto, não é isenta de pressões. Segundo Lazzarato (2009), o capitalismo contemporâneo incentiva o endividamento, mas também impõe uma responsabilização individual sobre o controle dessas dívidas. A pontuação do score atua como um reflexo disso, monitorando constantemente a "saúde financeira" do indivíduo e determinando seu lugar no sistema. Quem se encontra endividado ou com score baixo é visto como um "fora-da-lei" sujeito a um tipo de punição moral que Nietzsche (1998) compara à de um devedor que quebra o contrato social com a comunidade. Esse "castigo" não é apenas econômico, mas se traduz em desconfiança e reprovação social, criando uma pressão constante para que os indivíduos mantenham sua pontuação elevada, mesmo que à custa de mais endividamento.

É lamentável observar como essa dinâmica acaba por pressionar indivíduos a adquirirem bens, frequentemente utilizando cartões de crédito, não por uma real necessidade ou desejo intrínseco, mas como resposta à expectativa social. Esse ciclo, além de fomentar um consumo muitas vezes insustentável, também contribui para a perpetuação de padrões superficiais de avaliação, deixando em segundo plano valores mais significativos e uma abordagem mais equilibrada em relação ao consumo e bem-estar.

As redes sociais, de maneira constante, expõem a sutil manipulação à qual estamos sujeitos, muitas vezes sem que uma significativa parcela da população perceba. Aquelas propagandas atraentes que nos instigam a desejar produtos específicos são, em grande medida, geradas por algoritmos meticulosamente elaborados. Esses algoritmos são concebidos com o propósito de impulsionar o consumo em larga escala, utilizando estratégias de marketing e ferramentas direcionadas, as quais orientam e amplificam a exposição do usuário a propagandas. Dessa forma, o indivíduo é conduzido a se tornar um consumidor digital,

dedicando considerável parte de seu tempo a anúncios, em um processo que vai além da mera casualidade ou coincidência.

O YouTube, como uma ferramenta gratuita, exemplifica essa dinâmica ao incessantemente exibir anúncios sedutores, criados para persuadir o espectador a substituir constantemente o que é considerado obsoleto, seja a cada ano, mês ou dia. Essa abordagem exerce um impacto considerável nas finanças individuais, induzindo a um ciclo de consumo impulsionado por uma incessante busca por novidades e atualizações, muitas vezes à custa de uma reflexão mais profunda sobre as reais necessidades e prioridades financeiras.

É importante lançar um olhar histórico crítico sobre toda a trajetória da civilização ao longo do tempo para compreender o cenário caótico que enfrentamos nos problemas financeiros, resultantes de um antagonismo que se desenvolveu entre o ser humano e a tecnologia financeira. Esse processo representou uma desconstrução da coletividade, ao passo que fortaleceu a ascensão do individualismo. A situação atual é alarmante, marcada por uma mentalidade de "cada um por si, Deus por todos", expressa por muitos.

Assim, a pontuação do score torna-se um dispositivo de controle, uma forma de vigilância constante que regula comportamentos e promove a adesão ao modelo econômico vigente. Bauman (2010) alerta que ainda não começamos a refletir seriamente sobre a sustentabilidade dessa sociedade movida pelo consumo e pelo crédito. A pontuação do score se encaixa nesse cenário como um indicador que orienta as práticas de consumo e mantém a lógica de endividamento como um mecanismo central para o funcionamento do capitalismo.

Portanto, mais do que uma simples avaliação da capacidade de crédito, o score configura-se como um elemento central da subjetividade contemporânea, onde ter um bom score é sinônimo de aceitação e pertencimento social. Essa lógica impacta diretamente a maneira como os indivíduos se percebem e como se relacionam com os outros. A pontuação não apenas define o acesso a bens e serviços, mas molda identidades, forçando os indivíduos a aderirem a uma ética do consumo baseada no endividamento controlado e na manutenção da aparência.

O endividamento de famílias, a inclusão de nomes no Serasa por dívidas inferiores a 50 reais e a proliferação de jogos de azar, como o tigrinho, parecem causar menos comoção do que a sociedade demonstra diante de temas conservadores que ganham destaque na mídia, nas ruas e no cenário político. Nesse contexto, o letramento financeiro é negligenciado, relegado a um segundo plano pelas grandes corporações e pelo governo.

É crucial reconhecer que a conjuntura financeira reflete não apenas escolhas individuais, mas também um panorama social moldado por fatores históricos e estruturais. A urgência em reintegrar o letramento financeiro à conversa pública é evidente, a fim de promover uma compreensão mais profunda das implicações de nossas interações com a tecnologia financeira e, assim, mitigar os impactos adversos que recaem sobre as famílias e a sociedade como um todo.

Neste sentido, é possível compreender como o endividamento passou a ser uma condição desejável para o sistema, mas perigosa para os indivíduos que não conseguem se adaptar a esse jogo constante de concessão e negação de crédito. Para Foucault (2008), a gestão do endividamento populacional exige um monitoramento contínuo, que envolve ajustes e táticas, como a modulação de taxas de juros e impostos. A pontuação do score representa, portanto, um reflexo desse controle estatal e econômico sobre o comportamento dos indivíduos, visando manter a ordem social sem que se atinja níveis críticos de inadimplência.

Finalmente, para que possamos imaginar alternativas a essa lógica do crédito, é fundamental compreender os mecanismos que sustentam e reproduzem a ideia de “tenho score, logo existo”. Bauman (2010) sugere que o desafio está em tornar visíveis esses mecanismos e criar formas alternativas de subjetivação que transcendam o consumo e o crédito como valores centrais. Além disso, há a necessidade de políticas públicas que não apenas monitorem o superendividamento, mas promovam a educação financeira e o empoderamento crítico dos cidadãos para que possam compreender e enfrentar os riscos e as armadilhas do sistema atual.

É evidente o quão rapidamente avançamos em direção ao crescimento de uma sociedade notoriamente consumista e individualista, cuja preocupação primária reside na produção e acumulação de riquezas. Essa mentalidade, ao ser adotada em larga escala, resulta em desequilíbrios e problemas nas camadas sociais, agindo como um antagonista a uma visão coletiva de civilização. Nesse contexto, torna-se necessário questionar: Quais são os motivos que impulsionam as pessoas ao endividamento? Todos têm acesso ao conhecimento básico da constituição? Os princípios de educação financeira estão alcançando as comunidades mais carentes? Há estímulo à criticidade e à reflexão direcionada à estrutura social na qual os indivíduos estão inseridos?

Essas indagações visam instigar um pensamento mais profundo sobre as raízes dos desafios financeiros enfrentados pela sociedade. É crucial promover um ambiente em que as pessoas se questionem se a situação na qual se encontram é resultado de escolhas individuais

ou se, de fato, o sistema as conduziu a esse cenário. Essa autorreflexão coletiva é fundamental para reconhecermos as estruturas subjacentes que perpetuam padrões prejudiciais e para fomentar uma mudança de paradigma em direção a uma sociedade mais igualitária e ciente do funcionamento do meio social.

A educação financeira emerge, portanto, como uma ferramenta essencial na sociedade, que quando aplicada de forma crítica desafia os cenários idealizados frequentemente veiculados na televisão, redes sociais, e outros meios. Surge a necessidade de refletir sobre a proposta educacional capaz de lidar com essa complexidade. Será eficaz uma abordagem tradicional que ignora as estruturas sociais que estão relacionadas com os conteúdos abordados? Juros por juros, sem uma contextualização e aplicação no contexto em que os alunos estão inseridos?

Acreditar que a “transmissão” de conhecimentos “corretos” pelos professores, sem o estímulo do pensamento crítico resultará na mudança de comportamento dos alunos, solucionando assim os problemas?

A crença de que a simples soma destes conhecimentos "corretos" conduzirá a uma nova sociedade e que, por conseguinte, superará os desafios econômicos, é questionável. Transcender os problemas financeiros exige mais do que uma aula tradicional de conhecimentos específicos aos alunos. É necessário ir além do paradigma tradicional, questionando se, de fato, basta proporcionar conhecimento financeiro, de forma breve e desligada da realidade rotineira para que os alunos alcancem uma consciência financeira.

Uma abordagem mais abrangente da educação financeira deve considerar não apenas a à construção do saber, mas também a promoção do pensamento crítico, a compreensão das estruturas sociais subjacentes e a capacitação dos indivíduos para tomar decisões informadas e conscientes em relação às finanças. Somente assim poderemos vislumbrar uma transformação verdadeira e duradoura na forma como a sociedade lida com os desafios econômicos e, conseqüentemente, avançar em direção a um panorama mais favorável para as camadas sociais que fazem parte da população mais carente do país.

Ao contemplarmos os “Pilares da Educação para o Século XXI” em uma análise, podemos reconhecer e atribuir valor à presença de quatro habilidades/capacidades fundamentais para o indivíduo no contexto social: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Estas habilidades transcendem o mero conteúdo informativo da sala de aula, pressupondo a formação de cidadãos mais informados, críticos e complexos.

Essa abordagem educacional não se limita à memorização, mas busca a construção de significados, estimulando o entendimento da importância de agir e pensar de maneira coletiva. O cidadão assim formado é incentivado a ser mais solidário e a cuidar de sua saúde financeira, compreendendo seu lugar na sociedade e sendo consciente de seus deveres como cidadão. Ele assume o papel ativo de agente de mudança, reconhecendo sua capacidade de contribuir para transformar o mundo e compartilhando conhecimentos em seu círculo de convivência.

Assim verdadeiramente "Penso, logo existo" contrasta com a superficialidade do "Tenho scores, logo existo". O sujeito pensante em vez de ser definido por métricas de consumo, ele se destaca por sua capacidade de reflexão, compreensão e ação significativa no mundo. Ao cobrar dos governantes soluções que amenizem as condições em seu entorno local, seja cidade, estado ou país, esse cidadão ativo busca uma sociedade mais isonômica. Essa abordagem integral da educação visa, assim, formar indivíduos capacitados não apenas para enfrentar desafios financeiros, mas para desempenhar um papel vital na construção de um futuro coletivo mais promissor.

Dessa forma, ao abordar a pontuação do score na sociedade, percebemos que ele não é apenas um número, mas um reflexo das relações sociais e econômicas que nos circundam, moldando comportamentos e definindo identidades. Ao entender o score dentro deste contexto histórico e cultural mais amplo, podemos, enfim, questionar seu papel e buscar alternativas que possibilitem uma vivência menos pautada pelo consumo e pelo crédito.

Por sua vez, a Educação Financeira, quando disseminada eficazmente, não apenas capacita os indivíduos a administrarem suas finanças de forma mais responsável, mas também constitui um instrumento poderoso para o desenvolvimento de uma sociedade mais resiliente e equitativa. Ao compreenderem os fundamentos da gestão financeira, os cidadãos tornam-se aptos a tomar decisões informadas e a desenvolverem uma relação mais saudável com o dinheiro.

Este processo educativo não se limita apenas à aquisição de conhecimentos educacionais do currículo, mas busca criar subsídios para estimular a transformação de mentalidades e comportamentos. Conforme a célebre máxima sugere, "Educação gera conhecimento, conhecimento gera sabedoria e só um povo sábio pode mudar seu destino". Portanto, ao investir na Educação Financeira, não apenas promovemos a capacitação individual, mas também contribuimos para a construção de uma sociedade mais esclarecida, capaz de ter um maior controle sobre o seu próprio destino de maneira sustentável e consciente, entendendo dessa forma a realidade vivenciada criticamente.

3 Procedimentos Metodológicos da Pesquisa

3.1 O planejamento da pesquisa

O presente trabalho fundamenta-se em uma abordagem qualitativa e exploratória, desenvolvida no contexto de uma investigação-ação. Essa perspectiva metodológica é especialmente pertinente quando se busca não apenas compreender uma realidade escolar, mas também intervir sobre ela de maneira crítica e reflexiva. Como aponta Cortesão (2004, p. 1), a investigação-ação "desenvolve-se num conjunto de práticas de pesquisa visando produzir um conhecimento, que se admite ser necessário, pois que permitirá intervir melhor num problema social e/ou educativo que se pensa ser importante enfrentar". Dessa forma, o estudo aqui apresentado compreende a produção de conhecimento como um processo dinâmico, em que a análise dos resultados oriundos da intervenção gera novos sentidos e aprendizagens, reforçando o caráter cíclico da pesquisa.

Dentro dessa lógica, a Educação Matemática assume um papel transformador, especialmente quando articulada a práticas pedagógicas que rompem com o modelo tradicional transmissivo. A Matemática, por sua natureza abstrata, apresenta desafios à aprendizagem, o que exige metodologias que promovam maior envolvimento dos alunos. Nesse sentido, adota-se a abordagem exploratória do ensino da Matemática, defendida por Ponte (2005), segundo a qual "o professor não procura explicar tudo, mas deixa uma parte importante do trabalho de descoberta e de construção do conhecimento para os alunos realizarem" (PONTE, 2005, p. 13). Essa postura pedagógica valoriza a participação ativa do estudante, permitindo que ele construa os conceitos matemáticos a partir de situações significativas, ancoradas em seu cotidiano.

A abordagem exploratória rompe com a aula expositiva tradicional ao criar ambientes de aprendizagem onde a interação aluno-aluno e aluno-professor é essencial para a construção do saber. Nesse modelo, o diálogo, a escuta ativa e o trabalho colaborativo tornam-se instrumentos-chave na formalização de conceitos. Conforme reforça Canavarro (2011, p. 11), "os alunos aprendem a partir do trabalho sério que realizam com tarefas valiosas [...] de ver os conhecimentos e procedimentos matemáticos surgir com significado [...] e de desenvolver capacidades matemáticas como a resolução de problemas, o raciocínio matemático e a comunicação matemática."

Além da proposta metodológica adotada, a natureza da pesquisa demanda um olhar atento sobre os dados gerados no processo de ensino e aprendizagem. A escolha pela investigação qualitativa está alinhada à crítica de Bogdan e Biklen (1994), que alertam para a necessidade de tratar os dados com profundidade interpretativa: “os investigadores qualitativos são inflexíveis em não tomar os dados quantitativos por seu valor facial” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 195). Em outras palavras, os dados não são vistos como meros números, mas como manifestações da realidade social que devem ser compreendidas em seus múltiplos sentidos e contextos.

Assim, o processo de construção da pesquisa neste estudo parte do pressuposto de que o conhecimento é produzido coletivamente, por meio da prática pedagógica situada, investigativa e crítica. A articulação entre a investigação-ação e o ensino exploratório possibilita uma abordagem formativa mais efetiva, em que os alunos não apenas aprendem conteúdos matemáticos e financeiros, mas também desenvolvem autonomia, pensamento crítico e consciência social sobre suas decisões econômicas.

3.2 O campo e os colaboradores da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Cidadã Integral Técnica Professor Braúlio Maia Júnior, situada na Rua Cecília Nunes de Oliveira, s/n - Dinamérica, Campina Grande - PB, 58432-300. A ECIT Prof. Braúlio Maia Junior foi inaugurada no dia 02 de agosto de 2018, com intuito de oferecer turmas ensino médio atreladas ao ensino técnico em duas possíveis vertentes "Programação de Jogos Digitais e/ou Design de Calçados" dispendo de um currículo composto por base comum, base técnica e parte diversificada, com ênfase na formação cidadã, buscando o protagonismo dos discentes para trilharem seus projetos de vida.

O nome da escola é uma homenagem ao professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) Braúlio Maia Júnior, ele foi prefeito da instituição entre 2002 e 2005, como também diretor do Centro de Ciências e Tecnologia. A álgebra era seu ramo de maior interesse. Com uma boa experiência na área, tinha como ênfase trabalhos relacionados a Matemática Discreta e Combinatória, atuando principalmente em temas como, grafos, matróides, grafo, polinômio de tutte e grupos ordenados.

A instituição tem 5.577,39 m² de área construída, com capacidade para atender aproximadamente 1.500 alunos. O espaço escolar é sistematizado em dois pavimentos: térreo

e superior. No térreo estão: quadra poliesportiva coberta com vestiários masculino e feminino, depósito de materiais esportivos, 02 laboratórios especiais, sanitários masculino e feminino, sanitários para deficientes, grêmio, depósito/manutenção imobiliário, lavagem de utensílios, cozinha, despensa, despensa fria, cantina, vestiários masculino e feminino, refeitório, área de vivência com palco descoberto, sanitários masculino e feminino, depósito de material de limpeza.

O térreo é o pavimento de maior área, onde também estão os Laboratórios de Informática, Línguas, Matemática, Física, Biologia e Química, e ainda depósito de material de multimídia, almoxarifado de laboratórios, depósito de material pedagógico, almoxarifado de informática, sala de multimídia para professores, sala de professores, diretoria, coordenação pedagógica, coordenação estágio, recepção, almoxarifado, reprografia, secretaria, biblioteca, auditório com capacidade para 201 lugares e sala técnica. Já no pavimento superior, existem 12 salas de aula, biblioteca, sanitários masculinos e femininos.

A escola utiliza processo seletivo anual para preenchimento de vagas das turmas do primeiro ano do ensino médio, sendo a quantidade de alunos rigorosamente pré-estabelecida em edital publicada pela instituição, os demais anos do ensino médio não aceitam matrículas de alunos que não tenham cursado o primeiro ano na instituição devido à formação técnica. Um dos pré-requisitos para entrar na instituição é ter disponibilidade de horário de segunda a sexta-feira das 7h30min às 17h. A classificação dos candidatos é em ordem crescente considerando a maior média aritmética das notas relativas aos componentes curriculares da Base Nacional Comum Curricular do 6º ao 9º do ensino fundamental II.

Em seu primeiro ano de inaugurada a escola possuía apenas turmas de 1º ano do ensino médio, no ano seguinte, 2019, com turmas de 1º e 2º anos, e finalmente em 2020 as primeiras turmas de 3º ano do ensino médio. Nesses primeiros anos a escola usou avaliações diagnósticas para direcionar o ano letivo, observando defasagens no ensino de Matemática e Português.

No ano de 2020, um período extremamente atípico de ensino remoto com distanciamento social impondo a instituição um verdadeiro desafio para criar estratégias e inserir os alunos em sua proposta de ensino, com baixo retorno dos alunos, surge então a necessidade de mudar o foco, criasse um projeto de gamificação com intuito de melhorar os resultados educacionais, com uma maior adesão dos alunos, o projeto motivou os professores a darem continuidade no ano seguinte a temática de tecnologia, desenvolvendo o letramento

digital, de tal maneira que os resultados obtidos superaram o do ano anterior. Os projetos citados destes dois últimos anos trouxeram êxito no prêmio “Escola de Valor” para a instituição de ensino. No ano de 2022 a escola ficou entre os 7 melhores IDEBS da rede estadual da Paraíba 5,2 um décimo abaixo da primeira colocada.

Em 2023 a instituição percebe a necessidade de provocar os discentes a observar sua realidade de forma mais crítica e profunda apostando em um novo modelo, buscando desenvolver habilidades técnicas e interpessoais nos estudantes, aperfeiçoando a formação integral e preparando-os para o mundo real. Após o período pandêmico da Covid-19 a escola adotou um projeto de intervenção pedagógica com o seguinte título: aprendizagem baseada em problemas: desenvolvendo *soft skills* e *hard skills* para formação integral.

A instituição adere a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), sendo uma metodologia que mescla habilidades pessoais, com conhecimentos técnicos necessários para a formação integral dos estudantes desenvolvendo em paralelo as características dessa metodologia. Quando usam problemas reais, os alunos são provocados a praticar e desenvolver tanto suas habilidades "*hard skills*" quanto suas habilidades "*soft skills*". As "*soft skills*" são habilidades como a comunicação, trabalho em equipe, liderança e resolução de conflitos, são desenvolvidas ao longo da vida e podem ser aperfeiçoadas com a prática. Já As "*hard skills*" são habilidades técnicas, como matemática, programação e conhecimentos específicos, que podem ser adquiridas através da prática e da teoria. De acordo com Schaefer, Silva e Wazlawick (2022), durante esse processo o estudante é estimulado a aprender por meio da ação, a aprender fazendo e a aprender a apreender, de modo que passe da ênfase no conteúdo à ênfase no processo de aprendizagem. Alguns dos objetivos específicos que são pilares do PIP são:

- Reconhecer e ampliar a capacidade de pensamento crítico, autônomo e consciente;
- Promover a interdisciplinaridade entre as diversas áreas do conhecimento através de metodologias ativas;
- Cultivar valores morais e éticos buscando torná-los cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres.

A escola conquistou em 2023 na olimpíada Canguru da Matemática Brasil 3 medalhas de bronze e 4 menções honrosas. Na olimpíada Mandacaru de Matemática 2023 1 medalha de ouro, 4 medalhas de prata, 4 de bronze e 4 menções honrosas.

Os alunos colaboradores que participaram dessa pesquisa foram estudantes do 2º ano do ensino médio/ técnico em Programação de Jogos Digitais. A turma escolhida para o desenvolvimento da pesquisa tem 43 alunos matriculados, sendo a maioria desses frequentes nas aulas. Esses alunos experimentaram ao decorrer do ano a presença de residentes do curso de Matemática do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) campus Campina Grande inseridos no Programa de *Residência Pedagógica* da CAPES que estiveram presentes nas aulas de Matemática e Propulsão Matemática da turma.

3.3 A escolha do tema

Durante toda a minha infância, nutria um grande interesse em observar as relações das pessoas ao meu redor com o dinheiro. Acompanhava minha mãe e minha avó enquanto realizavam suas compras mensais em dois mercadinhos diferentes. Utilizavam uma calculadora para não ultrapassar o valor previsto, minha avó, fazia suas compras no famoso "fiado", mantinha uma caderneta de anotações detalhada de todas as compras do mês. Recordo-me vividamente dos últimos dias do mês, quando ela calculava o valor final de cada mercado, por vezes enfrentando conflitos na hora de pagar. Isso ocorria devido ao sistema de duas cadernetas, uma para o cliente e outra para o controle do estabelecimento, resultando em equívocos nos registros por descuido ou falta de atenção do atendente de caixa.

Minha mãe não tinha o status social para realizar compras da mesma forma, limitando-se a usar dinheiro ou a caderneta emprestada da minha avó, que já era aposentada. Meu avô, por sua vez, possuía uma coleção de notas antigas que despertavam meu fascínio. Mesmo sem valor comercial, essas notas eram um elo com o passado, permitindo-me entender intuitivamente a evolução do sistema monetário ao longo do tempo. No entanto, sua péssima relação com o dinheiro, evidente em seu hábito de gastar boa parte do dinheiro recebido no bar, causava-me indignação.

Provindo de uma família economicamente carente, testemunhava a maior parte do dinheiro sendo destinado à alimentação. As refeições mais fartas concentravam-se ao final ou início do mês, após as compras mensais, e muitas vezes a alegria do dia consistia em comer

pão com queijo, um luxo para nós. Minha mãe, buscando proporcionar pequenos agrados, adicionava discretamente itens às compras dos meus avós. O restante do dinheiro era reservado para roupas e calçados em raras ocasiões durante o ano.

A falta de poder aquisitivo fez-me questionar frequentemente minha mãe sobre a razão de nossa situação de pobreza. Enquanto observava uma minoria da cidade desfrutar do dinheiro com facilidade, a resposta recebida era sempre a mesma: "Filho, estude muito para mudar essa situação." A sensação de invisibilidade e olhares atravessados devido às limitadas condições financeiras gerava angústia.

Nessa fase, o pouco dinheiro recebido pelos meus parentes era mal administrado. Enfrentávamos uma burocracia extensa ao tentar adquirir qualquer móvel ou utensílio doméstico, limitando-nos ao crediário que exigia uma série de documentos, comprovantes de renda e até mesmo a confirmação de boa reputação por parte dos vizinhos, realizavam ligação para pelo menos três.

Ao refletir sobre minha história de vida durante essa fase universitária crucial, percebi a oportunidade de contribuir para a sociedade abordando a Educação Financeira. Minha experiência na infância e adolescência reflete a realidade de muitos alunos de escolas públicas brasileiras, que enfrentam apertos financeiros em casa e carecem de recursos para, futuramente, administrar eficientemente suas finanças. A reflexão matemática crítica torna-se essencial para que o indivíduo se situe na sociedade, promovendo uma consciência de classe ativa e evitando ser ludibriado financeiramente, ao mesmo tempo em que compreende a complexidade social que o conduziu à sua situação econômica.

3.4 As etapas do projeto

Essa pesquisa pretendeu analisar um grupo de alunos de uma turma de 2º ano do ensino médio integrado ao técnico de Programação de Jogos Digitais nas aulas de Propulsão Matemática e no desenvolvimento de um projeto interdisciplinar de Matemática atrelada a Arte/Literatura. A pesquisa será do tipo exploratória e descritiva, buscando entender e descrever a utilização de recursos didáticos e interativos na Educação Financeira no ensino médio.

A abordagem será qualitativa, permitindo uma compreensão aprofundada das percepções e experiências dos alunos em relação aos recursos utilizados por pretender analisar

detalhadamente todo o processo de criação e não apenas o resultado. Ainda, a coleta de dados ocorrerá no ambiente natural, ou seja, a própria sala de aula, e a análise será descritiva a fim de elucidar da melhor maneira possível falas, pensamentos e ações dos alunos. A população será composta por alunos dos 2º anos do ensino médio da escola ECIT Professor Bráulio Maia Júnior, situada na cidade de Campina Grande, no bairro Dinamérica. A amostra foi selecionada por conveniência, já que participo da Residência Pedagógica que tem como um dos pressupostos realizar uma intervenção, considerarei a disponibilidade e consentimento dos participantes.

No primeiro momento foi aplicado um questionário de sondagem sobre Educação Financeira dispondo de 19 questões, com o intuito de entender melhor o público-alvo dessa pesquisa, e para alcançar os objetivos iniciais. Todas as questões presentes no questionário foram cruciais para realizar o direcionamento e desenvolvimento do projeto, uma vez que compreender a percepção dos alunos, suas vivências foram fundamentais para elaboração dos materiais usados nas aulas teóricas e abordagem de cada subprojeto voltado para realidade dos sujeitos. Na sequência foi apresentado o esboço do projeto de intervenção intitulado Educação Financeira no Dia a Dia: Construindo Bases para uma Vida Financeira saudável, destacando os objetivos junto ao professor titular, nesse contexto foi proposto uma exposição dos subprojetos ao fim dos encontros. O questionário gerou dados quantitativos e qualitativos sobre o conhecimento prévio dos alunos se o grau de relevância que dão a tópicos sobre Educação Financeira.

No segundo momento realizou-se a exibição do 2º episódio “Cartão de Crédito” da série documental americana “Money, Explained”, ela foi lançada mundialmente pela plataforma de streaming Netflix em 11 de maio de 2021, com 5 episódios de 22–23 minutos. O que a série quer mostrar? Explicando dinheiro deseja externar que a maioria das pessoas tem uma relação complicada com dinheiro. Algumas ficam ansiosas e outras obsessivas. A partir desse cenário, a série analisa as fraquezas que todos nós temos quando se trata de dinheiro, as formas como elas são exploradas e as melhores estratégias para lidar com tudo isso.

Focaremos no segundo episódio que é sobre o maior vilão, o cartão de crédito, e as armadilhas que estão inclusas nessa aparente praticidade. O episódio introduz um pouco da história do cartão de crédito, o desenrolar da sua distribuição na sociedade, e o início do endividamento em massa, explana também a classificação humana por meio de uma

pontuação chamada de score, os mecanismos por trás dos bancos para convencer os usuários, a forma que o cérebro enxerga algumas informações referentes aos cartões e como essas são manipuladas para gerar efeitos psicológicos. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81345769>. Duração: 23 minutos

Esperava-se recorrendo a streaming introduzir de forma mais moderna e próximas aos jovens a temática que será foco de material teórico nos próximos encontros. Fazendo indagações após a exibição para notar o entendimento dos alunos, verificar se já começam a enxergar possíveis problemas no uso do cartão de crédito e saber se prestaram atenção. Perguntas como: O que é score? Ele pode ser usado para diferenciar as pessoas? Notaram uma diferença nos cartões apresentados? Houve algum problema na entrega “gratuita” de cartões no começo da história dos cartões de créditos? Quais benefícios podem citar? Quais os malefícios?

Durante o desenvolvimento do projeto, utilizamos um questionário aplicado aos alunos como ponto de partida para identificar suas percepções e orientar as atividades. A partir da análise das respostas e de conversas com o professor titular da turma, foi possível compreender alguns desafios enfrentados pela escola, como a dificuldade dos docentes em manter o engajamento e o foco dos estudantes durante as aulas. Diante disso, o professor sugeriu o uso de atividades lúdicas, como o teatro, com o objetivo de tornar os encontros mais atrativos e produtivos.

Com base nessa proposta, dialogamos com os alunos, que demonstraram interesse em apresentar uma peça teatral como culminância das atividades desenvolvidas. Paralelamente, eu e meu colega Iann Tardely ficamos responsáveis por conduzir ações com as turmas do 2º ano A e B, com foco no uso de jogos educativos, especialmente na turma do 2º A. Para dar início ao trabalho, dividimos os estudantes em cinco grupos, cada um responsável por uma temática: uso do cartão de débito, cartão de crédito e Pix, exclusão financeira, golpes e fraudes financeiras, e consumo consciente.

Ao longo dos encontros, promovemos debates e rodas de leitura com textos reflexivos, como “Ser Especial”, de Danuza Leão, que aborda o consumismo na sociedade contemporânea e a busca incessante por diferenciação. Discutimos com os alunos como esse comportamento é amplificado pelas redes sociais, como Instagram e Facebook, onde há uma constante exposição de padrões de vida idealizados, refeições sofisticadas, roupas de grife, viagens e produtos do momento, frequentemente financiados por gastos impulsivos no cartão

de crédito, sem planejamento.

Refletimos ainda sobre os efeitos da “sociedade líquida”, em que tudo é substituível e descartável em um curto espaço de tempo. Questionamos: o que realmente precisamos? O que consumimos de forma consciente? Nossas escolhas são autênticas ou influenciadas por padrões impostos socialmente, que associam valor pessoal ao luxo e à exclusividade? Discutimos também a invisibilidade social de quem não se encaixa nesses padrões e a pressão por ser “visto” e validado por meio de curtidas e comentários.

Durante os diálogos, os alunos relataram que, ao utilizarem cartões de débito ou crédito, perdiam a noção do quanto gastavam em eventos sociais, diferente da sensação de controle que tinham ao lidar com dinheiro físico. Isso levantou uma reflexão importante: será que o sistema digital de pagamento contribui para o descontrole financeiro? Muitos relataram extrapolar o orçamento mensal com pequenos gastos recorrentes, sem perceber o acúmulo. Outros afirmaram não utilizar cartões por desconhecimento do seu funcionamento e, especialmente, dos juros aplicados, demonstrando uma lacuna significativa de conhecimento financeiro.

Em outro momento do projeto, promovemos com os alunos a exibição e discussão do documentário *O Dilema das Redes Sociais*, disponível na plataforma Netflix. O material audiovisual revelou de forma crítica como os algoritmos das redes sociais, embora apresentadas como gratuitas, são estruturados para influenciar comportamentos e impulsionar o consumo. A cada clique em um produto, como um sapato, por exemplo, o sistema registra a preferência e, em poucos minutos, começa a exibir uma série de propagandas relacionadas nas plataformas digitais. Diante disso, instigamos a turma com a pergunta: "Como as redes sociais podem ser maléficas para nós?"

Os alunos relataram a sensação de que os aplicativos “liam suas mentes”, uma vez que os anúncios surgiam com precisão e rapidez, de forma quase mágica. Reconheceram também como eram facilmente levados a clicar nesses conteúdos, sendo redirecionados para páginas de compra em questão de segundos, o que muitas vezes os levava a adquirir produtos de forma impulsiva. Mencionaram ainda os pop-ups recorrentes, que, ao tentar ser fechados, acabavam os conduzindo a mais anúncios, estimulando ainda mais o desejo pelo consumo. A fim de avaliar a compreensão crítica dos estudantes sobre essas práticas, solicitamos a produção de textos reflexivos a respeito da influência das mídias digitais no comportamento de consumo.

Ao longo de diversas aulas, aprofundamos essas temáticas, dividindo a turma em dois grandes grupos de trabalho. A partir dessas divisões, delineamos novas estratégias pedagógicas. Fiquei responsável, principalmente, pelas turmas envolvidas com o teatro. Um dos grupos criou uma adaptação contemporânea da obra *Auto da Compadecida*, intitulada *Auto do Endividamento*, abordando o uso irresponsável do crédito e as armadilhas do endividamento. Outro grupo desenvolveu a peça *Exclusão Financeira – Sons da Desigualdade*, que discutia a desigualdade social e a marginalização econômica.

Para construir os roteiros e ampliar a reflexão, utilizamos como apoio imagens emblemáticas frequentemente vistas em livros de História, Geografia e Sociologia — como o contraste entre condomínios de luxo e comunidades em situação de vulnerabilidade social. Trabalhamos também com letras de músicas que abordam essas questões. *Negro Drama*, do grupo Racionais MC's, foi utilizada para refletir sobre a ostentação, a ausência de mobilidade social e as limitações impostas aos moradores das periferias. Já a canção *Já Basta*, da banda Ponto de Equilíbrio, contribuiu com discussões sobre a violência estrutural, a fome, a pobreza e o racismo histórico. Trechos como “Sonho que se sonha junto muda realidade / Por todos os nossos mártires da sociedade / Pode parecer difícil termos capacidade / De ver além do ouro e da prata” reforçaram o debate sobre a necessidade de lutas coletivas e de uma visão social que transcenda a busca incessante por status e bens materiais.

Em relação à peça *Auto do Endividamento*, iniciamos os trabalhos com a divisão dos personagens durante uma das aulas, utilizando trechos selecionados do filme *Auto da Compadecida* como referência para contextualizar os alunos e apresentar a proposta de adaptação. Esclarecemos que se tratava de uma releitura moderna da obra, com enfoque na temática da educação financeira, especialmente sobre o endividamento e suas consequências. Compartilhei com os alunos a experiência exitosa de ter trabalhado com esse mesmo tema em outra escola, o que despertou ainda mais o interesse da turma, que se mostrou entusiasmada com a proposta.

Em um segundo momento, realizamos a leitura coletiva do texto da peça, o que permitiu que todos compreendessem a estrutura do enredo e as falas de seus respectivos personagens. Vale destacar que, nessa etapa, o texto da personagem "Futura" ainda não estava finalizado. Nos encontros seguintes, o papel foi incorporado oficialmente à peça, sendo pensado para introduzir um tom de modernidade e conexão com o presente, já que sua função seria abrir e encerrar o espetáculo, promovendo reflexões críticas sobre as consequências das

escolhas financeiras.

Para os ensaios, aproveitamos diversos espaços disponíveis na escola, como a biblioteca, as salas de aula, o refeitório e, principalmente, o auditório. A utilização desses ambientes proporcionou maior dinamismo aos ensaios por cenas, além de estimular a ambientação dos estudantes nos espaços escolares e contribuir para a expressividade e organização do grupo. Essa vivência teatral fortaleceu, de forma significativa, o protagonismo dos alunos, promovendo uma aprendizagem interdisciplinar, prática e reflexiva sobre finanças pessoais e realidades sociais.

Figura-3: Ensaio no Auditório - Auto do Endividamento



Fonte: Autor (2023)

Iniciamos os ensaios da peça *Auto do Endividamento* sem o uso de efeitos sonoros ou músicas de fundo. Durante esse processo inicial, observamos que alguns alunos apresentavam dificuldades de concentração, especialmente enquanto aguardavam sua vez de entrar em cena. Chegamos a cogitar a possibilidade de gravar as falas previamente, a fim de facilitar o andamento dos ensaios, mas optamos por manter a apresentação ao vivo, no improviso, ou como os alunos disseram, “no gogó”. Essa decisão exigiu um maior comprometimento e dedicação individual de cada participante, reforçando o espírito de colaboração e responsabilidade coletiva no projeto.

Em um momento posterior, apresentamos sugestões de figurinos, incentivando os alunos a buscarem peças semelhantes em casa ou adaptarem com criatividade. Para alguns, essa etapa representou um desafio, principalmente devido à limitação de recursos. No entanto, com diálogo, apoio mútuo e disposição para improvisar, conseguimos superar essa barreira, garantindo uma caracterização satisfatória para todos os personagens.

Durante os ensaios, exploramos com destaque a esperteza do personagem João Grilo, que, ao ser demitido, utiliza o limite do cartão de crédito para comprar alimentos e não passar

fome. Essa cena serviu como gancho para discutirmos com a turma os principais motivos que levam ao endividamento no Brasil, analisando uma tabela real que incluía despesas com alimentação e itens de consumo essencial. A partir disso, promovemos reflexões sobre o uso (e abuso) do crédito para necessidades básicas, incentivando os alunos a pensar criticamente sobre o papel do planejamento financeiro.

Mantivemos também uma cena que dialogava diretamente com a Matemática, na qual o Padeiro demonstra dificuldade para compreender uma promoção de "dois pelo preço de um", evidenciando a importância da educação financeira para decisões simples do cotidiano. Essa passagem gerou uma rica discussão sobre o quanto muitas pessoas veem vantagens em utilizar o cartão de crédito em promoções sem avaliar os impactos reais no orçamento mensal. Essas abordagens práticas e contextualizadas possibilitaram aos alunos compreender conceitos financeiros de maneira crítica, integrada e significativa.

Dando continuidade à encenação da peça *Auto do Endividamento*, desenvolvemos cenas criativas que mantiveram o humor característico da obra original, mas que ao mesmo tempo incorporaram críticas sociais pertinentes ao tema da educação financeira. A personagem da mulher do Padeiro, por exemplo, foi adaptada para manter sua postura sedutora, tentando conquistar Chicó com promessas modernas, como a oferta de um cartão de crédito com acúmulo de milhas, uma crítica aos apelos do consumo atrelados a benefícios ilusórios.

Chicó, por sua vez, representava o consumidor ingênuo e facilmente influenciado por propagandas enganosas, sendo retratado como vítima de uma “Black Fraude”, uma sátira às promoções da Black Friday, muitas vezes manipuladas com falsos descontos. A personagem Rosinha, em contrapartida, foi representada como uma jovem crítica e informada, que desconfiava das ofertas e expunha um site comparador de preços, mostrando ao público como o valor dos produtos variava ao longo do tempo, desmascarando a falsa promoção.

Outra figura emblemática foi a do personagem Vicentão, que simbolizava o cidadão comum com acesso a múltiplas formas de pagamento, cartão de crédito, débito e Pix, mas sem a devida instrução sobre seu uso. Essa condição o levava ao endividamento, representando uma parcela significativa da população brasileira. Em tom cômico, a igreja local foi também inserida na trama, aceitando doações via Pix, débito e crédito, mas promovendo desvios financeiros, uma crítica à mercantilização da fé e ao uso indevido da tecnologia em instituições.

A mensagem final da peça reforçava que, apesar dos riscos, a tecnologia pode ser uma aliada importante para a vida financeira, desde que seja utilizada com sabedoria e compreensão. Sem conhecimento, no entanto, pode se tornar um fator agravante no ciclo de endividamento.

Figura-4: Apresentação- Auto do Endividamento



Fonte: Autor (2023)

Durante o processo, enfrentamos diversas dificuldades estruturais. Por ser uma escola de ensino integral, os eventos promovidos frequentemente interrompiam os ensaios, e muitos espaços estavam interditados ou ocupados, o que chegou a desmotivar parte do elenco. Apesar dos obstáculos, conseguimos concluir os cenários, definir os figurinos e realizar várias apresentações no auditório da escola, que foram recebidas com entusiasmo e aplausos pelas turmas.

O palco foi dividido entre os dois espetáculos: metade ambientada para o *Auto do Endividamento* e a outra para a peça *Exclusão Financeira – Sons da Desigualdade*. As apresentações ocorriam em sequência, de forma fluida, encerrando uma peça e iniciando a outra. Os alunos demonstraram grande satisfação com o resultado, e o momento foi descrito

por muitos como emocionante. Na véspera do espetáculo, um dos estudantes chegou a desistir do papel por vergonha, mas, com o apoio da equipe, retornou no dia seguinte e participou ativamente da apresentação.

Todos tiveram acesso a um esquema visual que representava a organização do cenário, contribuindo para a ambientação e a compreensão das transições durante a encenação.

Figura-5: Cenário - Auto do Endividamento



Fonte: Autor (2023)

A stand intitulada “Serasa” foi uma das ações centrais para a compreensão do tema do endividamento e da saúde financeira. Os alunos puderam visualizar, de forma esquemática, como funcionaria cada setor dentro do espaço da simulação, o que permitiu uma organização mais clara e objetiva das funções atribuídas a cada integrante. Para dar consistência ao trabalho, realizamos um estudo prévio sobre o funcionamento da instituição Serasa, investigando sua estrutura organizacional e sua atuação no mercado, com o objetivo de construir uma representação didática e coerente com a realidade.

A proposta do stand foi articulada com os debates e textos trabalhados ao longo do projeto, criando uma ponte direta entre teoria e prática. Entre os temas abordados, destacaram-se os tipos de gastos que mais geram endividamento, a facilidade de acesso aos cartões de crédito e as consequências do uso descontrolado desses recursos. Um dos focos principais foi o conceito de score financeiro, índice que mede a reputação de crédito de uma pessoa, o qual foi apresentado aos visitantes do stand de forma acessível e contextualizada.

Para enriquecer a experiência, os alunos criaram cartões de crédito fictícios com base em descrições reais de produtos oferecidos no mercado, apenas alterando os nomes e os designs para fins pedagógicos. Essa simulação permitiu demonstrar como determinadas ofertas de crédito são direcionadas a perfis específicos de consumidores com base em seu

histórico financeiro.

A produção dos materiais do stand envolveu todos os participantes, e as atividades foram conduzidas de maneira colaborativa. Utilizamos o próprio chão da escola como espaço expositivo e interativo, o que possibilitou uma aproximação física e simbólica entre os alunos, os visitantes e os conteúdos trabalhados. Cada setor do stand foi construído com a intenção de promover uma vivência prática e educativa, estimulando o protagonismo juvenil na discussão sobre educação financeira.

Figura-6: Construção de Material Concreto 1



Fonte: Autor (2023)

Figura- 7: Construção de Material Concreto II



Fonte: Autor (2023)

A estrutura do stand “Serasa” foi organizada de forma a promover uma experiência interativa e educativa sobre o funcionamento do sistema de crédito e a realidade do endividamento. Para isso, os alunos idealizaram caixas com fichas ocultas em seu interior,

que funcionavam como sorteios simulando diferentes situações financeiras. A primeira etapa do stand era referente à situação cadastral do CPF do participante. Ao retirar uma ficha da primeira caixa, o visitante descobria se seu “nome” estava negativado ou “limpo”, o que influenciaria diretamente nas interações subsequentes dentro do circuito.

Essa abordagem prática foi essencial para que os estudantes compreendessem, na prática, como o histórico financeiro pode influenciar decisões futuras de crédito e oportunidades de consumo. Participantes com fichas de CPF negativado, por exemplo, enfrentavam limitações nas próximas etapas, como não poder ter acesso a cartões de crédito dentro da simulação. Já os participantes com o nome limpo tinham mais facilidades e opções, refletindo como o score financeiro impacta o cotidiano.

A construção desse percurso lúdico reforçou a compreensão sobre os efeitos reais de atrasos em pagamentos, dívidas acumuladas e comportamento financeiro desorganizado. Além disso, a interação com as fichas gerava curiosidade e engajamento por parte dos visitantes, incentivando conversas espontâneas sobre finanças, consumo consciente e planejamento pessoal. Esse primeiro contato do stand já despertava reflexões importantes, funcionando como uma verdadeira “porta de entrada” para os demais temas abordados nos outros setores do projeto.

Figura-8: Cartaz 1 – Consulte seu CPF



Fonte: Google (2023)

Caso o participante sorteasse a ficha com o “nome limpo”, ele era encaminhado para a segunda etapa do stand: a urna do score financeiro. Nessa nova interação, retirava uma nova ficha que indicava o valor do seu score, categorizado como **baixo**, **médio** ou **alto**. Essa

classificação era acompanhada de uma breve explicação, conduzida pelos alunos responsáveis, sobre o que é o score financeiro, quais fatores o compõem e como ele influencia nas decisões de crédito.

Entre os elementos explicados estavam: o histórico de pagamentos, a regularidade com contas básicas (como água, luz, telefone), a existência ou não de dívidas em aberto, o tempo de relacionamento com instituições financeiras e a proporção entre renda e gastos. A cada resultado sorteado, os estudantes faziam a mediação interpretativa dos impactos daquela pontuação no cotidiano do consumidor.

Por exemplo, participantes com score baixo enfrentavam simulações de maior dificuldade para conseguir crédito ou recebiam ofertas com juros mais altos. Aqueles com score médio eram orientados sobre estratégias para melhorar sua pontuação, enquanto os que obtinham score alto eram incentivados a manter boas práticas financeiras. Essa etapa foi essencial para aprofundar a compreensão sobre como pequenos hábitos, como atrasos em contas, uso constante do limite do cartão de crédito e ausência de controle orçamentário podem afetar o acesso ao sistema financeiro de forma significativa.

Figura-9: De Olho na Saúde Financeira - Serasa



Fonte:

Google (2023)

Além disso, o momento serviu para desconstruir a ideia de que o score é algo aleatório ou incontrolável, mostrando aos participantes que ele é reflexo direto das escolhas e comportamentos cotidianos. A simulação, portanto, aliava informação teórica à vivência prática, despertando o senso crítico e estimulando o protagonismo na tomada de decisões financeiras.

Figura-10: Cartaz 2 – O que Compõe a Pontuação do Score

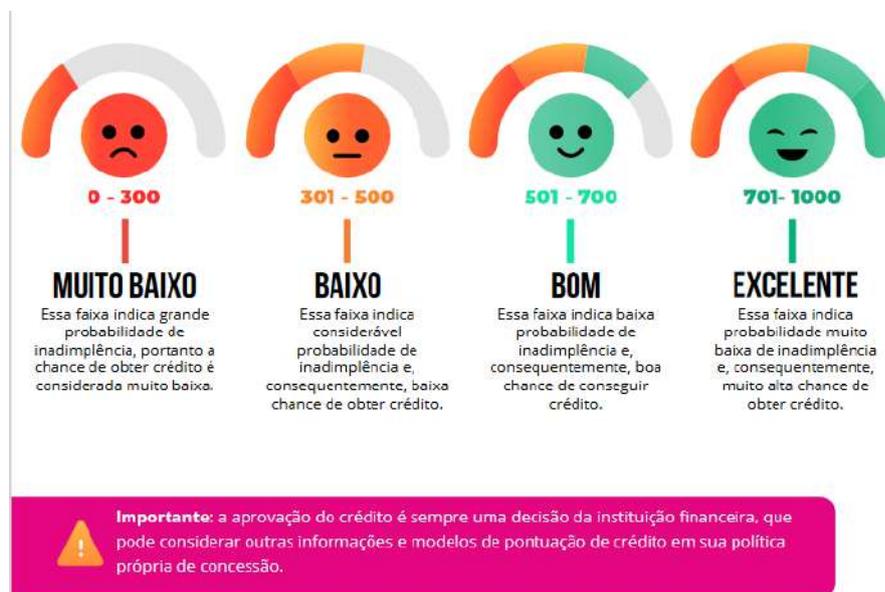
O que compõe a sua pontuação

Confira as principais informações que alteram o seu Serasa Score versão 3.0:



Fonte: Google (2023)

Figura-11: Cartaz 3 - Avaliação do Score



Fonte: Google (2023)

Após sortear a ficha do score financeiro, o participante era conduzido para o setor das ofertas de cartões de crédito, onde era recebido por um atendente (simulado por um dos alunos). Esse atendente apresentava diferentes tipos de cartões fictícios, todos inspirados em modelos reais, e destacava suas respectivas vantagens, benefícios, taxas de juros e programas

de pontos ou milhas. A ideia era demonstrar como o mercado utiliza estratégias de persuasão para atrair consumidores, muitas vezes sem oferecer clareza sobre os custos envolvidos.

Figura-12: Cartões de Crédito

The image displays six credit cards with their respective promotional text boxes:

- Visa do Sertão:** 9301 2516 4733 1738, 04/28. Features include a 20% discount on purchases at supermarkets, pharmacies, and gas stations, and a special offer for a 10% discount on purchases at supermarkets.
- Vaqueiro Card:** 5803 5510 6730 0733, 02/26. Features include a 30% discount on purchases at supermarkets, a 10% discount on purchases at gas stations, and a special offer for a 10% discount on purchases at supermarkets.
- Lampião Premium:** 3400 0514 4781 0034, 06/25. Features include a 2% cashback on purchases at supermarkets, a 10% discount on purchases at supermarkets, and a special offer for a 10% discount on purchases at supermarkets.
- Ôxe!:** 7801 9519 4733 2730, 05/31. Features include a 5% cashback on purchases at supermarkets, a 10% discount on purchases at supermarkets, and a special offer for a 10% discount on purchases at supermarkets.
- Felicicard:** 4000 0304 4311 0023, 08/30. Features include a 10% discount on purchases at supermarkets, a 10% discount on purchases at supermarkets, and a special offer for a 10% discount on purchases at supermarkets.
- Another Visa Card:** 9301 2516 4733 1738, 04/28. Features include a 20% discount on purchases at supermarkets, pharmacies, and gas stations, and a special offer for a 10% discount on purchases at supermarkets.

Fonte: Google (2023)

O participante, então, escolhia qual cartão desejava adquirir. O atendente, com base em uma ficha interna contendo o score mínimo exigido para cada cartão, avaliava a compatibilidade entre o perfil do cliente e o produto desejado. Caso o score fosse suficiente, o participante recebia uma miniatura simbólica do cartão escolhido, representando a aprovação do crédito.

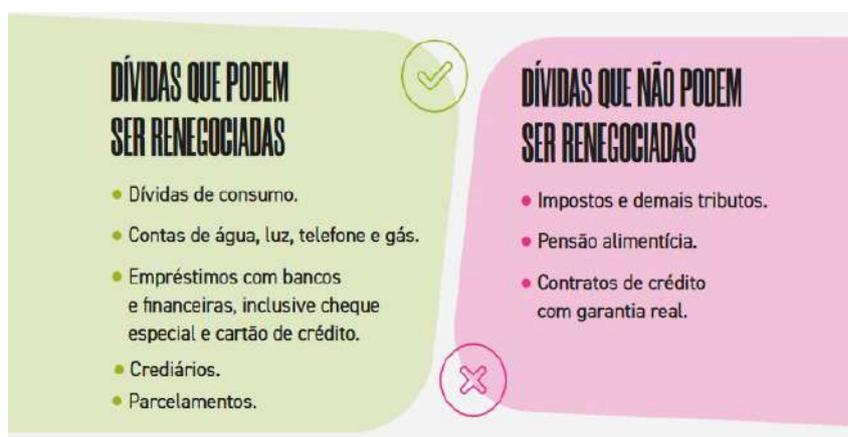
Se o score não fosse compatível com o cartão desejado, o atendente oferecia

alternativas adequadas ao perfil do participante, com condições e limites mais restritivos, simulando o funcionamento real do sistema financeiro. Caso o participante não aceitasse nenhuma das opções disponíveis, era informado de que seu caso passaria por uma reavaliação futura, o que gerava reflexões sobre o impacto da organização financeira a médio e longo prazo.

Já os participantes que haviam tirado a ficha indicando CPF negativado, eram direcionados para uma segunda urna, onde retiravam um novo papel que informava o valor da dívida. A partir desse ponto, era realizada uma conversa com os mediadores do stand sobre os diferentes tipos de dívidas, aquelas que podem ser negociadas e quitadas com descontos, e outras que não entram em negociação direta, como dívidas com o poder público, por exemplo. Também foi trabalhada a classificação dos tipos de gastos, dividindo-os em essenciais (alimentação, moradia, saúde), necessários (transporte, educação, vestuário) e supérfluos (itens de luxo, consumo por impulso). Essa abordagem permitiu uma discussão crítica sobre as prioridades no orçamento pessoal e familiar, além de refletir sobre como decisões mal planejadas podem comprometer a saúde financeira a longo prazo.

Essa parte do stand foi uma das mais envolventes, pois os participantes se reconheciam em muitas das situações simuladas, criando um ambiente de diálogo, partilha de experiências e conscientização sobre o consumo consciente e o uso responsável do crédito.

Figura-13: Cartaz 4 - Classificando os Tipos de Dívidas



Fonte: Google (2023)

Figura-14: Cartaz 5 - Classificando os Gastos



Fonte: Google (2023)

Figura-15: Cartaz 6 - Atenção



Fonte: Google (2023)

Após a descoberta do valor da dívida, os participantes eram encaminhados ao setor do Desenrola Brasil, que representava uma das fases mais educativas e reflexivas da simulação. Nesse espaço, os estudantes responsáveis apresentavam o programa governamental Desenrola Brasil, explicando seus objetivos, funcionamento, critérios de adesão e as etapas envolvidas no processo de negociação de dívidas para pessoas físicas com nome negativado.

De maneira clara e acessível, foi destacado como o programa visa oferecer condições facilitadas de pagamento, com descontos expressivos, prazos estendidos e taxas reduzidas de juros, funcionando como uma oportunidade de reorganização financeira para cidadãos em situação de inadimplência.

Nesse setor, havia uma urna com percentuais de desconto, representando a simulação das condições de renegociação oferecidas pelo programa. Cada participante sorteava um percentual (por exemplo, 20%, 40%, 60% ou até 90%) e, a partir disso, era desafiado a calcular o novo valor da sua dívida com base no desconto obtido.

Para esse cálculo, os alunos participantes podiam utilizar planilhas eletrônicas (em dispositivos disponíveis) ou resolver as operações diretamente no quadro branco instalado no stand. Essa atividade promoveu não apenas a aplicação prática de conteúdos matemáticos, como porcentagem e subtração, mas também reforçou a importância do planejamento e da análise financeira em processos de renegociação de dívidas.

A participação ativa nesse setor proporcionou uma experiência formativa importante, permitindo aos estudantes não apenas compreenderem um programa público relevante, mas também vivenciarem, por meio da simulação, a tomada de decisão em cenários reais, conectando teoria e prática com responsabilidade social.

Figura-16: Cartaz 7 - Desenrola Brasil



Fonte: Google (2023)

Figura-17: Cartaz 8 - Etapas do Desenrola Brasil



Fonte: Google (2023)

4. Uma educação financeira com significados, crítica e social é possível.

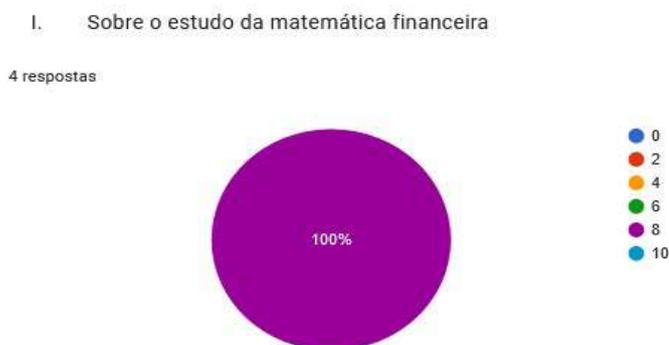
Os resultados desta pesquisa indicam que a educação financeira crítica, quando integrada ao currículo escolar de maneira relevante e contextualizada, pode efetivamente preparar os alunos para lidar com os desafios econômicos do cotidiano. A intervenção educacional aplicada na ECIT Professor Bráulio Maia Júnior mostrou que os alunos se tornaram mais conscientes das armadilhas do consumo e da importância de manter um bom score de crédito para sua vida financeira futura. No entanto, também se observou que o sistema de pontuação de crédito pode reforçar desigualdades existentes, destacando a necessidade de uma abordagem educacional que não só informe, mas também critique as estruturas que sustentam essas práticas.

As respostas dos alunos sobre as novas formas de explorar a Matemática indicam um interesse maior e uma percepção positiva quanto à aprendizagem. Eles destacaram que atividades interativas, como o uso do teatro e simulação de cenários reais (exemplo da Serasa), tornam o aprendizado mais dinâmico e atraente. Isso reflete a pedagogia defendida por Paulo Freire, que sugere que a educação deve ser contextualizada e vinculada às experiências de vida dos educandos. Freire afirmava que a educação é um processo de "leitura do mundo" e, nesse sentido, o uso de cenários do cotidiano torna-se fundamental para aproximar o conteúdo acadêmico da realidade dos estudantes.

As respostas indicam que os alunos conseguem ver a aplicação da Matemática em diversas situações cotidianas, como a escolha de formas de pagamento e a análise de preços. Isso reforça a ideia de Freire de que o conhecimento deve ser "útil e relevante" para a vida dos educandos, permitindo que eles se tornem críticos e conscientes em suas escolhas.

Todos os respondentes concordaram que o estudo da matemática financeira foi significativo, o que sugere uma valorização do conteúdo que conecta teoria à prática. Freire dizia que o ato de aprender deve sempre se relacionar com a prática de liberdade e autonomia. Isso mostra que quando a Matemática é aplicada a situações reais, como questões financeiras, o interesse dos alunos cresce.

Figura -18: Item 1 - Questionário Final

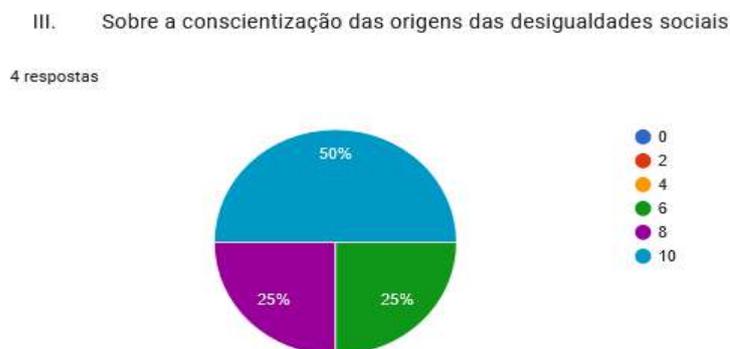


Fonte: Autor (2023)

O gráfico que mostra 75% de conscientização sobre questões financeiras indica que a maioria dos estudantes reconhece a importância de compreender temas financeiros para a vida cotidiana. Freire defendia uma educação que liberta e possibilita o protagonismo dos educandos. Neste contexto, ao reconhecerem a importância da educação financeira, os alunos estão exercitando um papel mais ativo e consciente em suas vidas.

A conscientização das origens das desigualdades sociais teve uma variação nas respostas, o que sugere que alguns alunos ainda podem ter dificuldades em conectar a matemática financeira com o entendimento das estruturas sociais. Para Freire, a conscientização crítica é essencial, e talvez seja necessário aprofundar mais essas discussões em sala para que todos os alunos consigam perceber as conexões entre educação financeira e as injustiças sociais.

Figura-19: Item III - Questionário Final



Fonte: Autor (2023)

A motivação demonstrada pelos alunos para participar das atividades financeiras indica que 75% deles estavam engajados. Freire enfatiza que a educação deve ser algo que motive e desperte o interesse dos educandos, tornando-os sujeitos ativos do processo educativo. Este resultado positivo sugere que quando os conteúdos são tratados de forma contextualizada e com metodologias interativas, a participação e interesse dos alunos aumenta significativamente.

Figura-20: Item 1V - Questionário Final



Fonte: Autor (2023)

Figura-21: - Item V - Questionário Final



Fonte: Autor (2023)

Freire defendia uma pedagogia da autonomia, onde o conhecimento é construído de forma colaborativa e crítica. Essa pesquisa revela que quando a Matemática, tradicionalmente vista como uma disciplina rígida e teórica, é conectada com o cotidiano dos alunos, ocorre uma transformação no aprendizado, que vai ao encontro da ideia freiriana de que a educação deve partir da realidade vivida dos alunos.

Além disso, a utilização de métodos que envolvem "situações-problema" do cotidiano financeiro é uma aplicação direta do que Freire descreve como a educação dialógica. Ou seja, em vez de transmitir o conhecimento de forma vertical, a aprendizagem é feita de forma horizontal, onde o educador não é o único detentor do conhecimento, mas um facilitador que promove reflexões críticas e discussões coletivas.

Figura-22: Questão Discursiva 1 - Questionário Final

1- Você gostou de ver novas formas de explorar a Matemática, tais como o uso do teatro e simulação da Serasa? A disciplina torna-se mais agradável? (Explique porque)

4 respostas

Sim achei bem interessante, e ficou uma coisa mais divertida

Sim, se torna mais agradável de se aprender

Sim foi muito bom ver novas formas de explorar a matemática poder ver outros recursos que podem ser utilizados dentro da matéria

sim, acho que com a prática a gente aprende bem mais rápido e bem melhor

Fonte: Autor (2023)

Figura-23: Questão Discursiva II - Questionário Final

2- Por meio da sua experiência você acredita que consegue ver a matemática presente na tomada de decisões financeiras simples do dia a dia, e perceber sua importância?

Exemplo: como escolher a forma de pagamento na padaria!

4 respostas

Sim tudo, tem um pouco de matematica

Sim, como em inúmeros fatores, desde uma simples compra de mercado, até o endividamento

Sim e muito a matemática ela esta sempre presente no nosso dia a dia, nas nossas decisões como a forma de pagamento em lojas padarias e em diversas coisas

sim, em relação a parcelar uma compra feita no cartão

Fonte: Autor (2023)

Figura-24: Questão Discursiva III - Questionário Final

4 respostas

Sim
Um marketing para as pessoas usarem o cartão
Sim a peça trouxe um pouco do dia a dia de todas as pessoas, mostrou as dificuldades que todos enfrentam com uso sem conhecimento do dinheiro cartão de crédito e como isso pode levar a ficar com o nome sujo no serasa e precisa passar por várias coisas para limpar o nome outra vez
ss, pois com foi apresentado na peça, João grilo usou o cartão sem pensar para saciar seus desejos, sem pensar nas consequências q o cartão traz para as pessoas.

Fonte: Autor (2023)

Figura-25: Questão Discursiva IV - Questionário Final

Por um lado sim né mas dps a pessoa tem q de virar pra pagar
Sim, se você souber controlar o uso do cartão
Sim, o uso do cartão de crédito ele trás algumas vantagens que são a ajuda de compras em lojas e em diversas coisas assim como pode trazer também desvantagens e o nome acabar ficando sujo e indo para o serasa
nn muitas, ele ate ajuda vc conseguir seus desejos, mas com consequências muito grandes, os cartões são usados também para tentar se encaixa nos padrões da sociedade, tentando ser aquilo o q elas nn são.

Fonte: Autor (2023)

Para aprimorar a compreensão dos alunos sobre a relação entre matemática financeira e desigualdades sociais, é importante: Incluir debates sobre como as práticas financeiras influenciam diferentes classes sociais e como a educação financeira pode empoderar economicamente os indivíduos; Relacionar casos práticos que mostrem a aplicação direta da matemática financeira na vida de diferentes grupos sociais; Ampliar o uso de métodos interativos, como simulações de mercado, para que os alunos possam experimentar diferentes cenários econômicos e perceber como as desigualdades são formadas e podem ser combatidas.

Em resumo, os resultados indicam que a educação financeira, quando tratada de forma contextualizada e integrada com a realidade dos alunos, promove um aprendizado significativo, engajado e consciente, alinhado com as perspectivas educacionais de Paulo Freire.

As considerações finais apontam para a importância de continuar desenvolvendo e implementando programas de educação financeira nas escolas, que não apenas ensinem a gerenciar finanças pessoais, mas também promovam uma compreensão crítica das políticas econômicas e financeiras que afetam a sociedade. Para futuros trabalhos, sugere-se a exploração de métodos pedagógicos que integrem ainda mais a realidade socioeconômica dos alunos ao conteúdo de educação financeira, promovendo uma educação verdadeiramente emancipatória.

Ao longo das aulas, vivenciamos momentos ricos de diálogo e reflexão, que evidenciaram a relevância da educação financeira crítica como ferramenta para promover o pensamento autônomo e a conscientização dos estudantes sobre seu papel social. Um dos aspectos que mais chamou atenção foi o questionamento dos próprios alunos sobre formas de burlar sistemas financeiros, como o uso do nome de terceiros para aquisição de bens com cartão de crédito, ou maneiras de “driblar” operadoras. Esses diálogos abriram espaço para debates importantes sobre justiça social, legalidade e o impacto psicológico do endividamento, especialmente entre famílias que vivem com um salário mínimo e ainda precisam arcar com aluguel e despesas básicas.

A simulação de um orçamento doméstico foi uma estratégia reveladora: mesmo quando a moradia era considerada própria, os cálculos expunham a quase impossibilidade de acesso a bens como casa, carro ou apartamento. Isso levou os estudantes a refletirem sobre o desespero que muitas famílias enfrentam e como, diante da escassez, decisões impulsivas podem surgir como tentativas de sobrevivência. Discussões sobre a meritocracia e os limites desse discurso em uma sociedade marcada pela desigualdade de oportunidades também emergiram com força. Muitos alunos passaram a enxergar, com mais nitidez, a realidade de trabalhadores braçais que acordam cedo, trabalham duro, mas vivem em condição de vulnerabilidade permanente.

Exploramos ainda o conceito de exclusão financeira e a distribuição desigual dos recursos. Dividimos o valor do salário mínimo pelos dias e horas trabalhadas, o que levou à constatação do valor irrisório que a maioria da população recebe por hora de trabalho. Foi esclarecedor perceber que apenas uma minoria recebe acima de cinco mil reais mensais no Brasil. Tais análises favoreceram uma leitura crítica dos sistemas de crédito, dos juros de consórcios e do funcionamento do décimo terceiro salário, que muitos acreditavam ser um "bônus", quando na verdade é uma forma de redistribuição já prevista em lei.

A provocação trazida pela música *Negro Drama*, dos Racionais MC's, possibilitou refletir sobre os desejos de consumo dos adolescentes, questionando se essas vontades são genuinamente pessoais ou moldadas por uma sociedade consumista. A ideia de que, no capitalismo, somos números desde o nascimento, e que nossa identidade muitas vezes é reduzida ao quanto geramos de lucro, ressoou fortemente com os alunos. Também emergiram críticas à estrutura tecnicista do ensino integral, que, por vezes, prepara os jovens mais para o mercado do que para a vida em sua complexidade.

Os debates sobre direitos do consumidor revelaram o desconhecimento generalizado sobre questões básicas, como funcionamento dos juros compostos, consórcios, contratos e o real impacto do aumento do salário mínimo frente à inflação. As perguntas que surgiram foram potentes: "O salário aumentou, mas por que posso comprar menos?", "O trabalhador pobre tem poder de escolha sobre sua profissão, ou o sistema a empurra para determinadas funções?"

A Matemática, nesse contexto, foi ressignificada. Para além do cálculo e da álgebra, os alunos reconheceram seu papel na interpretação de gráficos sobre desigualdade, no entendimento de dados socioeconômicos e na análise crítica do mundo. Muitos afirmaram gostar de Matemática, mas não da forma como ela é normalmente ensinada. Um paralelo foi traçado com a poesia: alguns acreditam não gostar de poesia por conhecerem apenas o modelo eurocêntrico, mas ao se depararem com letras como *Negro Drama*, compreendem que há poesia nas vivências, nos ritmos e nas lutas.

Essa experiência reforça que a Matemática pode e deve ser apresentada de forma crítica, próxima da realidade dos estudantes. Quando isso ocorre, ela se transforma em ferramenta de análise do mundo, de autoconsciência e de ação social. Discutimos contratos sociais em suas diversas formas, da família ao banco, e foi nesse processo que a sala de aula se transformou em um espaço de escuta, construção e descoberta.

A prática pedagógica vivenciada neste projeto permitiu reconhecer e ampliar a capacidade de pensamento crítico e consciente dos estudantes, promovendo uma aprendizagem interdisciplinar, ética e socialmente engajada. Ao utilizar metodologias ativas e ensino exploratório, a Educação Matemática mostrou seu potencial de provocar o raciocínio, a empatia e a transformação social. A experiência reafirma que o protagonismo estudantil não apenas é possível, como essencial para formar cidadãos autônomos, reflexivos e preparados para os desafios do mundo real.

Considerações finais

As considerações finais deste trabalho ressaltam a importância crucial da educação financeira crítica no contexto escolar, não apenas como uma ferramenta para a gestão financeira pessoal, mas também como um instrumento de conscientização e emancipação social. Durante a intervenção educacional realizada na ECIT Professor Bráulio Maia Júnior, observou-se um crescimento significativo na conscientização dos alunos sobre as armadilhas do consumo desenfreado e a importância de manter um bom score de crédito. No entanto, os resultados também evidenciam que a pontuação de crédito, em vez de ser apenas uma ferramenta neutra para avaliação de risco financeiro, se revela como um mecanismo que pode aprofundar as desigualdades sociais já existentes.

A frase “tenho score, logo existo” encapsula uma realidade na qual a existência financeira dos indivíduos se torna uma condição quase essencial para a sua participação na vida social e econômica. Essa realidade, em grande parte, perpetua um ciclo de exclusão para aqueles que são penalizados por um score baixo, muitas vezes resultado de circunstâncias alheias ao seu controle. Nesse sentido, a educação financeira crítica emerge como um campo essencial para que os alunos não apenas compreendam como funcionam os mecanismos de crédito, mas também para que desenvolvam uma visão crítica e questionadora sobre o impacto dessas práticas em suas vidas e na sociedade como um todo.

A educação deve ir além da mera transmissão de conhecimentos técnicos. Conforme apontado por Paulo Freire, a verdadeira educação é aquela que liberta, que promove a autonomia do sujeito e o capacita a transformar a realidade à sua volta. Nesse contexto, é fundamental que a educação financeira crítica nas escolas não se limite a ensinar os alunos a calcular juros ou a entender o funcionamento dos produtos financeiros, mas que também os instigue a refletir sobre as estruturas econômicas e sociais que perpetuam a desigualdade. Assim, os estudantes devem ser incentivados a questionar: Quem se beneficia do sistema de pontuação de crédito? Quais são as consequências para aqueles que são marginalizados por esse sistema?

A pesquisa também destaca a necessidade de que a educação financeira nas escolas seja adaptada à realidade socioeconômica dos alunos. Para que o ensino seja verdadeiramente eficaz, ele precisa estar conectado com o cotidiano dos estudantes, levando em conta suas

vivências, desafios e perspectivas. Isso implica a necessidade de metodologias pedagógicas inovadoras que façam uso de exemplos práticos e relevantes, aproximando o conteúdo da realidade dos alunos. Além disso, a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem, por meio de discussões, projetos e atividades práticas, pode fortalecer a compreensão e a aplicação dos conceitos de educação financeira em suas vidas diárias.

Por fim, as considerações finais apontam para a urgência de políticas públicas que integrem a educação financeira crítica como um componente essencial no currículo escolar. Essa inclusão não deve ser apenas um cumprimento formal de diretrizes, mas deve ser realizada com um comprometimento real com a formação integral dos alunos, preparando-os para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo de forma crítica e consciente. Ao empoderar os jovens com conhecimento e senso crítico, estamos dando passos importantes para a construção de uma sociedade mais justa, onde todos têm a oportunidade de participar plenamente da vida econômica, sem serem definidos ou limitados por uma simples pontuação de crédito.

Este trabalho, ao contribuir para a discussão sobre a importância da educação financeira crítica, abre caminho para futuras pesquisas que possam explorar ainda mais as interseções entre educação, economia e cidadania. Recomenda-se que estudos futuros investiguem o impacto a longo prazo da educação financeira crítica na vida dos alunos, bem como a efetividade de diferentes abordagens pedagógicas neste campo. A esperança é que, com uma base sólida em educação financeira crítica, as próximas gerações sejam capazes de não apenas gerenciar suas finanças com responsabilidade, mas também de contribuir para a transformação das estruturas sociais que influenciam suas vidas.

Referências

- ALMEIDA, F. J. *Educação e informática: os computadores na escola*. São Paulo: Cortez, 1985. (Coleção Polêmicas de Nosso Tempo, v. 17).
- ANDRADE, Cíntia Cristiane de. *O ensino da matemática para o cotidiano*. 2013.
- BALL, S. J.; MAINARDES, J. *Políticas educacionais: questões e dilemas*. Tradução de João Wanderley Geraldi. Campinas, SP: Papirus, 2011.
- BARROS, João. *Consumo e sociedade na era do capitalismo*. São Paulo: Moderna, 2007.
- BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida a crédito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Lisboa: Porto Editora, 1994.
- BOLDRINI, J. L. et al. *Álgebra linear*. [S.l.]: Harper & Row do Brasil, 1980.
- BOSSI, Katia Milani Lara; SCHIMIGUEL, Juliano. Metodologias ativas no ensino de Matemática: estado da arte. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 4, p. e47942819, 2020.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática – Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular – BNCC*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br>. Acesso em: 10 jul. 2023.
- BRASIL. Ministério da Fazenda. *Programa Desenrola Brasil: saiba como funciona*. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/fazenda/desenrola>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- CAMPARA, Jéssica Pulino; VIEIRA, Kelmara Mendes; CERETTA, Paulo Sergio. Entendendo a atitude ao endividamento: fatores comportamentais e variáveis socioeconômicas o determinam? *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, v. 15, n. 1, p. 5–24, 2016.
- CAMPOS, Marcelo Bergamini. *Educação financeira na matemática do ensino fundamental: uma análise da produção de significados*. Juiz de Fora: UFJF, 2012.

- CANAVARRO, Ana Paula. Ensino exploratório da matemática: práticas e desafios. *Educação e Matemática*, Associação de Professores de Matemática, n. 118, p. 11–15.
- CARNEIRO, A.; RODRIGUES, R. A.; SOUZA, V. C. *Didática da matemática: práticas para a sala de aula*. São Paulo: Cortez, 2004.
- CORTESÃO, Luiza. *Investigação-ação: um convite a práticas cientificamente transgressivas*. Texto de uma conferência proferida no Recife em dezembro de 2004, promovida pelo Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas. Documento policopiado.
- DA COSTA, Simone Aparecida. *Planejamento financeiro pessoal: uma proposta para a saúde financeira do brasileiro da classe C*. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade Fernando Pessoa, Portugal.
- DA SILVA, Mariana Freitas Tacanho. Educação financeira na escola por meio da análise de juros de cartão de crédito. *Revista Eletrônica Sala de Aula em Foco*, v. 8, n. 1, p. 132-142, 2019.
- D’AMBROSIO, Ubiratan. *Educação matemática: da teoria à prática*. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.
- DOLCI, Marisa. *Ser especial*. Folha de S.Paulo, São Paulo, 27 mar. 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/80046-ser-especial.shtml>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- DONADIO, Rosimara; CAMPANARIO, Milton de Abreu; RANGEL, Armênio de Sousa. O papel da alfabetização financeira e do cartão de crédito no endividamento dos consumidores brasileiros. *Revista Brasileira de Marketing*, v. 11, n. 1, p. 75-93, 2012.
- EVES, Howard. *Introdução à história da matemática*. Tradução de Vera da Costa e Silva. São Paulo: Unesp, 2004.
- FERREIRA, Leonardo Alves et al. Ensino de Matemática e COVID-19: práticas docentes durante o ensino remoto. *EM TEIA – Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana*, v. 11, n. 2, p. 1-15, 2020.
- FIGUEIRA, M. V. P. *Endividamento das famílias brasileiras: causas, consequências e reflexos no crédito ao consumidor*. 2014. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2014.
- FIorentini, Dario. Alguns modos de ver e conceber o ensino da matemática no Brasil. *Zetetiké*, v. 3, n. 1, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GATES, Morgan (Narrador). *Explicando Dinheiro (Money, Explained) – Episódio 2: Cartão de Crédito*. [Documentário]. Estados Unidos: Netflix, 2021. 1 episódio (23 min), son., color. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81345769>. Acesso em: 20 jul. 2023.

GUIMARÃES, Estefânia de Vasconcelos. *Consumo: seduções e questões do supermercado social*. In: ZILIOOTTO, Denise Macedo (org.). *O consumidor: objeto da cultura*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 23-48.

KUNKEL, Franciele Inês Reis; VIEIRA, Kelmara Mendes; POTRICH, Ani Caroline Grigion. Causas e consequências da dívida no cartão de crédito: uma análise multifatores. *Revista de Administração (São Paulo)*, v. 50, p. 169–182, 2015.

LAZZARATO, Maurizio. Sobre a crise: finanças e direitos sociais (ou de propriedade). *Lugar Comum*, v. 27, p. 83-90, 2009.

LEÃO, Danuza. Ser especial. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 16 mar. 2012. Cotidiano. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/80046-ser-especial.shtml>. Acesso em: 20 jul. 2023.

LIMA, Cristiane Bahia; DE SÁ, Ilydio Pereira. Matemática financeira no ensino fundamental. *Revista Eletrônica TECCEN*, v. 3, n. 1, p. 34-43, 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles; ROUX, Elyette. *O luxo eterno: da idade do sagrado ao tempo das marcas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MOWEN, John C.; MINOR, Michael S. *Comportamento do consumidor*. Tradução: Vera Jordan. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2003.

- MUNDO DAS MARCAS. Dior – marca do mestre. *Mundo das Marcas*, 2006. Disponível em: <http://mundodasmarcas.blogspot.com.br/2006/06/diormarca-do-mestre.html>
- MURAKAMI, Christian. *Educação financeira e formação cidadã: uma abordagem crítica no contexto escolar*. São Paulo: Cortez, 2020.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- OLIVEIRA, Giane Costa; DEMITO, Alexandre Ramos; SILVA, Antonio Carlos Magalhães da. Saúde financeira e alfabetização financeira: estudo de caso em uma mineradora da região norte do Brasil. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, v. 16, n. 47, p. 163-179, 2023.
- OLIVEIRA, J. C.; ALVES, E. R.; NEVES, D. R. *História da matemática na prática docente*. São Paulo: Contexto, 2008.
- ORLOWSKI, Jeff (Diretor). *O dilema das redes*. [Documentário]. Estados Unidos: Netflix, 2020. 1 vídeo (93 min), son., color.
- PAIVA, Vanilda. *Formação de professores e prática educativa*. São Paulo: Papirus, 2008.
- PONTE, J. P. Gestão curricular em Matemática. In: GTI (Org.). *O professor e o desenvolvimento curricular*. Lisboa: APM, 2005. p. 11–34.
- PONTO DE EQUILÍBRIO. *Já Basta*. In: *Reggae a vida com amor*. [CD]. Rio de Janeiro: Som Livre, 2007.
- RACIONAIS MC's. Negro Drama. In: *Nada como um dia após o outro dia* [CD]. Cosa Nostra, 2002.
- SBICCA, Adriana; FLORIANI, Vinícius; JUK, Yohanna. Expansão do crédito no Brasil e a vulnerabilidade do consumidor. *Revista Economia & Tecnologia*, v. 8, n. 4, 2012.
- SCHAEFER, Ricardo; WAZLAWICK, Patricia; SILVA, Breno Prado da. O passo adiante das hard e soft skills: a novidade da FOIL na formação universitária. *Brazilian Journal of Ontopsychology*, v. 2, n. 2, p. 39-58, 2022.
- SILVA, Adriana Cristina et al. Qualidade de vida e endividamento. *Desafio Online*, v. 8, n. 2, 2020.
- VIGNOLI, José. Como falta de dinheiro prejudica a inteligência e afeta decisões. *Serasa Ensina*, 2022. Disponível em: <https://www.serasa.com.br>. Acesso em: 20 jul. 2023.

Apêndice A - Questionário de sondagem sobre educação financeira

- 1) Qual sua idade?
- 2) Somando todos os rendimentos da sua família, em qual dessas opções ela se encaixa?
 - 0 a 500 reais.
 - Entre 500 e um salário-mínimo.
 - Entre um salário-mínimo e três salários-mínimos.
 - Acima de três salários.
- 3) Você conhece ou já ouviu falar em Educação Financeira?
 - Sim.
 - Não.
- 4) Em quais desses meios você teve mais acesso a informações sobre Educação Financeira?
 - Em casa com a família.
 - Em conversar com amigos.
 - De revistas, livros, TV, rádio.
 - Na internet: em redes sociais etc.
 - De minha experiência prática.
 - Em aulas do ensino médio.
 - Não tive acesso a informações sobre educação financeira.
- 5) Você acredita ser importante aprender sobre o uso do dinheiro?
 - Sim.
 - Não.

Cite três vantagens, caso a resposta à questão anterior tenha sido 'sim', ou desvantagens, caso a resposta à questão anterior tenha sido 'não', que você acredita que a Educação Financeira pode trazer para sua vida.

- 6) Você tem conhecimento sobre algum projeto/iniciativa da escola sobre Educação Financeira?
 - Sim.

- Não.
- 7) Você acredita ser importante estudar Educação Financeira na escola?
- Sim.
 - Não.
 - Nem concordo e nem discordo.
- 8) Você acredita que sua família (incluindo você) tem um bom controle financeiro?
- Sim.
 - Não.
- 9) Você recebe/gerencia algum tipo de dinheiro?
- Sim.
 - Não.
- 10) Você já prestou algum tipo de trabalho para ter acesso a dinheiro?
- Sim.
 - Não.
- 11) Você recebe algum dinheiro mensal dos seus pais?
- Não recebo, nem trabalho.
 - Não recebo, pois já trabalho.
 - Recebo, e posso geri-lo de acordo com minha vontade.
 - Recebo, mas não posso geri-lo.
- 12) Qual a importância que você dá ao recebimento mensal de dinheiro?
- Ajudar na educação.
 - Nenhuma.
 - Pagar minhas contas.
 - Para gastar com o que gosto.
 - Outro.
- 13) Você acredita que sua família (incluindo você) poupa dinheiro?
- Sim, às vezes.
 - Sim, mas raramente.
 - Sim, com frequência.
 - Não.

14) Qual nível de relevância que você dá aos aspectos de Educação Financeira em cada um dos tópicos listados abaixo? (Adicione uma pontuação de acordo com o grau de relevância)

Tema	Relevância					
	0	2	4	6	8	10
O que é o dinheiro, sua Importância.						
Valor do dinheiro no tempo.						
Juros.						
Orçamento, controle das finanças.						
Consumo consciente, classificação dos gastos.						
Poupar, investir.						
Serviços bancários (abertura de uma conta, cheque, cheque especial, custos e taxas, empréstimos, seguros, previdência).						
Malefícios e Benefícios do cartão de crédito.						
Prestações, pagamentos antecipados.						

15) Sobre os seus familiares, como se dá a relação com o dinheiro?

- Sempre conversamos sobre dinheiro, estabelecendo os objetivos e sonhos em conjunto e individuais e planejando para isso.
- Tem uma pessoa que é a responsável pela administração das finanças e que passa as diretrizes de gastos mensais para todos.
- Quase não existe controle nem debate sobre o assunto, só quando a situação aperta, fora isso, vamos nos adequando e vivendo.

16) Como você faz o controle de suas finanças?

- Periodicamente, faço um levantamento de todos os meus gastos para que possa saber para onde está indo meu dinheiro e onde estão os excessos.
- Faço este levantamento ininterruptamente, todos os dias, pois não se pode bobear quando o tema é dinheiro.
- Não faço esse tipo de levantamento, pois não acho necessário.

17) Em caso de endividamento, em função de um imprevisto, qual seria a ação a ser tomada?

- Antes de sair pagando as dívidas, busco saber o que me levou a esta situação, trabalhando a causa do problema e não o efeito.
- Tento estabelecer uma estratégia para pagar a dívida, cortando o que for possível.
- Entro em desespero, pois não sei como fazer para arcar com o endividamento e busco ajuda.

18) Para você, qual a importância que o dinheiro deve ter para as pessoas?

- Dinheiro é uma ferramenta imprescindível para a realização de sonhos materiais e não materiais.
- É uma necessidade básica das pessoas, para que, com ele, possa ser feliz e comprar o que quiser.
- Dinheiro foi criado para ser gasto, assim, quanto mais se ganha, mais se deve gastar.

19) O que você quer para o seu futuro?

- Garantir o sossego da família se dedicando bastante aos estudos hoje.
- Poder viajar e desfrutar mais, mas com receio de terminar o mês sem dinheiro para as contas.
- Viajar bastante e aproveitar o momento, pois o dinheiro é só uma forma de conquistar o que deseja.

Apêndice b - O auto do endividamento – versão adaptada do auto da compadecida de ariano suassuna

Cenário: a esquerda do palco um telão tecnológico ao lado a padaria, no meio o centro de Taperoá, e a direita a igreja.

Figura-26: Cenário O Auto do Endividamento



Fonte: Autor (2023)

Legenda do vídeo introdutório exibido no telão:

Mas rapaz, quem diria, estamos novamente em Taperoá para reviver algumas histórias e trazer novidades. Personagem novo na área, Futura, ela vem trazer coisas novas, ela vem trazer tecnologia, e inovação. Será que isso vai dar certo? Será que Chicó e João Grilo vão se dar bem? Ou vão precisar novamente da misericórdia da Compadecida? Bora, simbora! Que eu tô com pressa! Vamos assistir, acompanhar e ver no que vai dar! Com vocês, Futura!

(Foi utilizado voz artificial para narrar o vídeo que contém montagem de fotos dos personagens do Auto da Compadecida, como também um pequeno trecho de um vídeo exibindo tecnologias)

Figura-27: Captura de tela do vídeo introdutório do Auto do Endividamento



Fonte: Autor (2023)

Cena 1

Futura: (é uma personagem futurística responsável por apresentar tecnologias e inovações financeiras ao sertão)

Futuros amigos, me escutem com atenção,
Cheguei em Taperoá, essa bela nação.
Com tecnologia e novidades na mão,
Vim revolucionar o financeiro do sertão.

Preparem-se, queridos, é uma viagem sem igual,
Um show de engenhoca, algo fenomenal.
Peço que aguardem com paciência, por favor,
As surpresas que reservo serão de grande valor.

(Enquanto a personagem fala no telão é exibido o vídeo Samsung | O Futuro disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3byi4h-hyew>)

Figura-28: Captura de Tela do vídeo Samsung | O Futuro



Fonte: Autor (2023)

Cena 2

(Os demais personagens entram em cena. O padeiro está em frente a padaria com uma placa que diz "Aceitamos Cartões!")

Figura-29: Aceitamos cartões!



Fonte: Autor (2023)

Padeiro: (empolgado, gesticulando) oiá só, povo de Taperoá! Chegaram os cartões modernos pra facilitar a vida de vocês. Futura vai explicar tudinho, bem fácil de engolir!

(Futura, nesse momento apresentará três cartões de crédito para exemplificar o funcionamento das vantagens, tarifas e afins)

Futura: (animada) oi, pessoal! Tô aqui pra mostrar esses cartões: o "Felicicard", o "Lampião Premium" e o "Visa do Sertão". As taxas de juros são facinhas de entender!

(No telão tecnológico aparece os cartões e suas descrições, e na sequência é mostrado um produto com valor alterado devido as parcelas. A personagem Futura explica o que está sendo exposto no telão)

Figura-30: Cartão Felicidadard



Fonte: Autor (2023)

Figura-31: Descrição cartão Felicidadard

Anuidade	Limite de crédito	Benefícios	Renda mínima
Gratuita	Personalizado	Descontos	R\$ 0,00

- **DESCONTOS EM PARCEIROS NO MARKETPLACE DO FELICICARD.**
- **CARTÃO DE CRÉDITO VIRTUAL: SUAS COMPRAS ONLINE MAIS SEGURAS!**
- **SADUE GRÁTIS ILIMITADOS NA REDE BANCO 24HORAS.**
- **FUNÇÃO CONTACTLESS: PAGAMENTO POR APROXIMAÇÃO.**
- **PAGUE BOLETO COM O SEU CARTÃO DE CRÉDITO FELICICARD.**
- **COBERTURA: ACEITO EM MAIS DE 210 PAÍSES.**

Fonte: Autor (2023)

Figura-32: Cartão Lampião Premium



Fonte: Autor (2023)

Figura-33: Descrição cartão Lampião Premium

Anuidade	Limite de crédito	Benefícios	Renda mínima
12 x R\$ 55,00	Limite a partir de R\$ 4.600,00.	De 2,2 até 2,6 pontos por Dólar	R\$ 5.000,00

- PROGRAMA TUDOAZUL: GANHE 2,6 PONTOS POR CADA DÓLAR GASTO EM COMPRAS NA AZUL.
- PONTOS BÔNUS: MANTENDO O GASTO DE R\$ 4 MIL POR FATURA DURANTE OS 3 PRIMEIROS MESES, VOCÊ GANHA 12 MIL PONTOS BÔNUS.
- 10% DE DESCONTO EM PASSAGENS AZUL, CLUBE TUDOAZUL, COMPRA DE PONTOS E NA AZUL VIAGENS.
- PARCELAMENTO EM ATÉ 21 VEZES SEM JUROS EM PASSAGENS AZUL E PACOTES DA AZUL VIAGENS.
- 2 BAGAGENS GRÁTIS EM VOOS DOMÉSTICOS E EM VOOS INTERNACIONAIS (EUA/EUROPA); 1 BAGAGEM GRÁTIS EM VOOS PARA A AMÉRICA DO SUL.
- ACESSO A SALA VIP DO EMBARQUE INTERNACIONAL EM VIRACOPOS (LOUNGE AZUL) E EMBARQUE NACIONAL EM CONGONHAS (LATITUDE WORKSPACES) TITULAR E ADICIONAL.

Fonte: Autor (2023)

Figura-34: Cartão Visa do Sertão



Fonte: Autor (2023)

Figura-35: Descrição cartão Visa do Sertão

 Anuidade Gratuita	 Limite de crédito Até R\$ 10.000*	 Benefícios Descontos	 Renda mínima R\$ 1000
--	--	---	--

- LIMITE ATÉ 10 MIL + ANUIDADE GRÁTIS: SUJEITO À APROVAÇÃO.
- 20% DE DESCONTO NA COMPRA DE VINHOS, CERVEJAS ESPECIAIS, QUEIJOS E MARCAS EXCLUSIVAS (QUALITÀ, TAEDE E CASINO).
- OFERTAS ESPECIAIS MASTERCARD: OFERTAS E DESCONTOS EM LOJAS E PARCEIROS SELECIONADOS.

Fonte: Autor (2023)

Figura-36: Chapéu de couro com acréscimo do cartão de crédito



Fonte: Autor (2023)

(Os personagens vão saindo de cena, ficando apenas João Grilo e Chicó ali, observando maravilhados)

João Grilo: (surpreso) Chicó, olha só esses cartões brilhantes! Isso é coisa de outro mundo, uma maravilha!

Chicó: (entusiasmado) é verdade, João! Lembro de quando o dinheiro era cruzeiro, e a gente carregava uma sacola de dinheiro só pra comprar umas coisinhas. Mas agora, olhando pra esses cartões, parece que a vida mudou mesmo!

João Grilo: (surpreso) Chicó, olha só esses cartões brilhantes! Isso é coisa de outro mundo, uma maravilha!

Chicó: (sorrindo) sabe, João, isso me lembra uma história de arrepiar cabelo de cobra que vivenciei uma vez...Era sobre um bode que encontrou uma moeda de ouro no tempo do cruzeiro lá em Coxixola...

João Grilo: homi, deixe de latomia, lá vem você com essas suas histórias!

Chicó: é João, só sei que foi assim...

João Grilo: ei, vamos lá no padeiro procurar emprego?

Chicó: bora!

(Toca Sagrama - Presepada - Trilha sonora "O Auto da Compadecida" enquanto Chicó e João Grilo caminham em direção a padaria)

Cena 3

Chicó: (Grita) ô de casa!

Padeiro: ô de fora! Quem é?

Chicó: sou eu, é sou eu mesmo. Ouvi dizer que o senhor tá precisando de ajudante.

Padeiro: por quê? Que me ajudar é?

Chicó: sim!

Padeiro: pois pode ajudar. Ajuda e Dinheiro são duas coisas que não se enjeitam!

(Entrega um balaio de pão para Chicó)

Chicó: quanto você paga?

Padeiro: eu já tô deixando você me ajudar, você que mais o quê?

(Segue mexendo nos balaies e Chicó observando)

João Grilo: eu não disse que você tinha a cara de besta Chicó!

Mulher do Padeiro: (toda interessada e oferecida olha para Chicó) você tá parado é?

Chicó: parado, esfomeado e aperreado!

João Grilo: e doido pra ajudar.

Mulher do Padeiro: pois o emprego é seu.

Padeiro: tudo bem o emprego é seu.

João Grilo: e o salário?

Mulher do Padeiro: o salário é pouco.

Padeiro: mas em compensação o serviço é muito!

João Grilo: serviço muito precisa de dois ajudantes.

Padeiro: eu pago os dois pelo preço de um.

João Grilo: e quanto é o preço de um?

Mulher do Padeiro: cinco tostões.

João grilo: (grita) cinco tostões tá bom pra tu Chicó?

Chicó: pra mim tá.

João Grilo: vamos fazer essa conta, Chicó trabalha por dois ganha cinco tostões pelo preço de um, eu trabalho por mais dois e recebo pelo preço de um.

Chicó: eu vou fazer tudo sozinho é?

João Grilo: claro que não, né Chicó, mais da metade você dá conta.

Chicó: mais da metade vá lá!

João Grilo: (fazendo os gestos com as mãos) Chicó trabalha por dois e ganha o preço de um e dá conta da metade do serviço e eu trabalho por dois, ganho o preço de um e dou conta da outra metade do serviço.

Padeiro: nada disso, eu falei dois pelo preço de um.

João Grilo: mas o senhor tá ganhando quatro pelo preço de dois, Patrão, o que ia dar no mesmo.

Padeiro: e é?

Mulher do Padeiro: é... Não sabe fazer conta, não é?

Padeiro: então tá fechado.

(Toca Sagrama - Presepada - Trilha sonora "O Auto da Compadecida" enquanto o padeiro sai com João Grilo e Chicó)

Cena 4

(Chicó retorna à padaria. A mulher do Padeiro, sedutora, se aproxima dele – toca a música Rói Couro trilha sonora do - "O Auto da Compadecida")

Mulher do Padeiro: (com um olhar provocante) Chicó, meu bem, tenho uma surpresinha pra você. Vou te dar um cartão de crédito Gold com milhas! Só que você só pode usar daqui a duas luas...

Chicó: (resistindo às tentações da mulher) ah, dona, não sei não... Promessas e tentações desse tamanho costumam ter um preço alto!

(Mulher do Padeiro se aproximando mais)

Mulher do Padeiro: (sensual) Chicó, querido, pense nas viagens que poderíamos fazer com esse cartão... Pra lugares paradisíacos, talvez?

Chicó: (começa a ceder) bem, eu sempre quis ver o mar... E viajar com milhas parece tão... tentador.

(Mulher do Padeiro sorri, revelando o cartão)

Mulher do Padeiro: (sussurrando) tá certo, Chicó. Aceita esse cartão e divirta-se com às milhas. Mas lembre-se, é um presente, viu?

Chicó: (sorrindo) Claro, dona. Um presente que vou aproveitar muito!

(Toca a música Rói Couro – Trilha sonora "O Auto da Compadecida" no momento que os personagens saem de cena)

Cena 5

(O padre está na igreja – Toca Treze de Maio – Música do céu trilha sonora "O Auto da Compadecida")

Chicó: (preocupado, falando com o padre) padre, a cachorrinha do Padeiro bateu as botas, e a patroa quer que o senhor faça o enterro em latim.

Padre: (rindo) em latim, Chicó? Isso não é comum, não. Você tá ficando é louco de vez!

João Grilo: (desesperado) padre, mas se fosse a cachorra do major o senhor enterrava! Mas é uma pena, a cachorra era herdeira e deixou uma boa bolada para resolver isso quando padecesse! E afinal, que mal têm de abençoar as criaturinhas de Deus?

Padre: (sorrindo) ah, agora a situação mudou, que criaturinha maravilhosa! Com dinheiro de boa-fé é diferente. Mas só aceito PIX! No cartão, só em 1x, com uma pequena tarifinha. Você sabe né, João? Não aceito dinheiro físico, senão o bispo fica de olho.

(Toca Sagrama - Presepada - Trilha sonora "O Auto da Compadecida" enquanto Chicó e João Grilo caminham saem de cena)

Cena 6

Padeiro: (furioso) ô, João Grilo! O que você tá fazendo? Tá comendo meus pães?

João Grilo: (dramático, fazendo gestos exagerados) eu, comendo pães? Imagine! Só estou provando pra garantir que o povo tenha uma boa comida, né? Você, miserável, não sabe reconhecer um crítico gastronômico!

(Padeiro revira os olhos e demite João Grilo)

Padeiro: (irritado) pra mim, chega! Você tá demitido, João Grilo! Saia da minha padaria agora mesmo!

(João Grilo, com raiva, faz um teatral gesto de saída)

João Grilo: (dramático) ah, me despeça à vontade, miseravi! Mas eu ainda tenho o meu trunfo, o limite do meu cartão, que será usado nas vendas desta região para não passar fome enquanto encontro outro emprego!

(A cena termina com João Grilo saindo da padaria, empunhando seu cartão como se fosse uma peixeira, enquanto Chicó e a mulher do padeiro observam com surpresa)

Cena 7

(Rosinha e Chicó conversam na praça. Chicó está todo empolgado com um folheto de "Breque Fraude", que é a sua versão do Black Friday.)

Chicó: (animado) Rosinha, minha flor, você não vai acreditar nas promoções do "Breque Fraude" que eu encontrei!

Rosinha: (espantada) "Breque Fraude," Chicó? Isso parece um nome suspeito... Será que não é propaganda enganosa?

Chicó: (defendendo sua descoberta) que nada, Rosinha! É uma chance única de economizar. Olha só essas ofertas, até um jegue ficaria tentado!

Figura -37: Oferta burro de raça



Fonte: Autor (2023)

(Rosinha pega seu celular e começa a pesquisar)

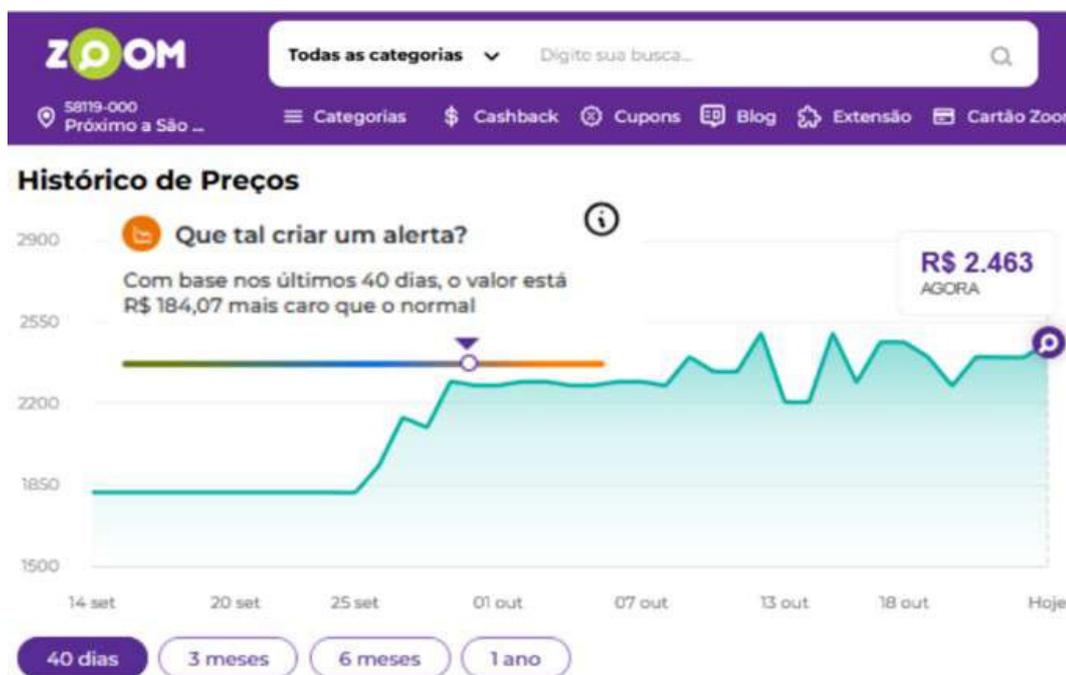
Rosinha: (séria) espere aí, Chicó. Não caio em promoções sem antes fazer minha lição de casa. Tem um site que mostra a linha do tempo dos preços dos produtos durante o ano. Vamos checar se essas ofertas são reais.

(Rosinha mostra a Chicó um site no celular)

Chicó: (surpreso) Rosinha, você é mesmo uma figura! Vamos ver o histórico de preços dessas ofertas.

(Eles começam a verificar os preços dos produtos no site e, enquanto Chicó fica desanimado com algumas ofertas duvidosas, Rosinha esfrega o queixo pensativamente)

Figura-38: Histórico de preço do burro de raça no site Zoom



Fonte: Autor (2023)

Rosinha: (triunfante) viu, Chicó? Algumas dessas promoções não são tão vantajosas quanto parecem. É importante não se deixar levar pela empolgação e sempre verificar a veracidade das ofertas.

Chicó: (sorridente) você tem razão, minha flor de laranjeira. É preciso ficar com os zói arregalados, especialmente em promoções que parecem boas demais para ser verdade.

Rosinha: (apaixonada) psé, Chicó, eu gosto de coisas simples, sabia? Não precisa gastar tanto pra me fazer sorrir.

Chicó: só podia ser minha iloviu!

Rosinha: oxi, e o que é isso, Chicó?

Chicó: morena em francês!

(A cena termina com Chicó e Rosinha saindo após verificar as ofertas e discutir os riscos das compras impulsivas)

Cena 8

(João Grilo, triste, fala consigo mesmo)

João Grilo: (refletindo) esse cartão me ajudou a não passar fome, mas agora estou com o nome no Serasa. O que vou fazer, meu Deus do céu?

(Chicó aparece, preocupado)

Chicó: (lamentando) João, usar o cartão sem pensar foi de lascar, e agora estamos atolados até o pescoço. Como vamos sair dessa fria?

Cena 9

(Severino, representando o Serasa, aparece)

Severino: (ameaçador) João Grilo, chegou a hora de pagar o pato! Vou levar o que me deve!

(Chicó, Vicentão e João Grilo se encontram endividados)

Chicó: (desesperado) Gente, estamos enrolados até o último fio de cabelo! Severino quer a nossa cabeça!

(Vicentão, com um plano)

Vicentão: (sorrindo) calma, Chicó, além de mole é caba besta, lembra das milhas do teu cartão que permitem uma viagem de ida e volta ao céu?

(Chicó, empolgado) exato! Posso convencer Severino a quitar as dívidas fazendo uma viagem divina pra encontrar Padre Cícero!

Severino: o amarelo mais amarelo que eu vou ter o prazer de matar.

João Grilo: (clama) um momento! Antes de morrer eu lhe queria fazer um grande favor.

Severino: qual é? **(puxando Chicó pela camisa)**

João Grilo: dá-lhe essas milhas do cartão do Padeiro de presente!

Severino: pra que eu quero milhas de presente?

João Grilo: é pra poder fazer uma viagem celestial. Você morre, encontra com Padim Ciço, eu toco essa gaiata e você volta.

Severino: só acredito vendo!

João Grilo: agora eu vou dar uma punhalada na barriga de Chicó.

Chicó: oxe! Na minha não.

João Grilo: homi, quer saber do que mais, vamos deixar de conversa e tome lá **(dá a punhalada na bexiga que está presa na barriga de Chicó e fala baixinho: a bexiga!)** em voz alta morre desgraçado!

(Chicó cai no chão desfalecendo)

João Grilo: está vendo o sangue?

Severino: Tô, de você ter dado a facada isso eu nunca duvidei, agora eu quero ver é você curar o homem.

João grilo: É já! (começa a tocar a gaita – toca a música Pulo da Gaita – Trilha “O Auto da Compadecida” ... **Chicó** começa devagarinho mexendo os dedos e depois dança com **João Grilo**)

Severino: você não tá sentindo nada?

Chicó: nadinha!

Severino: e antes?

Chico: antes, quando?

Severino: antes de João tocar a gaita.

Chicó: ah, tava morto!

Severino: morto?

Chicó: completamente morto. (**Voz bem lesa**) Vi Nossa Senhora e o meu Padim Ciço no céu.

Severino: mas em tão pouco tempo, como foi isso?

Chicó: não sei, só sei que foi assim!

Severino: diga, o que foi que Padim Ciço lhe disse.

Chicó: disse assim: Essas milhas que eu abençoei aqui do céu entregue ela a Severino, que necessita muito mais delas do que você. (Música instrumental solene)

Severino: meu Deus! Só pode ter sido mesmo meu Padim Ciço.

João grilo: pode conhecê-lo agora.

Severino: e agora eu levo um tiro e vejo meu Padim Ciço?

João grilo: vê! Não vê Chicó?

Chicó: vê demais, tá lá vestida de azul com uma porção de anjinhos ao redor. Disse assim: Diga a Severino que eu quero vê-lo.

Severino: ah, eu vou. Atire!

(Após o tiro, a cena congela, Futura e o restante dos personagens entram em cena assustados.)

Futura:

Taperoá, que reviravolta, que loucura sem igual,
Com a tecnologia, evidenciou a desigualdade social.
Uns se deram bem, outros, não vou negar,
Chicó e João Grilo, com o cartão, foi de lascar.

Celulares tocando, o PIX sem parar, é verdade,
Mas para esses dois, a situação não foi de celebrar.
No mundo digital, a falta de conhecimento pesou,
E com o cartão de crédito, a dívida aumentou.

Mas com humor e riso, aqui nós continuamos,
E Taperoá, com ou sem cartão, seguirá avançando.
A tecnologia, com jeitinho, podemos encarar,
Lembrando que, na vida, é preciso se equilibrar.

Com esse teatro, fica a lição assinalada,
Que a tecnologia, com sabedoria, é bem-vinda, ensinada.
Então, com alegria, risos e celebração,
Encerramos o ato com toda a nossa gratidão!"

Apêndice c – Formulário final



BRÁULIO MAIA - FEEDBACK SOBRE O EVENTO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA

OLÁ! POR GENTILEZA, RESPONDA ÀS PERGUNTAS ABAIXO DE ACORDO COM SUA EXPERIÊNCIA!

* Indica uma pergunta obrigatória

QUAL PROJETO VOCÊ PARTICIPOU? *

PEÇA AUTO DO ENDIVIDAMENTO

DE OLHO NA SAÚDE FINANCEIRA: SERASA

Próxima Página 1 de 4 [Limpar formulário](#)

1- Você gostou de ver novas formas de explorar a Matemática, tais como o uso do teatro e simulação da Serasa? A disciplina torna-se mais agradável? (Explique porque)

Sua resposta

2- Por meio da sua experiência você acredita que consegue ver a matemática presente na tomada de decisões financeiras simples do dia a dia, e perceber sua importância?

Exemplo: como escolher a forma de pagamento na padaria!

Sua resposta

[Voltar](#) [Próxima](#) Página 2 de 4 [Limpar formulário](#)

Sobre os impactos gerados pelas experiências do projeto avalie a contribuição do projeto para cada aspecto, numa escala de zero a cinco, onde zero representa insignificância e cinco representa o nível máximo de significância.

I. Sobre o estudo da matemática financeira *

- 0
- 2
- 4
- 6
- 8
- 10

II. Sobre a conscientização relativa à questão financeira *

- 0
- 2
- 4
- 6
- 8
- 10

III. Sobre a conscientização das origens das desigualdades sociais *

- 0
- 2
- 4
- 6
- 8
- 10

IV. Sobre a motivação para participar das atividades *

- 0
- 2
- 4
- 6
- 8
- 10

V. Sobre a sua participação nas discussões *

- 0
- 2
- 4
- 6
- 8
- 10

[Voltar](#)

[Próxima](#)

 Página 3 de 4 [Limpar formulário](#)

4- Na peça Auto do Endividamento os personagens Chicó e João Grilo estão endividados no penúltimo ato, refletindo sobre as consequências do uso do cartão de crédito, ambos sem os conhecimentos necessários para utilizá-lo de forma consciente e responsável. Leia os fragmentos retirados das falas dos personagens mencionados e os títulos das manchetes abaixo e responda o que se pede.

-**João Grilo:** (refletindo) esse cartão me ajudou a não passar fome, mas agora estou com o nome no Serasa. O que vou fazer, meu chapa?

-**Chicó:** (lamentando) João, usar o cartão sem pensar foi de lascar, e agora estamos atolados até o pescoço. Como vamos sair dessa fria?

Manchete de jornal: **"Endividamento atinge 80% das famílias mais pobres em setembro, um recorde, diz CNC"**

Manchete de jornal: **"Brasil bate recorde de endividados: 'Com nome sujo, a gente não é nada'"**

Para Aristóteles "a arte imita a vida", sendo a arte uma técnica estratégica usada para vencer os empecilhos que sozinha a natureza tem dificuldades para superar. A partir disso, você consegue identificar uma aproximação do que foi exposto no teatro com a situação das manchetes? De que forma? Justifique!

Sua resposta

Apêndice d – Estrutura de olho na saúde financeira



DE OLHO NA SAÚDE FINANCEIRA:



COORDENADORA DO GRUPO: FICARÁ RESPONSÁVEL POR EXPLICAR O QUE É A SERASA, COMO TAMBÉM CONDUZIR AS PESSOAS A CADA SETOR

SETOR 1



UM VISITANTE É CONVIDADO A PARTICIPAR DE UMA DINÂMICA DA EMPRESA, INICIALMENTE CONSULTANDO SEU CPF NA URNA 1

URNA 1 - SITUAÇÃO DO CPF NA SERASA

PARABÉNS! SEU NOME ESTÁ LIMPO NO SERASA!

ATENÇÃO! VOCÊ ESTÁ NEGATIVADO!



ATENDENTE 1:
RESPONSÁVEL POR APRESENTAR A URNA 1

OBSERVAÇÃO: SÓ PARTICIPA DA DINÂMICA DA URNA 2 QUEM ESTÁ COM O NOME LIMPO NA SERASA! EM CASO DE ESTÁ COM O NOME SUJO OUVIRÁ APENAS AS EXPLICAÇÕES DOS ATENDENTES!

SETOR 2

ATENDENTE 3:

ATENDENTE 2:

URNA 2 - PONTUAÇÃO DO SCORE

982	788
189	576
901	200
900	200
742	801



SETOR 3

ATENDENTE 4:

URNA 1 - VALOR DA DÍVIDA

DESCRIÇÃO DO SERVIÇO	VALOR DA DÍVIDA	VALOR DA DÍVIDA	VALOR DA DÍVIDA	VALOR DA DÍVIDA
1	1000	1000	1000	1000
2	1000	1000	1000	1000
3	1000	1000	1000	1000
4	1000	1000	1000	1000
5	1000	1000	1000	1000
6	1000	1000	1000	1000
7	1000	1000	1000	1000
8	1000	1000	1000	1000
9	1000	1000	1000	1000
10	1000	1000	1000	1000
11	1000	1000	1000	1000
12	1000	1000	1000	1000
13	1000	1000	1000	1000
14	1000	1000	1000	1000
15	1000	1000	1000	1000
16	1000	1000	1000	1000
17	1000	1000	1000	1000
18	1000	1000	1000	1000
19	1000	1000	1000	1000
20	1000	1000	1000	1000
21	1000	1000	1000	1000
22	1000	1000	1000	1000
23	1000	1000	1000	1000
24	1000	1000	1000	1000
25	1000	1000	1000	1000
26	1000	1000	1000	1000
27	1000	1000	1000	1000
28	1000	1000	1000	1000
29	1000	1000	1000	1000
30	1000	1000	1000	1000
31	1000	1000	1000	1000
32	1000	1000	1000	1000
33	1000	1000	1000	1000
34	1000	1000	1000	1000
35	1000	1000	1000	1000
36	1000	1000	1000	1000
37	1000	1000	1000	1000
38	1000	1000	1000	1000
39	1000	1000	1000	1000
40	1000	1000	1000	1000
41	1000	1000	1000	1000
42	1000	1000	1000	1000
43	1000	1000	1000	1000
44	1000	1000	1000	1000
45	1000	1000	1000	1000
46	1000	1000	1000	1000
47	1000	1000	1000	1000
48	1000	1000	1000	1000
49	1000	1000	1000	1000
50	1000	1000	1000	1000

ATENDENTE 5:

URNAS QUE NÃO PODEM SER RENEGOCIADAS

- Dívidas de consumo;
- Dívidas de água, gás, internet e gás;
- Dívidas com bancos e financeiras, exceto dívidas vinculadas a cartão de crédito;
- Dívidas;
- Pensões;

URNAS QUE NÃO PODEM SER RENEGOCIADAS

- Dívidas de aluguel;
- Dívidas de aluguel;
- Dívidas de aluguel com garantia real;

ATENDENTE 6:

URNAS QUE NÃO PODEM SER RENEGOCIADAS

URNAS QUE NÃO PODEM SER RENEGOCIADAS

URNAS QUE NÃO PODEM SER RENEGOCIADAS

SETOR 4

ATENDENTE 7:

URNA 1 - VALOR DA DÍVIDA

DESCRIÇÃO DO SERVIÇO	VALOR DA DÍVIDA	VALOR DA DÍVIDA	VALOR DA DÍVIDA	VALOR DA DÍVIDA
1	1000	1000	1000	1000
2	1000	1000	1000	1000
3	1000	1000	1000	1000
4	1000	1000	1000	1000
5	1000	1000	1000	1000
6	1000	1000	1000	1000
7	1000	1000	1000	1000
8	1000	1000	1000	1000
9	1000	1000	1000	1000
10	1000	1000	1000	1000
11	1000	1000	1000	1000
12	1000	1000	1000	1000
13	1000	1000	1000	1000
14	1000	1000	1000	1000
15	1000	1000	1000	1000
16	1000	1000	1000	1000
17	1000	1000	1000	1000
18	1000	1000	1000	1000
19	1000	1000	1000	1000
20	1000	1000	1000	1000
21	1000	1000	1000	1000
22	1000	1000	1000	1000
23	1000	1000	1000	1000
24	1000	1000	1000	1000
25	1000	1000	1000	1000
26	1000	1000	1000	1000
27	1000	1000	1000	1000
28	1000	1000	1000	1000
29	1000	1000	1000	1000
30	1000	1000	1000	1000
31	1000	1000	1000	1000
32	1000	1000	1000	1000
33	1000	1000	1000	1000
34	1000	1000	1000	1000
35	1000	1000	1000	1000
36	1000	1000	1000	1000
37	1000	1000	1000	1000
38	1000	1000	1000	1000
39	1000	1000	1000	1000
40	1000	1000	1000	1000
41	1000	1000	1000	1000
42	1000	1000	1000	1000
43	1000	1000	1000	1000
44	1000	1000	1000	1000
45	1000	1000	1000	1000
46	1000	1000	1000	1000
47	1000	1000	1000	1000
48	1000	1000	1000	1000
49	1000	1000	1000	1000
50	1000	1000	1000	1000

ATENDENTE 1:

URNAS QUE NÃO PODEM SER RENEGOCIADAS

- Dívidas de consumo;
- Dívidas de água, gás, internet e gás;
- Dívidas com bancos e financeiras, exceto dívidas vinculadas a cartão de crédito;
- Dívidas;
- Pensões;

URNAS QUE NÃO PODEM SER RENEGOCIADAS

- Dívidas de aluguel;
- Dívidas de aluguel;
- Dívidas de aluguel com garantia real;

104

Anexo a – Material de apoio de olho na sua saúde financeira: a serasa

O QUE É A SERASA?

A Serasa é uma empresa privada e se consolidou como uma referência em análises e informações para decisões de crédito. Em outras palavras, é um birô de crédito que reúne dados enviados por lojas, bancos e instituições financeiras. Com tanta informação, a Serasa tem um banco de dados que, reunidos, definem o perfil de crédito de milhões de brasileiros. Atualmente, são feitas mais de 6 milhões de consultas diárias por mais de 500 mil clientes. Vale ressaltar que, ao contrário do que muita gente pensa, a Serasa não é um órgão governamental. Ela é uma empresa privada que oferece soluções de crédito, certificação e consulta de dados para companhias de todos os segmentos.

Para os brasileiros que estão negativados, a Serasa criou uma ferramenta que funciona como intermediadora entre os consumidores e as instituições credoras: o Serasa Limpa Nome. O objetivo é firmar parcerias com as empresas para que os consumidores tenham acesso a melhores condições para negociar e quitar suas dívidas. Tudo isso porque a Serasa tem como um de seus principais objetivos ser uma parceira dos brasileiros e ajudá-los a organizar sua vida financeira.

E O QUE É O SERASA LIMPA NOME?

De acordo com o Mapa da Inadimplência, o estudo mais recente sobre endividamento realizado pela Serasa, cerca de 62,5 milhões de brasileiros estão com o nome sujo. Para ajudar os brasileiros que se encontram nessa situação, a Serasa criou o Serasa Limpa Nome, que é a maior plataforma de negociação de dívidas do país. A solução é voltada para os consumidores que querem sair da negativação de forma rápida e segura.

Na prática, o Serasa Limpa Nome funciona como um intermediador entre os consumidores e as empresas credoras, oferecendo melhores condições de negociação de dívidas. É possível fazer acordos com bancos, universidades, cartões de crédito, empresas de telefonia e muito mais com prazos mais flexíveis e descontos que podem chegar a 90% do valor total da dívida

O QUE É O DESENROLA BRASIL?

O **Desenrola Brasil** é uma iniciativa do Governo Federal que visa ajudar a renegociação de dívidas da população, podendo auxiliar na redução do endividamento do país. Regulamentado via Portaria Normativa MF Nº 634/23 e Portaria Normativa MF Nº 733/23, o programa Desenrola Brasil começou a operar em 17 de julho de 2023. O programa

se iniciou pela **Faixa 2**, que contempla pessoas com renda mensal de até R\$20 mil e cujas dívidas em face de bancos foram inscritas em cadastros de inadimplentes até 31 de dezembro de 2022.

Escolhida como parceira por algumas das principais instituições financeiras do país para ser um dos canais de negociações das dívidas que fazem parte da Faixa 2 do Programa Desenrola Brasil, a Serasa disponibiliza ofertas em seu aplicativo e site. No dia 25 de setembro de 2023 começou a nova fase do Desenrola Brasil para a **Faixa 1**, voltada para pessoas com renda de até 2 salários-mínimos (R\$2.640) ou que estejam inscritas no CadÚnico e que tenham dívidas negativadas de até R\$5 mil.

Neste primeiro momento, será realizado o leilão de descontos, destinado aos credores inscritos no programa que devem oferecer os lances para descontos na renegociação de dívidas. De acordo com notícia divulgada pelo Ministério da Fazenda, a expectativa é de que o leilão ocorra até o dia 27 de setembro e a **abertura da plataforma** para os consumidores aconteça em outubro.

QUEM PODE PARTICIPAR DO DESENROLA BRASIL?

O programa é voltado para as pessoas com CPF negativado, ou seja, que têm dívida inscrita nos cadastros de inadimplentes dos birôs de crédito do país, como Serasa, SPC Brasil, Boa Vista e Quod, conforme as regras de cada faixa. Escolhida como parceira por algumas das principais instituições financeiras do país para ser um dos canais de negociações das dívidas que fazem parte da Faixa 2 do Programa Desenrola Brasil, a Serasa disponibiliza ofertas em seu aplicativo e site.

O PROGRAMA É VOLTADO PARA PESSOAS FÍSICAS E CONTEMPLA DUAS FAIXAS DE BENEFÍCIOS:

FAIXA 1

Pessoas que recebem até 2 salários-mínimos ou que estejam inscritos no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico), cujas dívidas tenham sido incluídas no cadastro de inadimplentes no período entre 1º de janeiro de 2019 e 31 de dezembro de 2022.

FAIXA 2

Destinada exclusivamente às pessoas físicas com renda mensal de até R\$20 mil e que tenham dívidas com bancos inscritas em cadastros de inadimplentes até 31 de dezembro de 2022, observadas as demais regras do Programa.

As instituições financeiras que aderirem ao programa poderão oferecer a seus clientes a possibilidade de renegociação de forma direta ou por meio dos canais de seus parceiros, e o prazo mínimo de pagamento é de 12 meses. Nessa faixa, as renegociações não contemplam a garantia do Fundo de Garantia de Operações, como ocorre na Faixa 1.

OS PRINCIPAIS PONTOS DO PROGRAMA DESENROLA BRASIL:

FAIXA 1

- Serão renegociadas as dívidas que tenham sido incluídas no cadastro de inadimplentes no período entre 1º de janeiro de 2019 e 31 de dezembro de 2022.
- As dívidas renegociadas podem ser de consumo, como água, luz, telefone, varejo e bancárias.
- De acordo com notícia do Ministério da Fazenda, 924 empresas se inscreveram voluntariamente no Programa Desenrola Brasil. Agora, as dívidas inscritas pelas empresas devem passar por um leilão para checar se são débitos que podem ser incluídos no Desenrola Brasil.
- Segundo divulgação do Ministério da Fazenda, entre os dias 25 e 27 de setembro, acontecerá um leilão para os credores darem os lances de maiores descontos para renegociação de dívidas negativadas bancárias e não bancárias. Os credores poderão fazer os lances de acordo com os lotes de dívidas, que estarão organizados por segmentos como serviços financeiros, securitizadoras, comércio varejista, eletricidade, telecomunicações, educação, saneamento, micro e pequenas empresas, entre outros; e por idade de dívidas, de acordo com o ano da inadimplência, em 2019, 2020, 2021 e 2022. Os descontos serão ofertados pelas empresas em lances individuais, sobre o valor de cada dívida, e observado o desconto mínimo estipulado para cada lote.
- As dívidas com os maiores descontos poderão ser renegociadas à vista ou em parcelamento com a garantia do governo. As dívidas que não tiverem acesso ao financiamento com garantia poderão ser pagas na plataforma, à vista, com o desconto oferecido pelo credor.
- A Faixa 1 não abrange dívidas com garantia real, de crédito rural, de financiamento imobiliário e operações com funding ou riscos de terceiros.

- Segundo a Portaria nº 634/23, as dívidas poderão ser quitadas à vista ou por financiamento bancário em até 60 meses, sem entrada, por 1,99% de juros ao mês, com a primeira parcela em 30 dias. O valor mínimo da parcela será de R\$50.
- Em caso de inadimplência do acordo, o Fundo Garantidor cobrirá o valor principal da dívida.

COMO PARTICIPAR?

- De acordo com a Portaria Normativa MF nº 634/23, os devedores da Faixa 1 que tiverem suas dívidas contempladas no leilão poderão acessar o Desenrola Brasil mediante cadastro e acesso ao site: gov.br.
- O cadastro na conta gov.br é gratuito e sem ele não é possível acessar o sistema para fazer a renegociação.

Passo a passo para se cadastrar no gov.br:

1. Acesse **www.gov.br** ou baixe o app Meu gov.br
 2. Selecione "Entrar com gov.br"
 3. Digite seu CPF e clique em "Continuar" para criar ou alterar sua conta.
- Para participar do Desenrola Brasil, os consumidores terão de habilitar contas de nível Prata ou Ouro, disponíveis tanto no app quanto no site do gov.br.

COMO HABILITAR O NÍVEL PRATA OU OURO:

- Após **logar na conta gov.br** o usuário poderá escolher algumas opções para aumentar o nível para:

PRATA

1. Selos de Confiabilidade: por meio do serviço disponível no site do gov.br;
2. Reconhecimento facial: pelo aplicativo gov.br para conferência da foto do consumidor nas bases da **Carteira de Habilitação (CNH)**;
3. Internet Banking: validação dos dados via **internet banking** de um **banco credenciado** (Banco do Brasil, Banrisul, Bradesco, Banco de Brasília, Caixa Econômica, Sicoob, Santander, Itaú, Agibank, Sicredi e Mercantil do Brasil);
4. SIGEPE: validação dos dados do usuário (no caso de servidores públicos federais);

OURO

1. Selos de Confiabilidade: por meio do serviço disponível no site do gov.br;

2. Reconhecimento facial: pelo aplicativo gov.br para conferência da foto do consumidor nas bases da **Justiça Eleitoral** (TSE);
3. Carteira de Identidade (CIN): validação dos dados utilizando o **aplicativo gov.br** para ler o QR Code do CIN;
4. Certificado Digital: validação dos dados com Certificado Digital compatível com **ICP-Brasil**

FAIXA 2

- As operações no âmbito do Faixa 2 estão sendo realizadas desde de 17 de julho.
- São negociadas dívidas que tenham sido inscritas nos birôs de crédito até 31 de dezembro de 2022, e cujo devedor tenha renda de até R\$20 mil.
- Cada banco negocia suas próprias dívidas, as quais podem ser pagas no mínimo em até 12 meses.
- As ofertas estão disponíveis na plataforma Serasa Limpa Nome desde 17 de julho, quando se iniciaram oficialmente as negociações do programa.
- Nessa faixa, as negociações não contemplam a garantia do Fundo de Garantia de Operações (FGO). Contudo, o Governo Federal oferece aos credores, em troca de descontos nas dívidas, um incentivo regulatório para que aumentem a oferta de crédito.

COMO PARTICIPAR?

- As negociações de dívidas na Faixa 2 do programa poderão ser realizadas diretamente com as instituições financeiras participantes ou nos canais indicados pelos agentes financeiros, como o Serasa Limpa Nome.
- É importante esclarecer que a Serasa não é operadora do Desenrola Brasil, mas um canal de renegociação das dívidas da Faixa 2 escolhido pelos principais bancos do país, o Serasa Limpa Nome, conforme permitido pela Portaria Normativa MF nº 634/23.

SCORE

A palavra “Score” tem origem inglesa e significa “pontuação”. E o Serasa Score é justamente isso: uma pontuação individual, ligada ao CPF de cada consumidor, e que ajuda as empresas na avaliação de risco para concessão de crédito ou realização de outros negócios,

como serviço de telefonia, aluguel de imóvel, contratação de fornecedor etc. Ainda que o Serasa Score seja a pontuação mais conhecida no mercado de crédito, existem outros modelos de pontuação ou nota de crédito calculada por outras empresas e birôs de crédito, com aspectos e fatores que influenciam de formas diferentes o cálculo.

A pontuação de crédito da Serasa varia de 0 a 1.000 e indica ao mercado a probabilidade de a pessoa pagar as contas em dia nos próximos meses. Antes de fechar negócio, as empresas fazem uma análise criteriosa, em que o Serasa Score geralmente é levado em consideração como um indicador relevante.

Assim, mesmo alguém com Serasa Score alto pode ter a solicitação negada devido a políticas e critérios internos das empresas. O contrário também é verdadeiro: nada impede que uma pessoa com pontuação mais baixa obtenha crédito no mercado, apesar de a probabilidade ser menor.

Imagine a seguinte situação: um jovem de 20 anos pede dinheiro emprestado a um conhecido e diz que devolverá o valor daqui a dois meses. Desconfiada, a pessoa consultada busca mais informações e descobre que o conhecido já havia solicitado empréstimo a terceiros e ainda não os pagou. Com essa informação, provavelmente a pessoa consultada vai pensar duas vezes antes de emprestar qualquer quantia.

No setor financeiro o princípio é o mesmo. Quanto mais indicadores de que a pessoa paga em dia as contas, maior a probabilidade de ela conseguir crédito em melhores condições, como juros mais baixos ou maior prazo de parcelamento. Essa análise é feita pelas empresas para ajudar a diminuir possíveis riscos de eventual inadimplência (falta de pagamento) do consumidor.

FONTE: MINISTÉRIO DA FAZENDA E SERASA

Anexo b – Ser especial de danuza leão

FOLHA DE S.PAULO

25/11/2012 - 03h00

Ser especial

Afinal, qual a graça de ter muito dinheiro? Quanto mais coisas se tem, mais se quer ter e os desejos e anseios vão mudando –e aumentando– a cada dia, só que a coisa não é assim tão simples. Bom mesmo é possuir coisas exclusivas, a que só nós temos acesso; se todo mundo fosse rico, a vida seria um tédio.

Um homem que começa do nada, por exemplo: no início de sua vida, ter um apartamento era uma ambição quase impossível de alcançar; mas, agora, cheio de sucesso, se você falar que está pensando em comprar um com menos de 800 metros quadrados, piscina, sauna e churrasqueira, ele vai olhar para você com o maior desprezo –isso se olhar.

Vai longe o tempo do primeiro fusquinha comprado com o maior sacrifício; agora, se não for um importado, com televisão, bar e computador, não interessa –e só tem graça se for o único a ter o brinquedinho. Somos todos verdadeiras crianças, e só queremos ser únicos, especiais e raros; simples, não?

Queremos todas as brincadeiras eletrônicas, que acabaram de ser lançadas, mas qual a graça, se até o vizinho tiver as mesmas? O problema é: como se diferenciar do resto da humanidade, se todos têm acesso a absolutamente tudo, pagando módicas prestações mensais?

As viagens, por exemplo: já se foi o tempo em que ir a Paris era só para alguns; hoje, ninguém quer ouvir o relato da subida do Nilo, do passeio de balão pelo deserto ou ver as fotos da viagem --e se for o vídeo, pior ainda-- de quem foi às muralhas da China. Ir a Nova York ver os musicais da Broadway já teve sua graça, mas, por R\$ 50 mensais, o porteiro do prédio também pode ir, então qual a graça? Enfrentar 12 horas de avião para chegar a Paris, entrar nas perfumarias que dão 40% de desconto, com vendedoras falando português e onde você só encontra brasileiros --não é melhor ficar por aqui mesmo?

Viajar ficou banal e a pergunta é: o que se pode fazer de diferente, original, para deslumbrar os amigos e mostrar que se é um ser raro, com imaginação e criatividade, diferente do resto da humanidade?

Até outro dia causava um certo frisson ter um jatinho para viagens mais longas e um helicóptero para chegar a Petrópolis ou Angra sem passar pelo desconforto dos congestionamentos.

Mas hoje esses pequenos objetos de desejo ficaram tão banais que só podem deslumbrar uma menina modesta que ainda não passou dos 18. A não ser, talvez, que o interior do jatinho seja feito de couro de cobra --talvez.

É claro que ficar rico deve ser muito bom, mas algumas coisas os ricos perdem quando chegam lá. Maracanã nunca mais, Carnaval também não, e ver os fogos do dia 31 na praia de Copacabana, nem pensar. Se todos têm acesso a esses prazeres, eles

passam a não ter mais graça.

Seguindo esse raciocínio, subir o Champs Elysées numa linda tarde de primavera, junto a milhares de turistas tendo as mesmas visões de beleza, é de uma banalidade insuportável. Não importa estar no lugar mais bonito do mundo; o que interessa é saber que só poucos, como você, podem desfrutar do mesmo encantamento.

Quando se chega a esse ponto, a vida fica difícil. Ir para o Caribe não dá, porque as praias estão infestadas de turistas --assim como Nova York, Londres e Paris; e como no Nordeste só tem alemães e japoneses, chega-se à conclusão de que o mundo está ficando pequeno.

Para os muito exigentes, passa a existir uma única solução: trancar-se em casa com um livro, uma enorme caixa de chocolates --sem medo de engordar--, o ar-condicionado ligado, a televisão desligada, e sozinha.

E quer saber? Se o livro for mesmo bom, não tem nada melhor na vida. Quase nada, digamos.



Danuza Leão, jornalista e escritora, aborda temas ligados às relações entre pais e filhos, homens e mulheres, crianças, adolescentes, além de outros assuntos do dia-a-dia. Publicou seu primeiro livro em 1992. Escreve aos domingos na versão impressa do caderno "Cotidiano".

Anexo c – Uso do cartão de crédito e o endividamento da população

Leia os textos com atenção! Na sequência reflita sobre: O Uso do Cartão de Crédito no Brasil e os Possíveis Impactos Causados no Cotidiano da População mais pobre (Classes D e E).

Endividamento atinge 80% das famílias mais pobres em setembro, um recorde, diz CNC 10/10/2022 às 10:30 | Atualizado 10/10/2022 às 13:32

O índice de famílias endividadas subiu no Brasil pelo terceiro mês seguido e, em setembro, chegou a 79,3%, segundo pesquisa divulgada nesta segunda-feira (10) pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). A entidade destaca que o número cresceu, mas com menos fôlego. O incremento em relação a agosto foi de 0,3 ponto, o menor desde abril deste ano. “A melhora progressiva do mercado de trabalho, as políticas de transferência de renda mais robustas e a queda da inflação geral nos últimos meses refletem-se positivamente na renda disponível. Mas o orçamento das famílias de menor renda segue apertado com nível de endividamento alto, bem como os juros elevados, que pioram as despesas financeiras associadas às dívidas em andamento”, destaca a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC).

O levantamento traz que 80,3% das famílias que têm renda de até dez salários-mínimos estão endividadas. [...] Segundo o levantamento, o cartão de crédito é o maior vilão entre os brasileiros. A modalidade de dívida representa mais de 85,6% das contas registradas. Logo em seguida aparecem os carnês, que correspondem a 19,4%. A PEIC considera para o cálculo do endividamento as pessoas que têm contas a vencer, como cheque especial, cartão de crédito, carnês de loja, crédito consignado, empréstimos e financiamentos de carros e imóveis. A pesquisa da CNC apontou ainda outro recorde negativo para o mês de setembro: 30% dos brasileiros estão inadimplentes, ou seja, com contas atrasadas. Foi a terceira alta seguida no índice, com 0,4 p.p. em relação a agosto. [...]

FONTE: CNN

Em Foco 'Para que pobre com cartão de crédito?' Símbolo de ascensão social para população de

renda mais baixa, cartões são agora atingidos pela recessão
Publicado em: 20/06/2017

Eu estava lendo o jornal e vi uma história constrangedora com um cidadão chamado Joe Weider Ferreira. Primeiro me chamou a atenção o nome dele – Joe Weider era americano, considerado o pai do fisiculturismo e, para quem viveu os anos 1980, um nome conhecido no Brasil em cursos de exercícios físicos por correspondência. Mas aquele outro da notícia, Joe Weider Ferreira, é um brasileiro, um trabalhador pertencente à classe C, e talvez um nome do qual nunca mais ouviremos falar. O seu cartão de crédito havia vencido e ele estava esperando um novo. Enquanto isso, foi com a mulher fazer compras. “Fomos ao mercado com o cartão da minha mulher e, ao tentar pagar a conta de R\$50, vimos que o dela também estava bloqueado”, conta Joe Weider Ferreira. “Foi chato. Eu tinha [o meu] há 10 anos. Já comprei televisão, máquina de lavar e celular com ele”.

Esta é a história constrangedora da qual eu falava. Está em reportagem de Fernando Nakagawa, do jornal Estado de S. Paulo (“Bancos cortam cartão de crédito de clientes com renda mais baixa”, 18/06/17). Não se trata de um caso isolado, diz a matéria: “Os bancos estão cortando os cartões de crédito dos clientes que julgam ser de maior risco, especialmente os das classes mais baixas. Só os dois maiores do país – Banco do Brasil e Itaú Unibanco – retiraram de circulação 1,2 milhão de cartões nos primeiros quatro meses deste ano, segundo dados informados pelas próprias instituições”. Os motivos seriam a recessão e a inadimplência.

É um daqueles assuntos que, por trás de sua aparência econômica, carrega gatilhos poderosos, como os que disparam sentimentos (autoestima) e escolhas políticas (“Comigo, o povo voltará a usar cartão de crédito” — qualquer marqueteiro que puder usar esta expressão com o seu candidato, vai usar). Nós aqui no Nordeste conhecemos bem isso: a população pobre que tem acesso ao cartão de crédito vê naquele pedaço de plástico o símbolo de uma ascensão que dá orgulho sobre o presente e esperança para o futuro. Muitas vezes, aquele que o consegue é o primeiro da família, ao longo de gerações. Ganha projeção inclusive na vizinhança – ele pode, por exemplo, “emprestar” o cartão, prática corriqueira que consiste em permitir que outra pessoa compre com ele e pague as “prestações” ao seu titular. Garante o acesso ao mundo do consumo – da TV, da máquina de lavar, do refrigerador, bens que não tinham antes. Se vocês me permitem uma comparação talvez exagerada (ou talvez não), é como o escravo que ao ser libertado procurava logo comprar sapatos. Era o símbolo do

homem liberto (alguns, dado o fato de terem passado muito tempo andando descalços, sentiam o desconforto de andar calçados – então penduravam os sapatos ao pescoço. O importante era demonstrar que eles também podiam adquirir o calçado do homem liberto. Ou seja: o símbolo).

Não sei se vocês lembram, mas houve uma época em que até reclamamos da prática abusiva do envio de cartões sem que os tivéssemos solicitados. Nesta época, informa a matéria do Estadão, o Brasil emitia um novo cartão “a cada dois segundos”. Entre 2008 e 2010, as operadoras “emitiram e enviaram quase 27 milhões aos brasileiros”. Em 2015 havia no país 165,2 milhões de cartões – o maior número atingido, desde que a série começou a ser computada, em 2008.

A matéria diz que “embora os clientes reclamem que estão sendo feitos cancelamentos sem aviso prévio”, os grandes bancos “afirmam que só cancelam os cartões por razões previstas em contrato, como atraso no pagamento”. E que, mesmo sem o cancelamento unilateral, “algumas operadoras usam de outras estratégias para pressionar o cliente a desistir do cartão, como diminuir o limite ou aumentar a cobrança da taxa de anuidade”.

Não nos move aqui a discussão especificamente econômica, que é área dos especialistas no tema, mas sim o fato como fenômeno de um Brasil que a cada dia dá mostras de semelhanças com o país de décadas atrás. Nesse fenômeno, as estatísticas surgem como legendas de fotografias amareladas de um Brasil de antigamente.

FONTE: DIÁRIO DO PERNAMBUCO

Como falta de dinheiro prejudica inteligência e afeta decisões 29 maio 2022

É um quadro familiar nos últimos tempos: o orçamento está apertado e entrar no vermelho tem sido uma constante. Eis que surge um gasto inesperado. O carro quebrou e o conserto vai sair muito mais do que se pensava: R\$3.000.

O cérebro precisa arrumar uma saída: atrasa algumas contas para garantir o dinheiro do mecânico? Faz só o pagamento mínimo do cartão de crédito no mês? Pede um empréstimo para socorrer as finanças que já vinham pressionadas? Independente do caminho escolhido, os esforços para se livrar de apuros financeiros - ou simplesmente sobreviver, caso de mais e

mais famílias brasileiras - têm significativas consequências sobre a cognição. É algo explicado pelo cientista comportamental Eldar Shafir, da universidade Princeton, nos EUA, e o economista Sendhil Mullainathan, de Harvard, em um livro de 2013 chamado *Escassez - Uma Nova Forma de Pensar a Falta de Recursos na Vida das Pessoas e nas Organizações* (editora Best Business). A dupla emprega o termo "banda larga mental" para ilustrar a capacidade cerebral em situações assim. Um computador com muitos programas abertos vai ter dificuldades para processar informação. A internet fica lenta. Os vídeos vão travar o tempo inteiro. Da mesma forma, uma cabeça cheia de problemas financeiros terá a performance prejudicada: ficará sobrecarregada e levará a decisões ruins. "A banda larga mental é muito limitada. Muitas vezes você precisa focar na urgência do agora e faz isso com competência: resolve o problema. Mas se esse movimento ocorrer o tempo inteiro, nunca será suficiente. Vai negligenciar outras áreas da sua vida", afirma o israelense Shafir à BBC News Brasil.

Para mensurar o impacto na inteligência, Shafir e Mullainathan realizaram um experimento semelhante à situação apresentada no começo do texto. Foram a um shopping da cidade norte-americana de Nova Jérsei e selecionaram pessoas de condições econômicas distintas. Primeiramente os participantes eram confrontados com a necessidade de arcar com uma despesa de US\$300 pelo carro que quebrou. Na sequência foram aplicados testes de Raven, que medem a inteligência fluida dos participantes. Os resultados não mostraram diferenças significativas entre ricos e pobres. No entanto, quando o valor foi alterado de US\$300 para US\$3.000 na situação hipotética apresentada, eles constataram que os mais pobres tiveram uma queda bastante considerável na pontuação (-13) aferida no método.

A inteligência prejudicada, claro, pode ser decisiva na tomada de decisões — principalmente em um contexto social com pouca margem para passos em falso. "Se eu cometo um erro, se faço um mau investimento, se esqueço de pagar uma taxa, é só uma irritação. Mas a vida segue. Se você é pobre e comete esses mesmos erros, o preço na vida será muito mais alto. Há menos espaço para erros, assim a vida fica mais complicada, mais difícil", diz o psicólogo. Pobreza e dívidas são constantemente atribuídas a falta de responsabilidade financeira e disciplina para poupar. É algo ecoado por coaches financeiros influentes e até pelo ministro da Economia. Em uma entrevista ao jornal Folha de S.Paulo, Paulo Guedes disse que "Os ricos capitalizam seus recursos. Os pobres consomem tudo".

Uma pesquisa recente do Serasa, no entanto, mostrou que 70% dos endividados com o cartão de crédito usaram essa forma de pagamento para comprar comida no supermercado. Ou

seja, a maioria ficou com o nome sujo para garantir algo básico do dia a dia. Em 2019 um levantamento da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) indicou que 67% dos consumidores brasileiros não conseguem guardar nada do que ganham. Desse total, 40% justificou que a renda muito baixa não permitia a poupança. Mas muitos podem se perguntar: onde entra o esforço individual, a responsabilidade pessoal, para sair da pobreza? "Responsabilidade pessoal é importante. Mas não é suficiente se o contexto trabalha contra você", diz Shafir. "Nós sempre damos o exemplo dos pilotos de avião. Se a cabine de pilotagem foi bem projetada, bem construída, e o piloto é responsável e tem bom conhecimento da função, a pilotagem irá bem. Se houver problemas estruturais na cabine, pilotos muito capazes e responsáveis podem derrubar um avião." O cientista comportamental afirma que pessoas de baixa renda, de fato, desenvolvem uma sabedoria de sobrevivência contra condições adversas. "Mas é apenas uma questão de tempo, azar ou circunstâncias antes que o tombo venha novamente." O cérebro vai dar um passo em falso em algum momento.

Decisões impulsivas

Flávia Ávila, especialista em economia comportamental e fundadora da consultoria In Behavior Lab, diz que "um dos pontos-chave da pobreza é que em momentos de escassez, seja de dinheiro ou de tempo, você tende a tomar decisões impulsivas, instintivas e menos racionais no geral". "Antigamente dizia-se que faltava informação para a pessoa pobre. Mas digo que apenas informação não é suficiente para gerar ação. Se gerasse, todo mundo era milionário. Informação a gente tem demais. Raramente a informação vai gerar mudança de comportamento." Ávila cita o Prêmio Nobel Daniel Kahneman, autor de *Rápido e Devagar: Duas Formas de Pensar* (editora Objetiva, 2011), que popularizou um modelo de tomada de decisões em que situações de escassez levam a julgamentos apressados - e eventualmente a más decisões.

Ela diz que o modelo é uma simplificação de um processo cerebral mais complexo, mas explica que "no sistema 1 existe a ideia de tomada de decisões mais instintivas e no 2, mais lentas e refletidas. Quando você está em uma situação de escassez, 95% do tempo é do tipo sistema 1". Shafir costuma ilustrar a situação com a imagem de "um incêndio, em que você não pergunta quanto custa o balde d'água que você precisa para apagar o fogo que está consumindo a sua casa".

Viés do presente

Fernando Fonseca, economista e professor da Universidade Federal do Tocantins, investigou na sua tese de doutorado a capacidade de poupar (ou não) de pessoas em condição de extrema pobreza no Bico do Papagaio, região no norte do Tocantins. Em outubro de 2021, o Brasil tinha 27 milhões de pessoas na pobreza (Renda de até R\$290 por mês), segundo levantamento da FGV Social. Os entrevistados do estudo de Fonseca tinham ingressos econômicos instáveis e dificuldade de acesso à educação e saneamento básico. O pesquisador analisou a "taxa de impaciência" dessa população em questionamentos do tipo "você prefere receber R\$100 hoje ou R\$150 daqui a uma semana?".

Uma das percepções foi de que as tomadas de decisão são orientadas pelo "viés de presente". "Essas pessoas muito pobres e trabalhadoras têm o horizonte temporal muito curto, não se visualizam no futuro. Então não é que esses gastos sejam irracionais, mas dado o excesso de preocupações que têm, desde alimentação, moradia e situações precárias, essas pessoas não conseguem ter nenhum tipo de planejamento", diz Fonseca.

Mesmo assim, algum esforço de economia era feito. Como se trata de um setor sem acesso a bancos, "desbancarizado", famílias no norte tocantinense tentavam uma espécie de poupança não-monetária: criar animais de médio e pequeno porte. "Para atender uma necessidade imediata. O animal tem liquidez, embora talvez seja vendido por um valor abaixo do esperado. Isso é forçado pelo período da fome, de seca intensa, nessa região."

Como aliviar a 'banda larga mental

Shafir, de Princeton, diz que "de uma certa forma, nossa vida seria mais fácil se fosse verdade que os pobres merecem ser pobres porque não se esforçam o suficiente ou não têm capacidade. Mas não: pensando que há pessoas que acabam na pobreza mesmo que tenham mérito, capacidade e inteligência, a vida parece injusta". "Os dados que temos mostram que os pobres estão muito focados e têm grande conhecimento de compra, de como conseguir o menor preço. Mas se você está focado em garantir o dia seguinte ou a próxima semana, você nunca vai pensar sobre o ano que vem. E aí tudo vira um grande desafio", diz. O psicólogo israelense considera que descobertas sobre economia comportamental fornecem um "otimismo de que políticas públicas possam fazer diferença, com ações na educação, transporte ou mesmo uma renda mínima". Ou seja, garantir padrões mínimos de vida alivia a sobrecarga em cima da "banda larga mental".

"E nem precisa ser apenas através do governo. Grandes corporações poderiam entender que dar melhores condições para seus funcionários leva a menos erros cometidos no

ambiente de trabalho. Ou seja, ajuda a própria empresa em nível corporativo fornecer padrões mínimos aceitáveis de trabalho." Para Flávia Ávila, do In Behaviour Lab, a pobreza e a extrema pobreza afetam "A sociedade como um todo: influencia questões econômicas, climáticas e até temas menos palpáveis. Está bem amadurecida a ideia de que a desigualdade social é prejudicial a sociedades que prosperam".

FONTE: CNN

Brasil bate recorde de endividados: 'Com nome sujo, a gente não é nada'

16 fevereiro 2023

Adriana da Silva Lins, de 47 anos e moradora da Vila Ema, na zona leste de São Paulo, trabalhava como ajudante geral na cozinha de uma escola. Ela perdeu o emprego e, sem renda em meio à pandemia, viu as dívidas se acumularem. “É dívida de cartão, dívida de banco. Eu vendia cosméticos e também fiquei em dívida com isso, porque não conseguia receber das minhas clientes e não consegui pagar pelos produtos da Boticário, Natura, Avon. Foi virando uma bola de neve”, conta a mãe de três filhos.

Atualmente fazendo bicos como diarista e recebendo o Auxílio Brasil há dois meses, ela estima suas dívidas em cerca de R\$20 mil – o que inclui também contas de luz em atraso. Com a mãe doente, a prioridade é comprar remédios e, assim, as dívidas vão ficando para depois. “Isso faz eu me sentir péssima. Eu sempre gostei de ter minhas contas em dia, de ter meu nome limpo. E, de repente, você se vê um nada. Porque, quando a gente não tem o nome limpo, a gente não é nada”, afirma.

A família de Adriana é uma de milhões de famílias brasileiras endividadas e inadimplentes – isto é, com dívidas em atraso. Os dois indicadores bateram recordes em 2022, segundo a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). E, com juros elevados e os mais pobres recorrendo ao crédito para fazer frente às despesas do dia a dia, o recorde poderá ser quebrado novamente este ano, prevê a entidade empresarial. Para endereçar o problema, o governo federal espera lançar ainda em fevereiro o programa Desenrola, de renegociação de dívidas.

Os detalhes do programa – uma das promessas de campanha do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) – ainda não foram divulgados, mas a expectativa é de que a iniciativa priorize cerca de 40 milhões de brasileiros endividados com renda até dois salários-mínimos

(R\$ 2.604, em valores atuais). O governo também pretende lançar ainda este mês o novo Bolsa Família, que deve substituir o programa Auxílio Brasil, criado pelo governo Jair Bolsonaro (PL). A mudança preocupa famílias de baixa renda que se endividaram com o empréstimo consignado do Auxílio Brasil – cujas parcelas são descontadas diretamente do benefício pago pelo governo federal. Elas temem mudanças no Cadastro Único e a possibilidade de serem excluídas do programa, ficando com a dívida do consignado para pagar.

“O cartão é um crédito de acesso muito fácil, oferecido inclusive pelo varejo e com limites baixos, que facilitam esse acesso”, observa Patrícia Camillo, gerente da Serasa. “Ele ainda é visto como um valor adicional ao orçamento mensal. As pessoas adquirem o cartão para fazer compras básicas, já considerando que, sem o cartão, o orçamento não é suficiente. Esse comportamento é o perigo do cartão e o que leva ele a ser o Top 1 das dívidas.” Segundo os dados da Serasa, o país tinha 69,4 milhões de inadimplentes em dezembro de 2022 e o valor médio das dívidas por pessoa era de R\$4,5 mil, somando um total de R\$312 bilhões em dívidas em atraso.

Ansiedade, insônia, depressão

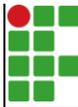
- 83% dos endividados têm dificuldade para dormir por conta das dívidas;
- 78% têm surtos de pensamentos negativos devido aos débitos vencidos;
- 74% afirmam ter dificuldade de concentração para realizar tarefas diárias;
- 62% sentem impactos no relacionamento conjugal;
- 61% vivem sensação de “crise e ansiedade” ao pensar na dívida;
- 53% revelam sentir “muita tristeza” e “medo do futuro”;
- 51% têm vergonha da condição de endividado;
- 33% não se sentem mais confiantes em cuidar de suas próprias finanças;
- 31% sentem impacto das dívidas no relacionamento com familiares.

Tatiane, de 35 anos, está enfrentando essa realidade.

Antes empregada com carteira assinada, ela deixou o emprego em meio a uma gravidez de risco e agora trabalha por conta própria, vendendo roupas e produtos naturais. De um ano para cá, suas vendas diminuíram e ela acabou se endividando em três cartões e com o fornecedor dos produtos que vende. “Com tudo isso, eu comecei a ter uma ansiedade muito forte, que eu não tinha. A ponto de não conseguir dormir, sentir dor no peito, ficar chorando o tempo todo”, conta a trabalhadora autônoma. “Eu tenho duas crianças pequenas, as contas

vão chegando. Nada espera e é muito complicado a gente ver as contas vencendo, as crianças precisando das coisas. Você começa a entrar em desespero, de ver que você não está conseguindo arcar com as obrigações.”

FONTE: BBC

	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
	Campus Campina Grande - Código INEP: 25137409
	R. Tranquílino Coelho Lemos, 671, Dinamérica, CEP 58432-300, Campina Grande (PB)
	CNPJ: 10.783.898/0003-37 - Telefone: (83) 2102.6200

Documento Digitalizado Ostensivo (Público)

Entrega de TCC

Assunto:	Entrega de TCC
Assinado por:	Joales Costa
Tipo do Documento:	Anexo
Situação:	Finalizado
Nível de Acesso:	Ostensivo (Público)
Tipo do Conferência:	Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- Joales da Silva Costa, ALUNO (201821230013) DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA - CAMPINA GRANDE, em 22/08/2025 17:26:01.

Este documento foi armazenado no SUAP em 22/08/2025. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 1583544

Código de Autenticação: c67eca774d

